



DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO

no 312.
5.56

“A ORIGEM DO SISTEMA EDUCACIONAL DE BRASÍLIA”

(CRIAÇÃO DA CASEB, 22.12.1959)

GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL

José Ornellas de Souza Filho

SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Eurides Brito da Silva

DIRETOR DO DPTº DE PLANEJAMENTO EDUCACIONAL

Gildo Willadino

PROJETO DE ARQUIVO DA MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO EM BRASÍLIA

GDF – SEC – DEPLAN

BRASÍLIA

1984

D614

Distrito Federal (Brasil). Departamento de Planejamento Educacional.

A Origem do Sistema Educacional de Brasília: Criação da CASEB, 22/12/1959 / elaboração de Celso Bubeneck, Gildo Willadino, Regina Márcia de Jesus Lima. — Brasília : Departamento de Planejamento Educacional, 1984.

125 p.

'Projeto de Arquivo da Memória da Educação em Brasília'.

1. Educação — história — Brasília (DF, Brasil).

I. Bubeneck, Celso II. Willadino, Gildo. III. Lima, Regina Márcia de Jesus, IV. Título.

CDU: 37:981.741(091)

ELABORAÇÃO:

CELSO BUBENECK

GILDO VILLADINO (coordenador)

REGINA MÁRCIA DE JESUS LIMA

SUMÁRIO

	PÁG
Apresentação.....	7
1. O PLANO PILOTO DE LÚCIO COSTA	9
2. O PLANO DE CONSTRUÇÕES ESCOLARES DE BRASÍLIA	11
3. PERÍODO PRECEDENTE À CASEB	17
4. INSTITUIÇÃO DA CASEB.....	28
5. DEPOIMENTO DO PROFESSOR ARMANDO HILDEBRAND	55
6. NOTÍCIAS DO CORREIO BRAZILIENSE À ÉPOCA DO INÍ- CIO DAS AULAS DO ANO LETIVO DE 1960.....	69
6.1. – Início das Aulas (CB, domingo, 15 de maio de 1960)	
6.2. – Início das Aulas (CB, domingo, 15 de maio de 1960)	
6.3. – Discurso de Inauguração da CASEB (CB, sexta-feira, 20 de maio de 1960).....	84
7. DISCURSO DO PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK NA INAUGURAÇÃO DA CASEB, 19 de maio de 1960	94
ANEXO 1 – Memorial Descritivo do Plano Piloto de Lúcio Costa	
ANEXO 2 – Professores do Ensino Médio que atuaram na CASEB, 1960	106

APRESENTAÇÃO

→ Correio Brasiliense

- 15/05/1960 (Início das Aulas
- domingo)
- 20/05/1960 (Anúncio de
- sexta-feira Inauguração da ASES)

→ Existem os documentos referidos:

- Análise crítica dos planos de educação do Distrito Federal
- Depoimentos de professores, alunos, membros da comunidade e administradores que viveram o ano letivo de 1960 (fotos e texto)

Este é o primeiro documento da série projeto de ARQUIVO DA MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO EM BRASÍLIA.

O projeto surgiu de diálogos com educadores de várias partes do Brasil, com as quais se permutam relatos de diferentes experiências educacionais, desenvolvidas em vários locais e épocas, sem registro documental.

No Distrito Federal, foi possível verificar, na sua curta existência, que muito do que foi realizado corre o risco de ser esquecido. Há, por exemplo, muita desinformação sobre o início do sistema educacional, bem como sobre o primeiro núcleo desse sistema. Assim, quando se aproxima o 25º aniversário da nova Capital, parece oportuno difundir o que ocorreu na origem de Brasília.

Objetiva-se apresentar o projeto inicial, esboçado já no Plano Piloto de Lúcio Costa, detalhado por Anísio Teixeira, e cuja execução básica foi efetuada por um grupo de pioneiros.

É uma homenagem a homens de planejamento, mas não escavos do mesmo. Sobre o esboço inicial, as modificações se impuseram, quer pelo surgimento das cidades-satélites, quer por duas reformas de ensino. Os sucessivos titulares da Secretaria de Educação e Cultura tentaram, preservando a essência do primeiro plano, adequá-lo às novas realidades.

A equipe incumbida do projeto é constituída por três profissionais em História, e que, de momento, preparam outros dois documentos. Um é a análise crítica dos planos de educação do Distrito Federal, do inicial ao agora vigente. O outro, usando a técnica da História Oral, colhe depoimentos de professores, alunos, membros da comunidade e administradores que viveram o ano letivo de 1960, ano de inaugura-

ção de Brasília. No caso, grava-se a entrevista, que é depois repassada para a datilografia, efetuando-se, após, a guarda, em arquivo próprio, das fitas e textos. Pretende-se, assim, registrando o passado, fornecer subsídios para a definição dos rumos futuros da educação no Distrito Federal.

Brasília, fevereiro de 1985

EURIDES BRITO DA SILVA
Secretária de Educação e Cultura
do Distrito Federal

→ Documento : Memorial de
Lúcio Costa
(ver)
define a estrutura
básica
da implantação
física dos
est. de ensino

1. O PLANO-PILOTO DE LÚCIO COSTA

De certa forma, o memorial de Lúcio Costa, vencedor do concurso do Plano-Piloto já definia a estrutura básica da implantação da rede física dos estabelecimentos do ensino, então assim denominados, primário e médio, no seu item 16:

“Quanto ao problema residencial, ocorreu a solução de criar-se uma seqüência contínua de grandes quadras dispostas, em ordem dupla ou singela, de ambos os lados da faixa rodoviária, e emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada. Árvores de porte, prevalecendo em cada quadra determinada espécie vegetal, com chão gramado e uma cortina suplementar intermitente de arbustos e folhagens, a fim de resguardar melhor, qualquer que seja a posição do observador, o conteúdo das quadras, visto sempre num segundo plano e como que amortecido na paisagem. Disposição que apresenta a dupla vantagem de garantir a ordenação urbanística mesmo quando varie a densidade, categoria, padrão ou qualidade arquitetônica dos edifícios, e de oferecer aos moradores extensas faixas sombreadas para passeio e lazer, independentemente das áreas livres previstas no interior das próprias quadras.

Dentro destas ‘super-quadras’ os blocos residenciais podem dispor-se da maneira mais variada, obedecendo porém a dois princípios gerais: gabarito máximo uniforme, talvez seis pavimentos e pilotis, e separação do tráfego de veículos do trânsito de pedestres, mormente o acesso à escola primária e às comodidades existentes no interior de cada quadra.

Ao fundo das quadras estende-se a via de serviço para o tráfego de caminhões, destinando-se ao longo dela a frente oposta às quadras à instalação de garagens, oficinas, depósitos do comércio em grosso, etc., e reservando-se uma faixa de terreno, equivalente a uma terceira ordem de quadras, para floricultura, horta e pomar. Entaladas entre essa via de serviço e as vias do eixo rodoviário, intercalaram-se então

largas e extensas faixas com acesso alternado, ora por uma, ora por outra, e onde se localizaram a igreja, as escolas secundárias, o cinema e o varejo do bairro, disposto conforme a sua classe ou natureza.

O mercadinho, os açougues, as vendas, quitandas, casas de forragens, etc., na primeira metade da faixa correspondente ao acesso de serviço; as barbearias, cabeleireiros, modistas, confeitarias, etc., na primeira secção da faixa de acesso privativa dos automóveis e ônibus, onde se encontram igualmente os postos de serviço para venda de gasolina. As lojas dispõem-se em renque com vitrines e passeio coberto na face fronteira às cintas arborizadas de enquadramento dos quarteirões e privativas dos pedestres, e o estacionamento na face oposta, contígua às vias de acesso motorizado, prevendo-se travessas para ligação de uma parte a outra, ficando assim as lojas geminadas duas a duas, embora o seu conjunto constitua um corpo só.

Na confluência das quatro quadras localizou-se a igreja do bairro, e aos fundos dela as escolas secundárias, ao passo que na parte da faixa de serviço fronteira à rodovia se previu o cinema a fim de torná-lo acessível a quem proceda de outros bairros; ficando a extensa área livre intermediária destinada ao clube da juventude, com campo de jogos e recreio".

Assim, já estava prevista a instalação do ensino primário dentro das "superquadras", como, efetivamente, veio ocorrer com as escolas-classe.

Por outro lado, "ao fundo das quadras", ou seja, hoje em dia nas Avenidas L-2 e W-5, instalaram-se as escolas secundárias. (Anexo 1)

2. O PLANO DE CONSTRUÇÕES ESCOLARES DE BRASÍLIA

Com esse nome, Anísio Teixeira elaborou o documento básico (publicado no número 81, volume 35, jan/mar-1961, da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos), que foi desenvolvido já durante o período de construção da nova Capital.

O texto de Anísio é o seguinte:

"O plano de construções escolares para Brasília obedeceu ao propósito de abrir oportunidade para a Capital Federal oferecer à Nação um conjunto de escolas que pudessem constituir exemplo e demonstração para o sistema educacional do País.

Como as necessidades da civilização moderna cada vez mais impõem obrigações à escola, aumentando-lhe as atribuições e funções, o plano consiste — em cada nível de ensino, desde o primário até o superior ou terciário, como hoje já se está a chamar — num conjunto de edifícios, com funções diversas e considerável variedade de forma e de objetivos, a fim de atender a necessidades específicas de ensino e educação e, além disto, à necessidade de vida e convívio social.

Daí falar-se antes em Centro do que em Escola. O Centro de Educação Elementar compreende pavilhões de 'jardim de infância', de 'escola-classe', de 'artes industriais', de 'educação física', de 'atividades sociais', de 'biblioteca escolar' e de 'serviços gerais'. É, portanto, algo como se fosse uma Universidade infantil. O Centro de Educação Média também possui um programa consideravelmente diversificado, destinando-se a oferecer a cada adolescente real oportunidade para cultivar o seu talento e aí se preparar diretamente para o trabalho ou para prosseguir a sua educação no nível superior.

Tal programa constitui, assim, menos um desafio aos arquitetos de Brasília do que um oferecimento de ampla liberdade de concepção para os novos e complexos conjuntos escolares.

Em esquema, o programa foi o seguinte:

I — Educação primária a ser oferecida em Centros de Educação Elementar, compreendendo:

1. 'Jardins da infância' — destinados à educação de crianças nas idades de 4, 5 e 6 anos;

2. 'Escolas-classe' — para a educação intelectual sistemática de menores nas idades de 7 a 14 anos, em curso completo de seis anos ou séries escolares;

3. 'Escolas-parque' — destinadas a completar a tarefa das "escolas-classe", mediante o desenvolvimento artístico, físico e recreativo da criança e sua iniciação no trabalho, mediante uma rede de instituições ligadas entre si, dentro da mesma área e assim constituída:

- a) biblioteca infantil e museu;
- b) pavilhão para atividades de artes industriais;
- c) um conjunto para atividades de recreação;
- d) um conjunto para atividades sociais (músicas, dança, teatro, clubes, exposições);
- e) dependências para refeitório e administração;
- f) pequenos conjuntos residenciais para menores de 7 a 14 anos, sem família, sujeitos às mesmas atividades educativas que os alunos externos.

Como a nova capital é construída em quadras, e cada quadra abrigará população variável de 2.500 a 3.000 habitantes, foi calculada a população escolarizável para os níveis elementar e médio, ficando estabelecido o seguinte:

1. Para cada quadra:

- a) 1 jardim da infância, com 4 salas, para, em 2 turnos de funcionamento, atender a 160 crianças (8 turmas de 20 crianças);
- b) 1 escola-classe, com 8 salas, para, em 2 turnos, atender a 480 meninos (16 turmas de 30 alunos);

2. Para cada grupo de 4 quadras:

a) 1 'escola-parque' — destinada a atender, em 2 turnos, a cerca de 2 mil alunos de 4 'escolas-classe', em atividades de iniciação ao trabalho (para meninos de 7 a 14 anos), nas pequenas 'oficinas de artes industriais' (tecelagem, tapeçaria, encadernação, cerâmica, cartona-gem, costura, bordado e trabalhos em couro, lã, madeira, metal, etc.), além da participação dirigida dos alunos de 7 a 14 anos em atividades artísticas, sociais e de recreação (música, dança, teatro, pintura, exposições, grêmios, educação física).

Os alunos freqüentarão diariamente a 'escola-parque' e a 'escola-classe', em turnos diferentes, passando 4 horas nas classes de edu-

cação intelectual e outras quatro horas nas atividades da 'escola-parque', com intervalo para almoço.

II — Educação Média ou secundária, em Centros de Educação Média, compreendendo um conjunto de edifícios destinados a:

1. 'Escola Secundária Compreensiva' incluindo:

- a) cursos de humanidades
- b) cursos técnicos e comerciais
- c) cursos científicos

2. Parque de Educação Média (quadras para vôlei, basquete, piscina, campo de futebol, etc.).

3. Núcleo cultural (teatro, exposições, clubes).

4. Biblioteca e museu.

5. Administração.

6. Restaurante.

III — Educação Superior

Universidade de Brasília, a ser construída, em área própria, compreendendo:

1. Institutos (de Matemática, Física, Biologia, Geologia, Artes, etc.), destinados ao ensino científico básico e especializado.

2. Faculdades (de Educação, Politécnica, Ciências Médicas, Direito, etc.), destinadas à formação intelectual e ao adestramento profissional.

3. Reitoria, Sala Magna e Biblioteca Central.

4. Campos de recreação e desportos (estádio, ginásio, piscina, etc.).

5. Serviços administrativos e gerais.

Em todo esse programa, cumpre distinguir a educação comum e obrigatória, destinada a todos, e a educação especial destinada a formar os diversos quadros ocupacionais do país. Quanto à educação para todos, isto é, a elementar, o seu característico, no programa proposto, é o de juntar o ensino propriamente intencional, da sala de aula, com a auto-educação resultante de atividades de que os alunos participem com plena responsabilidade. Por isto, a escola se estende por oito horas, divididas entre atividades de estudos e as de trabalho, de arte e de convivência social. No Centro de educação elementar, a criança, além das quatro horas de educação convencional, no edifício da 'escola-classe', onde aprende a 'estudar' conta com outras quatro horas de atividades de trabalho, de educação física e de educação so-

cial, atividades em que se empenha individualmente ou em grupo, aprendendo, portanto, a trabalhar e a conviver.

Pode-se bem compreender que modificações deverão ser introduzidas na arquitetura escolar para atender a programa dessa natureza. Já não se trata de escolas e salas de aula, mas de todo um conjunto de locais, em que as crianças se distribuem, entregues às atividades de 'estudo', de 'trabalho', de 'recreação', de 'reunião', de 'administração', de 'decisão' e de vida e convívio no mais amplo sentido desse termo. A arquitetura escolar deve assim combinar aspectos da 'escola tradicional' com os da 'oficina', do 'clube' de esportes e de recreio, da 'casa', do 'comércio', do 'restaurante', do 'teatro', compreendendo, talvez, o programa mais complexo e mais diversificado de todas as arquiteturas especiais.

As notas que se seguem mostram como foram abordadas por um arquiteto as novas necessidades e funções da ambiciosa escola moderna.⁽¹⁾

Escola-Parque

1. O Problema: Construir área para conter cerca de 1.000 crianças de 7 a 14 anos (em cada turno), constituindo os locais adequados às atividades programadas, numa faixa de terreno de 80 x 160 metros.

2. Condições óbvias: a) Só um piso elevado; b) Taxa de ocupação do terreno relativamente baixa com o desafogo necessário para os espaços livres circundantes, jardins, piscina e esportes.

3. Resultante geométrica: Planta condensada ao máximo — Um quadrado — 50 x 50 metros — 2.500 metros quadrados — no piso superior. Zonas livres permitindo a continuidade do terreno — no piso térreo. Fora do quadrado: só o indispensável.

4. Iluminação natural do prisma construtivo: Dupla — Lateral — uniforme com proteção parcial; Zenital — uniformemente distribuída, na mesma direção.

5. Disposição da principal área construída: Economia — aproveitamento quase total do quadrado, com a localização de um só acesso amplo e de bloco de instalações sanitárias na zona central — Completa maleabilidade da distribuição do espaço interno, ampliado pela continuidade — Possibilidade de isolamento total, sem quebra de continuidade, por meio de placas transparentes acima de 2 metros.

(1) — Trata-se do projeto de José de Souza Reis.

Centro de Educação Média

1. O Problema: Construir um conjunto de edifícios para conter o total de 2.250 alunos de 11 a 18 anos, de maneira adequada ao exercício das atividades programadas:

I — Centro cultural, teatro e exposições

II — Biblioteca e museus

III — Centro de serviços gerais

IV — Escola Média Compreensiva, incluindo ginásio e colégio, escola comercial, técnico-industrial, curso normal ou pedagógico e escola agrícola.

V — Centro de educação física e esportes em geral.

Terreno disponível, fixado após os estudos preliminares: 400 x 400 metros.

2. Condições óbvias: a) No máximo, 2 pisos elevados; b) Taxa de ocupação baixa para atender ao desafogo necessário num conjunto dessa natureza; c) Grupamento conveniente ao funcionamento das atividades de características semelhantes, tanto para a constituição dos blocos construtivos, como para a do conjunto.

3. Resultante geométrica do conjunto: Condensação acentuada das áreas construídas, consideradas no conjunto — seis blocos construtivos grupados longitudinalmente em torno de uma praça central que dá acesso ao centro. Três de um só piso térreo. Três de altura relativa a 2 pisos. Grupamento de todas as atividades semelhantes. Continuidade do terreno, por meio do jogo da disposição dos pisos térreos ou elevados. Diversificação de aspectos dentro da unidade geral, por meio do emprego de tipos estruturais diferentes, de conformidade com as características próprias dos vários edifícios e decorrentes das respectivas destinações.

4. Escola Média Compreensiva: As exigências da técnica pedagógica determinaram a localização do Ensino Técnico-industrial e do Curso Normal ou Pedagógico em blocos independentes, ainda que próximos do bloco construtivo que reúne os demais cursos constitutivos da Escola Secundária Compreensiva mais acima enumerados. Assim, esses cursos foram localizados em 3 blocos de construção formando um conjunto dentro do Centro de Educação Média. O principal desses blocos acha-se em fase de conclusão e a sua execução representou o seguinte:

5. Problema: Construir um edifício para conter cerca de sessenta unidades de 7 x 9 metros para as salas de classe, salas especiais, laboratórios, salas de trabalhos manuais, etc., bem como subdivididas em salas de professores, assistentes, gabinetes, etc., além das demais insta-

lações necessárias. Permitir a mais completa maleabilidade de distribuição interna para o grupamento de salas nas mais diversas combinações, com múltiplos e submúltiplos da unidade padrão (7 x 9m).

6. Resultante geométrica: Condensação máxima – retângulo compacto: – Piso superior: esquema reticulado. Economia: 4 galerias de circulação para 8 salas de compartimentos. Piso térreo: recreio coberto – continuidade do terreno entre as construções térreas dos 2 blocos contíguos (Ensino Técnico-Industrial e Curso Normal ou Pedagógico).

7. Iluminação natural: Zenital – uniforme, por meio de sheds espaçados de 3,50 metros (2 em cada unidade de 7,00 x 9,00 metros).

8. Disposição geral: Aproveitamento quase total do retângulo: só 2 escadas e 2 blocos de instalações sanitárias concentradas, localizados dentro do perímetro – Localização externa dos acessos principais (rampas). 2 pátios de repouso no piso principal (4 unidades de 7,00 x 9,00 metros, cada uma). Possibilidade de novas aberturas (até 7,00 x 9,00 m) que interessem ao funcionamento das atividades escolares, no bloco compacto. (Revista Módulo, Rio.)”

Nota-se, pois, que, antes do início das obras, não só Lúcio Costa dera a orientação da destinação física da rede escolar, quanto Anísio Teixeira, em 1957, atuando no INEP, elaborou, por seu lado, o plano do sistema educacional de Brasília.

DEPLAN → Séries Históricas
(desde 1976 (?))

→ Incorporação ao DF int. de ensino
de Goiás (Planaltina, Brasíliaândia)

ERNESTO SILVA – História do
Brasil (S.O.)

3. PERIODO PRECEDENTE À CASEB

Os planos de Lúcio Costa e Anísio Teixeira deveriam passar do papel para a realidade física.

Contudo, o território do atual Distrito Federal pertencera ao Estado de Goiás.

Sobre a matéria, assim se refere o Departamento de Planejamento da SEC (Em Séries Históricas, Estudo Preliminar – DEPLAN/SEC/GDF, Brasília, 1976):

“Antes da construção de Brasília, Planaltina, cidade centenária – a única existente neste Quadrilátero destinado ao Novo Distrito Federal – já contava com um sistema de ensino oficial e particular, subordinado à Secretaria de Educação do Estado de Goiás.

De acordo com dados levantados ‘in loco’ junto a pessoas que, à época, trabalharam como diretores, professores e/ou pais de alunos, existiram em Planaltina as seguintes escolas

– No ensino oficial

- Grupo Escolar ‘São Sebastião’, cujo primeiro nome foi Grupo Escolar Brasil Caiado. Criado em 1929, passou a se chamar Escola-Classe nº 01 de Planaltina em 1960, quando da sua inclusão no sistema de ensino da rede oficial do Distrito Federal.
- Escola Normal Regional ‘D. Olívia Guimarães’, criada em fevereiro de 1950. Hoje, Escola Normal de Planaltina, a partir de 1961.
- Escola Rural das Palmeiras – incluída no sistema de ensino da rede oficial do Distrito Federal em 1960.

– No ensino particular

- Colégio Evangélico Presbiteriano, criado em 1926 e extinto em 1953.

- Escola Paroquial, criada em 19.03.1936, registrada na SEC de Goiás em agosto de 1938; passou ao Governo do Estado de Goiás em 1952, com o nome de Escola Reunida de São Sebastião, vindo, em 1962, a integrar o sistema de ensino da rede oficial do Distrito Federal.

A bem da verdade, embora sem datas e nomes precisos, Planaltina, então Mestre D'Armas, conheceu duas escolas antes das acima citadas: uma pública (escola isolada), tendo como primeiros professores D. Rita Pereira Salgado e Mestre Tibúrcio Gomes Rabelo; e outra particular, cuja primeira professora foi D. Joana Agnell (Mestra Joaninha).

Além de Planaltina, Brazlândia — antiga fazenda Chapadinha pertencente à Comarca de Santa Luzia (Luziânia) — também possuía, antes da Nova Capital, uma escola primária, criada em 1933, mais tarde Grupo Escolar de Brazlândia, que, em 1961, passou a integrar o sistema de ensino da rede oficial do Distrito Federal como Escola Rural de Brazlândia.

Com a construção de Brasília, os primeiros aglomerados humanos foram se formando. No início, quase não havia crianças: os operários e funcionários vinham sós para o Planalto. Só em 1957 começaram a chegar as famílias. A partir de então, o ensino oficial e particular em Brasília tornou-se uma preocupação de todos."

Os encargos com o setor educação como, praticamente, todos os outros, passariam à NOVACAP.

Na mesma publicação do DEPLAN, tem-se:

"A Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, representante do poder público, preocupada em atender às necessidades primordiais de educação primária das crianças filhas de seus funcionários e operários, assumiu esta responsabilidade, criando, em fins de 1956, o Departamento de Educação e Saúde, mais tarde Departamento de Educação e Difusão Cultural (Portaria nº 103/B/59—NOVACAP), com o encargo de promover atividades educacionais até a implantação definitiva do Sistema Educacional do Distrito Federal. Assim, a 10 de setembro de 1957, inaugurava-se a primeira escola primária pública de Brasília, o GE-1, depois Escola Classe Júlia Kubitschek.

Já, a essa época, existia a preocupação de se realizar um ensino modelar, quer pelos padrões qualitativos, quer pelas inovações técnicas, e, com esse objetivo, o Departamento de Educação e Difusão Cultural da NOVACAP teve a colaboração do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, com a assistência de renomados técnicos em educação.

As linhas básicas para a organização do Sistema Educacional que seria implantado no Novo Distrito Federal foram indicadas pelo Ins-

tituto Nacional de Estudos Pedagógicos, em trabalho iniciado em meados de 1957, conjugado com o plano urbanístico da Nova Capital."

Sobre esse período, é pertinente citar Ernesto Silva, em sua obra História de Brasília (Brasília, s.d.):

"No princípio havia poucas crianças: os operários, os funcionários, vinham sós para o Planalto. Só em 1957 começaram a chegar as famílias.

Havia na cidade livre, ou Núcleo Bandeirante, duas escolas particulares, mas a NOVACAP providenciou desde logo uma sala de aula, no pavilhão da administração, para os filhos de seus funcionários e operários. Foram contratados dois professores: **Amabile Andrada Gomes** e **Mauro da Costa Gomes**.

A classe funcionava precariamente: aguardávamos o término da construção da primeira escola primária. O projeto do primeiro Grupo Escolar era de Niemeyer e constava de salas de aula, biblioteca, cozinha, refeitório, almoxarifado e recreio coberto. Tudo foi realizado às pressas, em 20 dias.

No dia da inauguração, Israel Pinheiro ficou surpreso: o traçado era muito simpático, a construção muito bem feita, mesas de fórmica no refeitório, geladeira na cozinha, dezenas de livros na biblioteca, um belo "play-ground", tudo doação de firmas particulares. O Israel olhou várias vezes para o prédio — o famoso GE-1 da Candangolândia. Perguntei-lhe se estava gostando da escolinha, ao que ele respondeu: 'Está bom demais!'

A seleção das professoras para o Grupo foi realizada inicialmente entre as esposas ou filhas de funcionários, portadoras de diploma de professor primário, expedido por escola oficial. Algumas foram selecionadas em Goiânia. Entre essas, uma era diretora de escola primária; outra tinha sido a primeira colocada na Escola Normal em 1956; uma terceira, com magnífico 'currículum', era também diplomada em Belas Artes...

No princípio eram apenas oito e difícil escolher a diretora. Organizamos, então, um rodízio: cada professora dirigia a escola durante quinze dias e, no final, elas próprias, em votação, elegeriam a diretora. A escolhida foi a professora **SANTA ALVES SOYER**, cujo nome declinou sempre com o maior respeito e admiração. Realizou ela trabalho sério e estafante durante toda a fase pioneira de Brasília, não só na direção do Grupo Escolar Número Um (GE-1) como, posteriormente, na organização de muitas outras escolas que construímos em Brasília.

É justo que citemos, para a posteridade, o nome das professoras primárias pioneiras que sofreram em Brasília as maiores dificuldades

no seu esforço patriótico de servir ao País. Além da diretora, lecionaram naquela primeira escolinha: Maria Helena Parreiras, Amabile Andrade Gomes, Carmen Daher, Stella dos Cherubins Guimarães, Maria Antônia Jacinto, Maria do Rosário Bessa, Maria de Lourdes Brandão, Célia Cheir, Ana Leal, Maria de Lourdes Moreira dos Santos. Muitas outras, chegadas em 1958 e 1959, contribuíram igualmente com a sua dedicação e esforço, com o seu espírito de sacrifício e solidariedade, para a arrancada heróica que representou a construção de Brasília.

Um fato pitoresco: quando estávamos para fixar o salário das professoras, defendíamos junto ao Israel Pinheiro um salário condigno para as mestras, principalmente pelo fato de muitas delas, solteiras, terem vindo de Goiânia, afastando-se das famílias, para aqui morarem em alojamentos coletivos de madeira. Expusemos a nossa idéia: 'A professora primária constitui o núcleo básico da sociedade e representa o esteio da Pátria, pois é ela quem molda a criança na fase mais importante de sua vida. Dela depende o bom ou mau cidadão. E por isso não poderia ganhar pouco'. 'O Israel argumentava que professora, em Minas, ganhava quase tanto quanto um servente e me acusava de querer subverter a ordem das coisas. Além disso, ele queria pagar menos às professoras cujos maridos e pais morassem em Brasília. Finalmente, contrariando o nosso ponto-de-vista, ele decidiu que as professoras vindas de fora ganhariam seis cruzeiros novos por mês e as que já estivessem morando em Brasília (filhas e esposas de funcionários) perceberiam quatro cruzeiros! Mais tarde, naturalmente, elas foram niveladas, como era justo.

O GRUPO ESCOLAR NÚMERO UM — o famoso GE-1, da Candangolândia — funcionava em dois turnos, mas as crianças permaneciam três horas extras em atividades sociais. O primeiro turno começava às 7:30 e ia até as 15 horas; o segundo tinha início às 9 horas e terminava às 17:30. As crianças de ambos os turnos tomavam merenda às 10, almoçavam na escola e faziam nova refeição às 15 horas. Nunca — até hoje — houve em Brasília um grupo escolar que tratasse com tanto carinho a criança e lhe proporcionasse esse suplemento alimentar, tão necessário às classes mais pobres. As refeições eram fornecidas pelo SAPS, cujo responsável em Brasília, o saudoso Francisco Manoel Brandão — autêntico líder, pioneiro infatigável, idealista sem jaça — não media esforços na sua ingente tarefa de amparo à criança e ao trabalhador.

Esse primeiro Grupo Escolar abrigou numerosas crianças. Muitas delas iniciaram seus estudos em 1957 e ali mesmo terminaram o curso primário, entre as quais Carlos Henrique Gomes da Cruz, Walter Tacio de Oliveira Filho, Raulino de Oliveira Tristão Filho, filhos de exemplares servidores da NOVACAP.

Em outubro de 1958, o GE-1 publica o primeiro número de seu jornalzinho 'A VOZ DO ESTUDANTE', em cujo subtítulo se lê: 'É com os pés da criança que a Pátria caminha'. Órgão da terceira série primária, divulgava as notícias escolares e publicava pequenos artigos da criançada. Em seu primeiro número, a aluna Gessy Soares da Silva assim definia o que ela chamou de 'NOSSA VIDA NO GRUPO ESCOLAR NÚMERO UM':

'Nossa vida aqui no Grupo Escolar nº 1 é melhor que em qualquer outro lugar. Sabem por quê? Aqui nós estudamos, somos educados e aprendemos fazendo. Vou dar alguns exemplos:

'Em nossa classe, 3ª série, já fizemos muitas coisas importantes. Quase todas as lições que nós aprendemos nós as desenhamos. Por exemplo: o quadro dos vertebrados, as estações do ano, os movimentos da terra, as partes das plantas, frações ordinárias, o quadro de honra de leitura e muitos outros. Estamos organizando o Jornalzinho, o Museu do Índio, e fazendo o aparelho de destilação.

'Na 4ª série há o Hospital Osvaldo Cruz e o jornalzinho 'Gazeta Escolar'. Na 1ª série há o correio e o teatrinho de sombras, a lojinha do 'Chapeuzinho Vermelho'; e na 2ª série, o teatrinho de fantoches.

'Recebemos em nossa escola instrução, educação e alimentação. Ficamos no Grupo 7 horas. Como passam depressa! De manhã temos aula de classe e, à tarde, aulas de agricultura (horta e jardim), trabalhos manuais, desenho, modelagem, recreação e ainda biblioteca e canto.

'Nossa diretora faz tudo pelos alunos, para que a gente seja estudiosa e bem educada.

'Que Grupo maravilhoso! Temos aqui a melhor vida do mundo!'

Mas a atividade da NOVACAP não se resumiu nesse Grupo Escolar. À proporção que a cidade crescia, que os acampamentos se multiplicavam, novas escolas iam sendo construídas, de tal forma que não havia, à época da construção de Brasília, uma só criança sem escola. Algumas escolas particulares prestaram bons serviços, entre as quais o Colégio Dom Bosco e o Ginásio de Brasília, este inicialmente instituído sob a forma de Fundação e posteriormente entregue aos Irmãos Lassalistas.

Procurando qualificar o ensino, promovemos e facilitamos estágios e cursos intensivos em outros centros de renomada qualidade

educativa (em 1958 e 1959, grupos de 10 e 12 professoras estagiaram na Escola Parque de Salvador; três no Rio e uma em Porto Alegre).

A admissão das professoras era procedida através de concurso (títulos, entrevista e prova prática), cujo rigor pode ser verificado pela percentagem de reprovação (40% das candidatas).

Os alunos recebiam assistência de ordem econômica, mediante facilidade para aquisição de vestuário e material escolar; assistência social, participando de concentrações escolares, festividades, concursos e permanentes contatos com a família; de ordem religiosa, observando-se a liberdade de culto e possibilitando aos católicos, por serem em número bem maior, a preparação para a primeira comunhão, realizada na própria escola.

Esforzando-nos ao máximo para dotar de relativo conforto o grande canteiro de obras do Planalto, amparando os que, corajosamente, se transferiam naquela época para Brasília, a NOVACAP, por nosso intermédio, firmou convênio com o Ministério da Educação e Cultura, a 30 de setembro de 1957, para a instalação e funcionamento da Escola de Ensino Industrial, destinada à formação de mão-de-obra qualificada. A Escola manteria os cursos de marcenaria, carpintaria, eletricitista-instalador, bombeiro hidráulico, artes gráficas, alfaiataria e artes de couro. Foi inaugurada em 1959, em Taguatinga. O Ministério da Educação e Cultura forneceu o equipamento e a NOVACAP construiu o edifício e, posteriormente, manteve a Escola, com corpo docente e discente em tempo integral (200 alunos entre 13 e 16 anos). O corpo docente foi recrutado em Curitiba (Centro de Treinamento de Professores Técnicos). Com duração de 20 a 36 meses, tais cursos foram de grande utilidade aos jovens.

Ainda em 1958, em duas casas geminadas da Av. W-3, pertencentes à NOVACAP, na então quadra 16, fizemos instalar uma biblioteca e discoteca públicas, mantidas pela NOVACAP, com o nome de "BIBLIOTECA E DISCOTECA VISCONDE DE PORTO SEGURO", em homenagem ao diplomata, sertanista, historiador, filósofo Francisco Adolpho de Varnhagen, um dos mais acirrados defensores da interiorização da Capital Federal.

A Biblioteca contava com cerca de três mil volumes e discos. As coleções foram formadas por doações de Embaixadas, Instituições Culturais, Ministérios, outras Bibliotecas e entidades particulares, bem como de escritores e intelectuais do Brasil e do Exterior. As coleções foram selecionadas. A Biblioteca possuía coleções sobre os seguintes assuntos: História Pedagógica Brasileira, História Geral dos Povos: a Coleção 'L'Universe Pitoresque', em 80 volumes; a Coleção Brasileira, com mais de 100 volumes, ricamente encadernados, além de numero-

so livros sobre literatura brasileira e estrangeira, literatura infantil, livros de sociologia, etc. A discoteca possuía música para todos os gostos e uma coleção de discos infantis, todos em LP, com uma sala especial para tal finalidade e uma cabina individual inteiramente independente.

A Biblioteca dispunha também de uma sala de leitura e conferência. Sua finalidade era de proporcionar ao povo um meio de satisfazer as necessidades intelectuais, de orientá-los para nível cultural mais elevado e para a formação de uma elite, principalmente no tocante à infância e à adolescência.

Numerosos cursos foram ministrados: o de línguas: inglês, francês, alemão, italiano, espanhol; o de música: iniciação musical, história de música, música vocal, conjunto de percussão; o de belas-artes: cerâmica, desenho, pintura.

Dirigiu a Biblioteca, de 1958 a 1961, a bibliotecária Lola Barrenechea, cujo esposo, Felix Alejandro Barrenechea, responsável pelos cursos de belas-artes, era tido como um dos maiores artistas plásticos do Peru.

Em 1961, com o advento de um novo Governo, o prefeito da época dissolveu a Biblioteca, não se sabendo até hoje que destino tomou tão valioso acervo. Esboroava-se mais um esforço.

Ainda em 1959, durante a construção da cidade, conseguimos que o MEC, o Serviço Social Rural e a NOVACAP firmassem convênio para a criação, instalação e manutenção de um CENTRO COOPERATIVO DE TREINAMENTO AGRÍCOLA PARA JOVENS RURAIS. Apesar de nossos esforços e por motivos que não pudemos superar, o Centro não se constituiu.

Também em 1959, a nosso pedido, a Divisão de Educação Física do MEC organizou o PLANO PRELIMINAR PARA AS ATIVIDADES RECREATIVAS EM BRASÍLIA. O trabalho, organizado pela professora Ethel Bauza Medeiros e revisado pelo Prof. Alfredo Colombo, não chegou a ser posto em prática, apesar da tenacidade e da energia do Prof. Hélio Medeiros, que se transferiu para Brasília em 1960.

Em fins de 1959, a NOVACAP contava com mais de 100 professoras primárias e orientava o ensino de 4.682 crianças, assim distribuídas:

1	— Grupo Escolar nº 1 (Velhacap)	560 alunos
2	— Escola da Coenge-CCBE	60 alunos
3	— Escola do Acampamento do IPASE	113 alunos
4	— Escola das Casas Populares	218 alunos
5	— Escola Da Vila Amaury	480 alunos

6	– Escola da Metropolitana	162 alunos
7	– Escola da Granja do Torto	86 alunos
8	– Escola da Granja do Tamanduá	52 alunos
9	– Escola 'Pery da Rocha França' (Planalto)	200 alunos
10	– Escola 'Ernesto Silva'	145 alunos
11	– Escola de Taguatinga	785 alunos
12	– Escola da Papuda	102 alunos
13	– Escola da Granja do Riacho Fundo	120 alunos
14	– Escola da Fercal	40 alunos
15	– Escola Classe da Super Quadra 308	640 alunos
16	– Jardim da Infância 'Ernesto Silva'	45 alunos
17	– Jardim da Infância das Casas Populares	44 alunos
18	– Jardim da Infância da Praça 21 de Abril	160 alunos
19	– Escola da Fazenda do Gama	30 alunos
20	– Escola do Acampamento da Construtora Rabello	320 alunos
21	– Escola da Candangolândia	320 alunos

As escolas particulares abrigavam 1.996 alunos:

1	– Colégio D. Bosco	560 alunos
2	– Ginásio Brasília	412 alunos
3	– Instituto Educacional (Batista)	275 alunos
4	– Escola Paroquial N. S. de Fátima	330 alunos
5	– Escola Metodista	133 alunos
6	– Escola das Irmãs Dominicanas	150 alunos
7	– Escola Evangélica Presbiteriana	70 alunos
8	– Escola Evangélica de Brasília	64 alunos

No ensino médio estavam matriculados 508 alunos:

Ginásio Brasília	288 alunos
Colégio D. Bosco	220 alunos

Sobre essa época, transcreve-se a seguir parte do depoimento da Professora Stella dos Cherubins Guimarães Trois, em entrevista a Regina Márcia de Jesus Lima:

“– Professora Stella, como Brasília apareceu na sua vida? – Brasília na realidade apareceu na minha vida desde o meu nascimento, porque enquanto as outras pessoas vieram para Brasília eu estava aqui quando Brasília veio (risos). Na realidade toda a minha infância e adolescência foi ouvindo falar sobre a mudança da capital e eu tive oportunidade de conhecer inúmeras pessoas muito antes mesmo da mudança da capital. Fato talvez assim interessante, ocorreu quando um dia já trabalhando em Brasília na área de educação, seu primeiro Diretor que foi Dr. Ernesto Silva ele me disse o seguinte: Professora Stella, eu visitei Planaltina nos idos de 50 e naquela oportunidade eu

acompanhava a Comissão do General José Pessoa, que estava escolhendo o sítio da capital e fui à casa do Prefeito e lá nós fomos servidos dum biscoitinho típico de Goiás, muito gostoso. A Senhora que é de Goiás, sabe qual é o biscoito? Eu disse: 'Sim. Sei'. – 'Aí fui servido por uma mocinha, filha do Prefeito'. eu disse 'sei o que é o biscoito, quem é a mocinha filha do Prefeito e quem é o Prefeito'. – 'Que ótimo!' – "Porque o Senhor foi servido pela mocinha com quem o Senhor está falando hoje, pela filha do Prefeito."

– Ele deve ter ficado emocionado!

– É, foi uma circunstância assim muito interessante não é, de anos depois a gente ter vivido, ainda hoje ele se lembra disso. Eu era estudante em Goiânia, terminava a Faculdade de Filosofia e vim a Brasília numa excursão da Faculdade e sendo muito curiosa por assuntos de educação, fui com um grupo de colegas a então NOVACAP visitar o escritório.

– Isso em que ano, Professora?

– Isso em 1958, fui visitar o escritório da NOVACAP onde era então Diretor o Dr. Ernesto Silva, e lá nós tanto perguntávamos pelo trabalho aqui, onde ele acabou me perguntando, 'você não quer vir trabalhar aqui?'. Eu disse: 'é uma coisa a pensar', mas realmente foi uma pergunta levantada assim, eu estava fazendo o último ano de faculdade e ocorreu que a coordenadora das escolas que iniciavam era uma pessoa que me conhecia e ao saber desta colocação do Dr. Ernesto começou a insistir na minha vinda e eu disse: 'olha, eu estou em pleno período letivo (lecionava em Goiânia), vamos deixar para as férias, quem sabe até as férias eu penso', e assim a véspera de minhas férias eu recebi um telegrama através do Palácio do Governo de Goiás dizendo que a designação para Professora estava feita e que me aguardava.

– Ah, então a Senhora veio como Professora pela NOVACAP.

– Pela NOVACAP.

– Chegou a Brasília, estreou profissionalmente aqui.

– Então eu vim, eu vim nas férias pra experimentar, ver o que era e então me decidi, experimentei e fiquei até hoje.

– Mas que coisa interessante, Professora. E o Dr. Ernesto na época ocupava um cargo de Diretor da NOVACAP que abrangia também a área de educação?

– De educação, a área de educação, então eu vim nas férias, no meu período de férias. Lá em Goiânia eu já atuava na área do 2º grau. Eu era Professora do cursinho de Goiânia e vim aqui para começar na

área do 1º grau. Então comecei a atuar no Grupo Escolar Júlia Kubitschek, que tinha sido inaugurado ainda não havia um ano; ele tinha sido inaugurado no dia 12 de setembro de 1957. Comecei a trabalhar; fui a décima terceira professora que chegou aqui em Brasília. Comecei a trabalhar então com um grupo de professoras, regendo classe, e como lecionava no turno da manhã e aqui o regime era de tempo integral eu ficava o dia inteiro na escola. Aí comecei a ajudar na biblioteca da escola, na Secretaria e aconteceu que a professora que era responsável pela Secretaria teve um problema de saúde, naquele período, e eu fiquei de voluntária; quando ela retornou, a escola já estava crescendo, crescendo. A Diretora precisava então de uma auxiliar mais direta, já havia necessidade de abrir outras escolas nos acampamentos; já logo um mês depois eu passei para Sub-direção do Grupo Escolar 1.

– Sim, que era o Júlia Kubitschek.

– Que era o Júlia Kubitschek, assumindo também a Secretaria do grupo escolar, e a colega ao retornar ficou com a parte da biblioteca e a parte de apoio. Daí nós começamos então a trabalhar ali, como era chamado "G-1", como uma escola de apoio, como um núcleo de coordenação, partindo então para abrir as novas escolas nos acampamentos.

– Sim, até então só funcionava como escola de Brasília a Júlia Kubitschek.

– De Brasília, só a Júlia Kubitschek, que depois é que foi o nome de Júlia Kubitschek; ele era chamado de Grupo Escolar 1.

– Grupo Escolar 1.

– Então só o Grupo Escolar aí começaram a ser é . . . houve o jardim da infância em acampamento, a Professora Maria Teresa da 308 foi a primeira Diretora, a Escola de Taguatinga, a Escola da, ali da Planalto então as várias escolas nos acampamentos e em Taguatinga que era, que era . . .

– Esse jardim de infância, o primeiro que foi inaugurado, era num acampamento?

– Era num acampamento, havia o jardim da infância e havia a Escola Classe no acampamento e o Júlia Kubitschek, as crianças frequentavam o dia todo, e tinha biblioteca, piscina, a parte de jogos, tinha iniciação das atividades de educação artística, de prática de trabalho, a parte de hortas. Ele passou a ser também o ponto para a seleção dos professores que vieram para a NOVACAP. Então nós começamos logo em seguida, o trabalho começou a crescer, começamos a estruturar um serviço de seleção dos professores, seleção essa que era composta de duas partes, havia parte do currículo, à parte, e a parte

da aula prática que os professores davam, então foi o primeiro embrião, vamos dizer assim também de uma . . .

– Isso tudo antes de 1960.

– Antes de 1960 né? da direção de recursos humanos, primeiro embrião da direção de recursos humanos. Muitos professores que estão hoje no sistema foram selecionados no Júlia Kubitschek através desse trabalho, quando a Comissão de Administração da CASEB veio, tomou conhecimento do trabalho, nos entrevistou pra ver todo esse trabalho que . . .

Esse trabalho que era pioneiro, completamente, em relação ao projeto de seleção que a CASEB . . . Instituiu. Tanto assim que foi reconhecido depois pela CASEB, os professores que foram selecionados por esse processo foram incorporados naquela equipe."

4. A INSTITUIÇÃO DA CASEB

Em 1959 foi instituída a Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília.

O Decreto Presidencial e a Exposição de Motivos do Ministro da Educação e Cultura tiveram a seguinte redação:

“Exposição de Motivos do Ministro da Educação e Cultura ao Presidente da República sobre a criação da CASEB.

Senhor Presidente:

Até o momento vem a NOVACAP mantendo e administrando as escolas primárias de Brasília; as escolas secundárias são particulares e as de alfabetização de adultos são mantidas por este Ministério.

Com a mudança da Capital, no próximo ano, essas escolas serão acrescidas de novos estabelecimentos de ensino, que serão abertos na área do Plano Piloto e que irão atender, de preferência, à população juvenil a ser transferida em abril p. futuro.

As escolas já existentes, as que serão abertas para atender ao primeiro escalão da mudança e as que serão construídas e instaladas na vigência do atual governo deverão integrar-se em amplo e moderno sistema de ensino.

Nestas condições, entende este Ministério que medidas urgentes de caráter geral destinadas à administração do sistema educacional de Brasília deverão ser tomadas pelos órgãos especializados deste Ministério, mesmo antes da implantação definitiva da administração local no novo Distrito Federal.

Assim, tenho a honra de submeter à aprovação de Vossa Excelência o projeto de decreto, em anexo, pelo qual é instituída, neste Ministério, uma Comissão de Administração do Sistema Educacional

de Brasília, constituída pelos diretores dos diversos Departamentos do MEC e um representante da NOVACAP.

A esta Comissão incumbirá planejar, organizar e supervisionar o sistema educacional da nova Capital. Um serviço executivo, chefiado por um diretor coadjuvado por coordenadores de ensino, encarregar-se-á da execução de suas decisões.

Os recursos para as construções escolares e para a manutenção das escolas, em 1960, foram incluídos no Orçamento da União por proposta deste Ministério. São verbas globais, destinadas ao ensino primário e ao ensino médio, e poderão ser aplicadas em obras e no pagamento de professores.

Com a medida aqui proposta, estou seguro de que encontrarão a conveniente solução os problemas educacionais mais urgentes relacionados com a mudança da Capital.

Aproveito o ensejo para renovar a Vossa Excelência os protestos de elevada estima e distinta consideração.

*

Decreto nº 47 472, de 22 de dezembro de 1959, que institui a Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília (CASEB).

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, inciso I, da Constituição Federal, decreta:

Art. 1º – Fica instituída, no Ministério da Educação e Cultura, a Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília (CASEB).

Art. 2º – A CASEB será constituída do Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação, que a presidirá, do Diretor do Departamento de Administração, do Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, dos Diretores do Ensino Secundário, do Ensino Comercial e do Ensino Industrial e de um representante da NOVACAP.

Art. 3º – A execução das decisões da CASEB ficará a cargo de um Diretor Executivo, coadjuvado por um coordenador do ensino primário, um coordenador do ensino médio e um coordenador da educação física e recreação.

Art. 4º – Os recursos destinados no Orçamento da União, à construção e à manutenção do sistema educacional de Brasília, serão depositados em conta especial no Banco do Brasil S.A. e ficarão à disposição da CASEB.

Art. 5º — O Ministro de Estado da Educação e Cultura baixará as normas e instruções necessárias à execução deste decreto.

Art. 6º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1959;
138º da Independência e 71º da República.

Juscelino Kubitschek
Clóvis Salgado
S. Paes de Almeida"

Seguiu-se a estruturação da CASEB, por Portaria do Ministro Clóvis Salgado:

Portaria nº 4, de 5 de janeiro de 1960, que expede o Regimento da Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília (CASEB).

O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, de acordo com o disposto no art. 5º do Decreto nº 47 472, de 22 de dezembro de 1959, resolve expedir o seguinte Regimento da Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília (CASEB), instituída pelo mencionado decreto:

Art. 1º — A CASEB tem por finalidade organizar e administrar o ensino primário e os ensinos de grau médio em Brasília, e incrementar as atividades culturais na nova Capital.

Art. 2º — A CASEB será constituída de:

- a) Comissão Deliberativa; e
- b) Direção Executiva.

§ 1º — A Comissão Deliberativa será integrada pelo Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação, que a presidirá, pelo Diretor do Departamento de Administração do Ministério, pelo Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, pelos Diretores do Ensino Secundário, do Ensino Comercial e do Ensino Industrial e por um representante da NOVACAP.

§ 2º — A Direção Executiva ficará a cargo de servidor a ser designado pelo Ministro de Estado.

§ 3º — O servidor referido no parágrafo anterior, Diretor Executivo da CASEB, será coadjuvado por coordenadores de ensino médio, ensino primário e educação física e recreação, e por assessores especializados.

§ 4º — Os coordenadores e assessores mencionados no parágrafo anterior serão designados pelo Presidente da Comissão Deliberativa.

Art. 3º — A Comissão Deliberativa reunir-se-á sempre que for convocada pelo seu Presidente e deliberará pelo voto da maioria de seus membros presentes.

Parágrafo único — Na ausência do Presidente, a reunião da Comissão Deliberativa será presidida por um de seus membros pelos mesmos escolhidos.

Art. 4º — Os membros da Comissão Deliberativa serão substituídos, nos respectivos impedimentos, por suplentes de sua indicação.

Art. 5º — O Diretor Executivo e o representante do Ministério no Grupo de Trabalho de Brasília tomarão parte, sem direito a voto, nas reuniões da Comissão Deliberativa.

Art. 6º — São atribuições da Comissão Deliberativa:

I — Decidir sobre:

- a) planejamento do sistema educacional;
- b) organização de serviço;
- c) normas para seleção do pessoal docente, administrativo e técnico; e
- d) localização de escolas e organização de projetos de construção e equipamento escolar.

II — Aprovar:

- a) o plano anual de trabalho da CASEB; e
- b) normas reguladoras de atividades educacionais e culturais.

III — Examinar e submeter à apreciação da autoridade competente o plano anual de aplicação dos recursos destinados ao sistema educacional de Brasília.

IV — Acompanhar a execução de planos e aprovar os relatórios do Diretor Executivo.

Art. 7º — Compete ao Diretor Executivo:

I — propor planos de trabalho e de aplicação de recursos e promover a execução de providências conforme as decisões da Comissão Deliberativa.

II — Realizar a coordenação geral das atividades do sistema educacional de Brasília.

III — Providenciar no sentido da boa administração das escolas e do incremento das atividades culturais.

IV – Movimentar os recursos colocados à disposição da CASEB.

V – Celebrar contratos especiais de prestação de serviços, nos termos da legislação trabalhista.

VI – Determinar as tarefas a serem executadas pelo pessoal remunerado por serviço prestado.

VII – Prestar contas das despesas efetuadas.

VIII – Submeter, no início de cada ano, à consideração da Comissão Deliberativa, relatório circunstanciado das atividades levadas a efeito no exercício anterior.

Art. 8º – Os órgãos do Ministério prestarão à CASEB a colaboração que lhes for pela mesma solicitada.

Art. 9º – Os casos omissos serão resolvidos pelo Ministro de Estado.

a) Clóvis Salgado”

No Boletim da CASEB, elaborado em 1960, tem-se a constituição do órgão:

“A CASEB constitui-se de dois órgãos principais:

- a) Comissão Deliberativa;
- b) Comissão Executiva.

A Comissão Deliberativa tem os seguintes membros: Diretor do Departamento Nacional de Educação (Presidente), Prof. Heli Menegale; Diretor do Departamento de Administração do MEC, Dr. Orlando Gomes Calaza; Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Prof. Anísio Teixeira; Diretor do Ensino Secundário, Prof. Gildásio Amado; Diretor do Ensino Comercial, Dr. Lafayette Belfort Garcia; Diretor do Ensino Industrial, Engº Francisco Montojos; um representante da NOVACAP, a ser designado; Dr. Afonso D’Escragnole Filho (Assessor da Comissão Deliberativa).

A Direção Executiva compõe-se de um Diretor Executivo, coadjuvado por três coordenadores e por assessores especializados, cujos cargos foram providos em portarias de 4 de janeiro do corrente.

A escolha dos membros que constituem essa direção recaiu nos servidores: Prof. Armando Hildebrand (Diretor Executivo), Prof. Paulo de Almeida Campos (Coordenador do Ensino Primário), Prof. Vicente de Paulo Umbelino (Coordenador do Ensino Médio), Prof. Hélio Macedo de Medeiros (Coordenador da Educação Física e Recreação), Dr. Adalberto Correa Sena, Profª Sílvia Cintra Bastos Tigre, Dr. Dircio Guilhon (Assessores da Direção Executiva).”

Para a seleção de professores foram elaboradas duas cartas circulares, acompanhadas, cada uma, de um formulário.

Ainda no Boletim da CASEB, organizado pelo Professor Roberto Gomes Leobons, encontram-se as referidas cartas:

“MEC – COMISSÃO DE ADMINISTRAÇÃO DO SISTEMA EDUCACIONAL DE BRASÍLIA (CASEB)

Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1960

Senhor Professor:

Para a organização do sistema educacional de grau elementar e médio em Brasília, está o Ministério da Educação e Cultura selecionando professores, conforme as seguintes condições gerais:

1. A escolha de professores destinados a escolas primárias e jardins da infância, será baseada nos elementos fornecidos pelo formulário anexo, no resultado de prova escrita e de entrevistas com o candidato.

2. Os professores escolhidos firmarão contratos de prestação de serviços regidos pela legislação trabalhista e perceberão salário mensal entre Cr\$ 15.000,00 e 25.000,00.

3. Os professores selecionados receberão passagem para si e sua família, ajuda de custo para sua instalação em Brasília e terão direito a residência mediante pagamento de aluguel acessível. O ensino primário e médio serão gratuitos aos seus filhos.

4. Os professores estarão obrigados a um mínimo de seis horas diárias de trabalho, o qual consistirá em ensino, preparo das aulas e de material didático na própria escola, orientação do estudo dirigido, participação em seminários, atividades extra-classe e outras, decorrentes da função docente.

Maiores esclarecimentos serão prestados por ocasião das entrevistas com o candidato.

Dando, por esta forma, aos professores capazes de todo o País uma oportunidade de virem a servir à causa da educação na nova Capital, solicito-lhe preencher o incluso formulário e devolvê-lo ao endereço abaixo indicado até 25 de janeiro de 1960, ficando certo de que as informações nele prestadas terão caráter confidencial. Os formulários dos candidatos não aproveitados lhes serão restituídos.

a) Armando Hildebrand
Diretor Executivo

Remeter o formulário para:

Comissão de Administração do Sistema
Educativo de Brasília
At./Armando Hildebrand
Ministério da Educação e Cultura
Rua da Imprensa, 16 - 12º andar - sala 1210
Rio de Janeiro - D.F."

**MEC - COMISSÃO DE ADMINISTRAÇÃO DO SISTEMA
EDUCACIONAL DE BRASÍLIA**

Formulário para seleção de professores de curso primário para Brasília

Nome _____
Endereço - Rua _____
Bairro _____
Telefone _____
Cidade _____ Estado _____
Data do nascimento ____/____/____ Estado civil _____
Local onde nasceu _____ Estado _____
Dados sobre o _____
Nome _____
Profissão _____ Data do nascimento ____/____/____
cônjuge Atividade que exerce _____
Filhos e outros dependentes: _____

Cole aqui
uma
fotografia

Nome	Sexo	Idade	Parentesco ou situação de dependência	Atividades ou estudos que realiza
1. _____				
2. _____				
3. _____				
4. _____				
5. _____				
6. _____				
7. _____				

Indique pelos números 1, 2 e 3, na ordem de sua preferência, as atividades que deseja exercer:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> professor de classe | <input type="checkbox"/> professor bibliotecário |
| <input type="checkbox"/> professor de jardim da infância | <input type="checkbox"/> professor de atividades extra-classe |
| <input type="checkbox"/> professor de educação física e recreação | <input type="checkbox"/> professor de artes aplicadas |
| <input type="checkbox"/> professor de canto orfeônico | <input type="checkbox"/> |
| | <input type="checkbox"/> |

Atividades e funções que já exerceu:

Funções e Atividades	Local do trabalho e empregador	Ingressou por concurso?	Período		Observações
			Início	Fim	

Atividades e funções que exerce:

Funções e Atividades	Local de trabalho e empregador	Ingressou por concurso?	Início	Salário ou vencimentos	Observação

Cursos realizados: médio e superior, inclusive os de extensão, especialização e de aperfeiçoamento:

Cursos	Escolas	Iniciado em	Concluído em	Observação

Sociedades profissionais e culturais a que pertence: _____

Indique 3 pessoas, relacionadas com o seu campo de atividades, que possam dar referência sobre sua idoneidade e experiência profissional:

1. Nome _____
Cargo _____
Endereço _____

2. Nome _____
Cargo _____
Endereço _____
3. Nome _____
Cargo _____
Endereço _____

Resuma sua formação escolar e profissional e as experiências anteriores no magistério, indicando, também, as razões que o levam a candidatar-se à função docente em Brasília.

_____, ____ de _____ de 1960

_____ assinatura

Para professores de ensino médio a carta circular tinha a redação seguinte:

Carta circular e formulário para seleção de professores do Ensino Médio.

MEC – COMISSÃO DE ADMINISTRAÇÃO DO SISTEMA EDUCACIONAL DE BRASÍLIA.

Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1960.

Senhor Professor:

O Ministério da Educação e Cultura, em colaboração com a NOVACAP, organizará o primeiro conjunto de escolas de grau médio, em Brasília, sob a forma de Fundação Educacional, instituída e mantida pelo Governo Federal. Essas escolas constituirão, em seu conjunto, o Centro Educacional de Brasília, que será mantido por essa Fundação.

Os professores e demais empregados da Fundação terão sua vida funcional regulada pela legislação trabalhista. O Centro manterá os seguintes cursos: ginasial, científico, clássico, técnicos comerciais, técnicos industriais e normal. Em abril de 1960 começarão a funcionar os cursos ginasial, científico, clássico, técnico de contabilidade, técnico de administração e normal.

Os professores deverão dedicar tempo integral ao Centro não podendo exercer outra atividade. Além do ensino prepararão as aulas e material didático no próprio Centro, orientando os estudos dos alunos e desempenharão outras atividades educativas que lhes forem atribuídas.

Os vencimentos e demais vantagens a serem asseguradas aos pro-

fessores serão fixados pelo Conselho Administrativo da Fundação, tendo em vista o nível de vida local.

Os professores receberão passagem para si e sua família, ajuda de custo para instalação em Brasília; terão direito a residência mediante pagamento de aluguel acessível. O ensino primário e o médio serão gratuitos aos seus filhos.

Os professores de estabelecimentos oficiais (federais, estaduais e municipais) poderão ser requisitados pela Fundação, sem prejuízo de seus direitos e vantagens.

Maiores esclarecimentos serão prestados por ocasião das entrevistas com o candidato.

A escolha dos professores para o Centro será baseada nos dados deste formulário, no resultado de entrevistas com professores e técnicos, em informações de pessoas julgadas idôneas no meio profissional e, se necessário, no resultado de provas a que o candidato será submetido.

Os educadores que planejaram e estão trabalhando na organização do Centro desejam dar-lhe a maior eficiência pedagógica possível e colocá-lo, desde o início de seu funcionamento, em alto padrão de trabalho educacional.

Dando por esta forma, aos professores capazes de todo o País uma oportunidade de virem a servir à causa da educação da nova Capital, solicito-lhe preencher o incluso questionário e devolvê-lo ao endereço abaixo indicado até 20 de janeiro de 1960, ficando certo de que as informações nele prestadas terão caráter confidencial. Os questionários dos candidatos não aproveitados lhes serão restituídos.

Cordialmente,

a) Armando Hildebrand
Diretor Executivo

Remeter o formulário para:
Armando Hildebrand
Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília – Ministério da Educação e Cultura
Rua da Imprensa, 16 – 12º andar – sala 1210
Rio de Janeiro – D.F.

MEC – COMISSÃO DE ADMINISTRAÇÃO DO SISTEMA EDUCACIONAL DE BRASÍLIA

Formulário para seleção de professores do ensino médio para o Centro Educacional de Brasília

Nome _____

Endereço – Rua _____

Bairro _____

Telefone _____

Cidade _____ Estado _____

Data do nascimento ____ / ____ / ____ Estado civil _____

Local onde nasceu _____ Estado _____

Disciplina a que se candidata _____

Curso _____

Dados sobre o Nome _____

Profissão _____ Data do nascimento ____ / ____ / ____

cônjuge Atividade que exerce _____

Filhos e outros dependentes: _____

Cole aqui
uma foto-
grafia
3 x 4

Nome	Sexo	Idade	Parentesco ou situação de dependência	Atividades ou estudos que realiza
1. _____				
2. _____				
3. _____				
4. _____				
5. _____				
6. _____				
7. _____				

Disciplinas em que está registrado no MEC _____

Atividades e funções que já exerceu:

Funções e Atividades	Local do trabalho e empregador	Ingressou por concurso?	Período		Observações
			Início	Fim	

Atividades e funções que exerce:

Funções e Atividades	Local de trabalho e empregador	Início	Ingressou por concurso?	Salário ou vencimentos	Observações

Cursos realizados: médio e superior, inclusive os de extensão, especialização e aperfeiçoamento:

Cursos	Escolas	Iniciado em	Concluído em	Observação

Línguas que conhece:

Línguas	fala	lê	escreve	Línguas	fala	lê	escreve	Observação
Inglês				Espanhol				
Francês				Italiano				
Alemão								

R: Regularmente B: Bem MB: Muito bem

Trabalhos publicados (juntar um exemplar): _____

Sociedades científicas e culturais a que pertence: _____

Razões que o levam a candidatar-se à função de professor no Centro Educacional de Brasília: _____

Quais os vencimentos que julga suficientes para que possa dedicar tempo integral ao Centro?

Indique 3 pessoas relacionadas com o seu campo de atividades que possam dar referências sobre sua idoneidade e experiência profissional:

1. Nome _____
Cargo _____
Endereço _____
2. Nome _____
Cargo _____
Endereço _____
3. Nome _____
Cargo _____
Endereço _____

Bibliografia básica que julga necessária ao professor da disciplina:

Obras	Autores
1. _____	_____
2. _____	_____
3. _____	_____
4. _____	_____
5. _____	_____
6. _____	_____
7. _____	_____
8. _____	_____
9. _____	_____
10. _____	_____
11. _____	_____
12. _____	_____
13. _____	_____
14. _____	_____
15. _____	_____

Orientação didática que imprimiria, no Centro Educacional de Brasília, ao ensino da disciplina a que se candidata (indique, inclusive, os compêndios que recomendaria aos alunos).

_____, de _____ de 1960

Assinatura

Quais os vencimentos que julga suficientes para que possa dedicar tempo integral ao Centro? _____

Indique 3 pessoas relacionadas com o seu campo de atividades que possam dar referências sobre sua idoneidade e experiência profissional: _____

1. Nome _____
Cargo _____
Endereço _____
2. Nome _____
Cargo _____
Endereço _____
3. Nome _____
Cargo _____
Endereço _____

Bibliografia básica que julga necessária ao professor da disciplina: _____

Obras	Autores
1. _____	_____
2. _____	_____
3. _____	_____
4. _____	_____
5. _____	_____
6. _____	_____
7. _____	_____
8. _____	_____
9. _____	_____
10. _____	_____
11. _____	_____
12. _____	_____
13. _____	_____
14. _____	_____
15. _____	_____

Orientação didática que imprimiria, no Centro Educacional de Brasília, ao ensino da disciplina a que se candidata (indique, inclusive, os compêndios que recomendaria aos alunos).

_____, de _____ de 1960

Assinatura

É relevante o relatório que a Direção Executiva da CASEB efetuou, quando de sua primeira visita a Brasília:

Visita da Direção Executiva da CASEB a Brasília

Entre as primeiras providências encetadas pela CASEB, logo que foi constituída, figurava a visita que os membros da Direção Executiva fariam a Brasília para uma tomada de conta de sua situação educacional e do andamento da construção de escolas.

Em vista disso, estiveram em Brasília entre 7 e 10 de janeiro, verificando a situação atual do ensino, bem como as perspectivas que se apresentam para a instalação definitiva do sistema educacional programado.

Retornando dessa visita, a Direção Executiva apresentou relatório circunstanciado à Comissão Deliberativa, cujos tópicos mais importantes damos a seguir:

Participantes:

- Armando Hildebrand – Diretor Executivo da CASEB
- Júlio F. Sambaquy – Representante do MEC no Grupo de Trabalho de Brasília
- Paulo de Almeida Campos – Coordenador do Ensino Primário da CASEB
- Vicente de Paulo Umbelino de Souza – Coordenador do Ensino Médio da CASEB
- Hélio de Macedo Medeiros – Coordenador da Educação Física e Recreação da CASEB
- Apparício de Cerqueira Branco – Membro do Subgrupo de Trabalho de Brasília
- Sra. Lydia de Queiroz Sambaquy – Presidente do I.B.B.D.
- Adalberto Correa Sena – Assessor da CASEB
- Dírcio Guilhon de Oliveira – Membro do subgrupo de Trabalho de Brasília e Assessor da CASEB

Ao se instalarem os trabalhos da Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília, instituída pelo Decreto nº 47 472, de 22 de dezembro de 1959, uma das imediatas preocupações de sua Direção Executiva teria necessariamente de ser uma tomada de posição em face dos problemas preliminares da organização desse sistema, na base de uma verificação do que, em matéria educacional, já foi projetado e efetivamente realizado, naquela cidade, até a presente data.

Justamente por isso, foi enviada a Brasília, uma comissão composta pelo Diretor Executivo, pelos três coordenadores que o coadju-

vam e por alguns assessores especializados em educação e arquitetura, para proceder a um inventário das atuais condições das escolas e das construções escolares da nova Capital, assim como de certos aspectos sociais e demográficos com que também se delineiam aqueles problemas.

Essa comissão, que ali permaneceu de 7 a 10 do corrente, mantendo constante contato com o Diretor de Administração, com os chefes de serviço e com técnicos da NOVACAP, e acompanhada, em todas as suas visitas, pelo representante deste Ministério no Grupo de Trabalho de Brasília, assim sumariou os resultados das suas observações e dos inquéritos a que procedeu na área do Plano Piloto e nas áreas adjacentes.

I – PLANO DO SISTEMA EDUCACIONAL DE BRASÍLIA

A - **Educação Elementar**, a ser oferecida em "CENTROS DE EDUCAÇÃO ELEMENTAR", cada um dos quais constituirá um conjunto integrado por 4 jardins da infância, 4 escolas-classe e uma escola-parque, servindo a 4 quadras, e assim discriminados em suas finalidades:

1. Jardins da Infância destinados à educação de crianças nas idades de 4 a 6 anos;
2. Escolas-classe, para educação intelectual sistemática de menores nas idades de 7 a 12 anos, em curso completo de seis anos ou séries escolares;
3. Escolas-parque, destinadas a completar a tarefa das escolas-classe, mediante o desenvolvimento artístico, físico e social da criança e sua iniciação no trabalho, através de uma rede de instituições ligadas entre si, dentro da mesma área e constituída de:
 - biblioteca infantil e museu;
 - pavilhão para atividades de artes industriais;
 - conjunto para atividades de recreação;
 - conjunto para atividades sociais (música, dança, teatro, clubes, exposições);
 - dependências para refeitório e administração.

Como a futura Capital será formada de quadras e cada quadra abrigará população variável de 2.500 a 3.000 habitantes, foi calculada a população escolarizável para o nível elementar (6% relativos às idades de 4 a 6 anos, ou seja, 180 crianças destinadas a jardins da infância, e 16% correspondentes as idades de 7 a 12 anos, ou seja 480 crianças, ficando, pois, estabelecido:

Para cada quadra:

- 1 jardim da infância, com 4 salas, para, em 2 turnos, atender a 160 crianças ou com 8 salas, para funcionamento em regime de tempo integral;
- 1 escola-classe, com 8 salas, para, em 2 turnos, atender a 480 alunos (16 turmas de 30 alunos).

Para cada grupo de 4 quadras:

- 1 escola-parque suficiente para atender, em 2 turnos, cerca de 1.900 alunos das 4 escolas-classe, em atividades de iniciação no trabalho (para crianças de 10 a 12 anos) em pequenas oficinas de "artes industriais", (tecelagem, tapeçaria, encadernação, cerâmica, cestaria, cartonagem, costura, bordados e trabalhos em couro, lã, madeira, metal, etc.) e também as de 7 a 12 anos em atividades artísticas, sociais, culturais e de recreação (pintura, biblioteca, exposições, grêmios, música, jogos, natação).

Os alunos freqüentarão diariamente a escola-parque em regime de revezamento com o horário das escolas-classe, isto é, permanecerão 4 horas nas classes de educação intelectual e 4 horas nas atividades da escola-parque, com intervalo para o almoço.

B - **Educação Média**, organizada de modo a oferecer diversas oportunidades educacionais a jovens de 11 a 18 anos, em CENTROS DE EDUCAÇÃO MÉDIA, na proporção de uma para cada conjunto populacional de 30.000 habitantes e com capacidade para abrigar 2.200 alunos (7% de um grupo populacional de 30 mil habitantes). Cada Centro de Educação Média compreenderá um conjunto de edifícios e instalações para

- 1 - curso básico (1º ciclo)
- 2 - cursos clássico e científico
- 3 - cursos técnicos comerciais
- 4 - cursos técnicos industriais
- 5 - centro de educação física (quadras para vôlei, basquete, piscina, campo de futebol, etc.)
- 6 - centro cultural (teatro, exposições, clubes, biblioteca, museu, etc.)
- 7 - serviços gerais
- 8 - administração

Os diferentes edifícios e as dependências para esportes no Centro de Educação Média formam um conjunto, localizado na mesma área, possibilitando aos estudantes comunidade de vida e de trabalho, em horário integral.

C — **Formação e Aperfeiçoamento de Professor Primário**, a ser oferecida em um CENTRO DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO, que, como unidade escolar tipicamente profissional, compreenderá:

- 1 — cursos de formação;
- 2 — cursos de aperfeiçoamento e especialização;
- 3 — escola de aplicação, constituída de uma escola primária integral e de um jardim da infância.

D — **Recreação da comunidade e atividades culturais**

1. Recreação:

- a) Infantil nos "Parques Recreativos" (Inter quadras) compreendendo duas partes: uma para crianças até 7 anos e outra para as de 8 a 12 anos.
- b) Adultos e adolescentes — nas "Praças de Recreio" e nos clubes sociais (inter quadras) com instalações para jogos, esportes e outras atividades recreativas.
- c) Recreio livre - (inter-quadras) locais destinados às atividades livres dos adolescentes.

2. Biblioteca:

- a) a ser planejada quando o for o sistema das bibliotecas públicas de Brasília, com o qual se relacionará.

II — EXECUÇÃO DO PLANO DE REALIZAÇÕES PROVISÓRIAS

Vê-se, pela exposição precedente, que o Sistema Educacional de Brasília terá de desenvolver-se guardando, na distribuição e em outros aspectos de suas escolas, certas relações de harmonia e de proporcionalidade com o próprio desenvolvimento urbanístico do novo Distrito Federal.

Todavia, a rapidez com que ali se formaram as primeiras aglomerações humanas, concentradas, na maior parte, em torno dos locais de trabalho, tornou imperiosa, para a NOVACAP, a necessidade de se criarem escolas de caráter transitório, nesses pontos de maior concentração e, por isso, não ajustadas às normas de construção e de localização que se tinham previsto.

No inventário do que, nesse particular, foi observado em Brasília, tem-se, pois, de distinguir entre essas realizações precárias e a etapa a que já atingiram as edificações escolares que definitivamente correspondem a um início da execução daquele planejamento.

A — **Realizações Provisórias:** para atender às necessidades iniciais de educação primária, instalaram-se sucessivamente:

- o grupo escolar Júlia Kubitschek, no Núcleo NOVACAP (se na área do IAPB e outra na superquadra nº 206, na área
- a escola da "Construtora Nacional" (setembro de 1958),
- a escola da "Fundação da Casa Popular", com jardim da infância (março de 1959),
- a escola da Granja 3, no Torto (março de 1958),
- a escola da CCBE e COENGE (abril de 1959),
- a escola da "Metropolitana" (abril de 1959),
- a escola da "Planalto" (maio de 1959),
- a escola do IPASE (maio de 1959),
- a escola da Vila Bananal (maio de 1959),
- a escola da Granja 1, em Tamanduá (maio de 1959),
- a escola da "Cerâmica Benção" (agosto de 1959).

B — **Execução do Plano**

1. Construções concluídas:

- a) um jardim da infância, entre as quadras 18 e 19, com capacidade para 200 crianças, em dois turnos, no qual se matricularam 83, em 1959;
- b) uma escola-classe, na quadra 308, com capacidade para 480 alunos, em dois turnos, que também funcionou, em 1959, com uma matrícula de 238. Para esta escola, foram transferidos, em outubro de 1959, os alunos das escolas da "Fundação da Casa Popular";
- c) um grupo escolar em Taguatinga, com sete salas, capacidade para 500 alunos, em dois turnos e cuja matrícula excedeu esse número em 1959;
- d) uma escola em Papuda, de duas salas com capacidade para 140 alunos, em dois turnos.

2. Construções iniciadas ou em adiantada fase:

- a) escola-parque entre as quadras 307 e 308, com capacidade para 1.920 alunos em dois turnos. Concluído o edifício central e o auditório, ultimam-se os serviços de arremates gerais, a instalação dos aparelhos elétricos e sanitários, revestimentos especiais, assentamentos de vidros nas esquadrias, as redes coletoras de esgotos e águas pluviais, a raspagem dos pisos, etc. Ainda não foi iniciada a construção da parte destinada a esportes e recreação;
- b) prédios para duas escolas-classe, uma na super-quadra nº 108, na área do IAPB e outra na super-quadra nº 206, na área do IPASE; construções recentemente iniciadas;
- c) prédio para um jardim da infância na área do IPASE; construção iniciada;

d) primeiro Centro de Educação Média, na chamada zona das "grandes áreas": Infra-estrutura concluída, incluindo-se as instalações hidráulicas embutidas no concreto (piso e pilares), no térreo. A presente etapa dos serviços compreende todo o madeirame de escoramento e fôrma de vigas e lajes no 2º piso, tendo-se iniciado as primeiras armações de ferragens do vigamento principal. Não foram ainda executados, por falta de detalhes construtivos da armadura de concreto, a fundição da laje do 1º piso e "SHEIS" de cobertura, inclusive pilares do 2º pavimento, vigas secundárias, juntas de dilatação, rampas e escadas de acesso. Resta executar as obras da rede externa, coletores de esgotos e águas pluviais, assim como as de toda a super-estrutura e da parte destinada a esportes e recreação.

III – A EDUCAÇÃO EM BRASÍLIA (situação atual)

A Ensino Público

1. Ensino primário – A educação em Brasília, organizada e mantida pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital, sob a direção do Dr. Ernesto Silva, com assistência dos técnicos em educação Profª Nair Durão Barbosa Prata e Dr. Paulo de Almeida Campos, Representantes do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos junto à NOVACAP, coordenada pela Professora Santa Alves Soyer, tem tido um desenvolvimento significativo acompanhando o ritmo desta fase inicial de crescimento da cidade.

Em setembro de 1957 surgiu a primeira escola primária com o nome de Grupo Escolar 1, atual G.E. Júlia Kubitschek, com 5 professoras e 150 alunos, localizada no Núcleo Novacap, atendendo aos filhos dos funcionários do citado núcleo e às crianças da Vila Operária (Candangolândia) e do Núcleo Bandeirante.

Em setembro de 1958 surgiu a Escola Dr. Ernesto Silva na "Companhia Construtora Nacional", com 160 alunos, tendo anexo um jardim da infância.

Em 1959 foram instaladas, pela NOVACAP, 10 escolas, 2 jardins da infância e um grupo escolar (este em Taguatinga).

A tabela abaixo dará uma idéia de como se processou quantitativamente o crescimento do ensino na área do futuro Distrito Federal, nos anos de 1957, 1958 e 1959.

Anos	Alunos	Escolas Primárias	Jardim da Infância	Professores
1957	150	1	-	5
1958	626	2	1	18
1959	2.134	12	2	67

O ensino primário está sendo ministrado em 4 séries, para crianças de 7 a 12 anos e em alguns casos de 13 a 14 anos, em caráter provisório, uma vez que o regime escolar definitivo prevê 6 anos de escolaridade.

Há um período de 4,5 horas de aula diárias com a interrupção de meia hora para recreio.

O gráfico de matrícula, pelas diferentes séries, configura-se num triângulo de base demasiadamente larga, com enorme concentração de alunos na 1ª série e poucos na 4ª

Veja-se o ocorrido em 1959:

1ª série	1.389 alunos
2ª série	416 alunos
3ª série	232 alunos
4ª série	97 alunos

Tem sido causas desse fenômeno:

- retardamento de ingresso na escola primária para depois de completada a idade de 7 anos;
- migração de populações para Brasília. As famílias, não tendo procurado ou encontrado escolarização para as crianças, nas áreas de origem, são agora estimuladas pelo meio a fazê-lo, qualquer que seja a idade dessas crianças acima de 7 anos;
- repetição de série por alunos que interromperam os estudos durante o ano escolar em razão de frequentes migrações das famílias de uns para outros locais de trabalho.

Em um levantamento dos alunos que frequentaram as escolas em 1959, encontram-se 128 alunos que em 1960 estarão com mais de 12 anos e, portanto, em idade acima da máxima que normalmente corresponde à escolaridade primária.

1ª série	75 alunos
2ª série	40 alunos
3ª série	23 alunos
	128 alunos

2. **Ensino Médio** — O ensino público em Brasília vem, até agora, praticamente se limitando ao domínio do ensino primário. Todavia, em 1959 instalou-se a Escola Profissional de Taguatinga, construída pela NOVACAP e equipada com recursos deste Ministério.

B — Ensino Particular

1. **Ensino Primário** — Estão funcionando na área da nova Capital as seguintes escolas ou cursos primários particulares:

Escola das Irmãs Dominicanas	150 alunos
Instituto Educacional de Brasília (Batista) ..	275 alunos
Escola Paroquial N. S. de Fátima	330 alunos
Escola Metodista	135 alunos
Escola Evangélica de Brasília	64 alunos
Escola da Igreja Evangélica "Simonton" (Presbiteriana)	70 alunos
Curso Primário do Ginásio Brasília	412 alunos
Curso Primário do Colégio Dom Bosco	560 alunos
Total	1.996 alunos

2. **Ensino Médio** — Desde 1958, vêm funcionando, na nova capital, dois ginásios particulares: o Colégio Dom Bosco, dos Padres Salesianos e o Ginásio Brasília, ora pertencente aos Padres Lassalistas. As respectivas matrículas, em 1959, atingiram a:

Colégio Dom Bosco	420 alunos
Ginásio Brasília	288 alunos
Total	708 alunos

C — Instituições Culturais

No que se refere a instituições culturais, existem em Brasília:

- **Biblioteca Visconde de Porto Seguro**, a primeira biblioteca do Plano Piloto de Brasília, localizada no conjunto residencial da Caixa Econômica Federal, "aberta diariamente de 7:30 às 17:30 e das 19:30 às 22:30 horas, para leitura in loco ou empréstimo a domicílio;
- **Biblioteca Pública de Brasília**, na "Cidade Livre";
- **Curso de Línguas**: inglês, francês, italiano, espanhol, alemão, com duas aulas semanais;

- **Escolinha de cerâmica**, para crianças, que está funcionando na sede da Biblioteca Visconde de Porto Seguro;
- **Escola de Teatro Infantil, ballet, coro polifônico, percussão musical, etc.**, funcionando também na sede da Biblioteca Visconde de Porto Seguro.

IV — CONDIÇÕES PROFISSIONAIS E SELEÇÃO DOS PROFESSORES

A — **Condições Profissionais** — Em suas visitas às escolas e, especialmente, numa reunião a que compareceram dez professoras primárias, verificou a Comissão, de modo geral, um sentimento de satisfação com a oportunidade que se lhes ofereceu de trabalhar no magistério da nova Capital.

B — **Seleção** — A seleção de professores para as escolas mantidas pela NOVACAP tem sido feita através de estágios realizados no Grupo Escolar Júlia Kubitschek em 1958 e 1959. É condição fundamental a apresentação de diploma de curso normal. Os estágios constaram de aulas práticas nas diversas séries do curso, com observação feita por comissão de professores para tal fim designada. Preenchendo as condições morais e pedagógicas exigidas, a candidata tem sido aproveitada após algum tempo de caráter experimental.

Visando aperfeiçoar o ensino, sob sua direção e responsabilidade, a NOVACAP, através de seu Diretor Dr. Ernesto Silva, promoveu e facilitou estágios e cursos intensivos em outros centros de renomado conceito educativo, a elementos de seu magistério:

10 professoras estagiaram na Escola Classe em Salvador-Bahia no ano de 1958, durante 20 dias;

12 professoras estagiaram na citada escola, durante 8 dias do mês de setembro de 1959;

— as 8 professoras, abaixo mencionadas, permaneceram 3 meses na Escola Parque de Salvador, especializando-se nas seguintes técnicas:

- Antônia Paczkoski — couro, tapeçaria e encadernação
- Delcy Aguiar — cartonagem, corte e costura, tapeçaria
- Leocádia P. Toscano — tecelagem, metal, modelagem e couro
- Maria Helena Fúrio — metal, madeira, cerâmica e desenho
- Maria Helena de L. Torres — tecelagem, feltro e couro
- Maria Helena Parreira — desenho, estamparia e cerâmica

Maria Isaura de A. e Silva — cestaria, tapeçaria e couro
Elza Alves Cunha — corte e costura, tecelagem cestaria

- As professoras Alfa Aguiar, Maria Tereza de Medeiros Falcão e Orbella de Souza Lobo, estagiaram durante 10 dias, em setembro de 1959, em diversos jardins da infância do Distrito Federal, sob a orientação da Profª Nair Durão Barbosa Prata.
- A professora Maria Antônia Jacintho, como bolsista do INEP, fez o curso de Jardim da Infância, no Rio de Janeiro, no período de 2 de agosto a 2 de dezembro de 1959.
- A professora Stella dos Cherubins Guimarães, como bolsista do INEP, fez no Rio Grande do Sul, o curso de supervisão escolar, estágio em administração escolar e estágio no Centro de Pesquisa e Orientação Educacional, da Secretaria da Educação e Cultura daquele Estado, no período de agosto a dezembro de 1959.

Todas as professoras estagiárias, ou em cursos, tiveram passagens e vencimentos integrais mantidos pela NOVACAP.

As bolsistas do INEP contaram com gratificação daquele Instituto e as 8 professoras que se especializaram em técnicas de escolas-parque tiveram diárias, pela NOVACAP, e ajuda de custo.

Em anexo deste relatório, figura a relação nominal, e por escola, das professoras em exercício. (Anexo 1).

V — CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Ao findar-se esta exposição, não se pode deixar de reconhecer o esforço da NOVACAP para acelerar os múltiplos serviços a seu cargo e prover as necessidades educacionais e culturais mais prementes da atual população de Brasília.

Tendo-se, porém, em vista a proximidade da data fixada para a mudança da sede do Governo, é dever desta Direção Executiva apontar as numerosas deficiências de que, a despeito daquele esforço ainda se ressentem a cidade e suas adjacências, para que possa, dentro de três meses, dispor do mínimo de instalações necessário para atender ao acréscimo da população escolar previsto na primeira fase dessa mudança.

E, ao apontar essas deficiências, permite-se fazer as recomendações que passa a justificar.

A — Conclusão de prédios escolares iniciados pela NOVACAP e pelo IPASE

Segundo foi assegurado à Comissão pelo Dr. Ernesto Silva, Diretor de Administração, e pelo Engenheiro Pery França, Chefe do Departamento de Edificações da NOVACAP, deverão estar concluídas por ocasião da mudança da capital ou, o mais tardar até o meado de maio, os seguintes prédios escolares:

- 1 — Escola-parque (pavilhão das oficinas e instalações para educação física);
- 2 — Escola-classe, uma na super quadra nº 108, uma na 206 e outra na de nº 106;
- 3 — Centro de Educação Média (Construção do bloco do curso ginásial, do pavilhão de artes práticas e Centro de Educação Física).

No mês de maio, de acordo com informação do engenheiro encarregado das obras do IPASE, deverá estar terminado o prédio para um jardim da infância, na área desse Instituto, cujo início de construção foi anteriormente referido.

No decorrer de 1960, segundo previsão daqueles diretores da NOVACAP, deverá ser construído o edifício do Centro Cultural do Centro de Educação Média.

Esta Direção Executiva considera que a conclusão, pela NOVACAP, das obras acima mencionadas, é condição fundamental para que a CASEB possa montar e por em funcionamento as escolas necessárias ao contingente de estudantes que se mudará para Brasília no mês de abril.

B — Plano de construção de novas obras pela CASEB

Caberá à CASEB, na fase de execução de seus objetivos, planejar e construir novas obras, com os recursos que o Orçamento da União lhe reservar. Dos estudos realizados, salientam-se as seguintes obras que deverão ser atacadas, a partir de agora, na ordem de prioridade em que são enunciadas:

1. Centro de Educação Média:
 - a) Escola Técnica Industrial
 - b) Pavilhão de Administração Geral
 - c) Bloco da Escola Comercial
 - d) Pavilhão de Serviços Gerais
 - e) Bloco do 2º Ciclo Secundário

2. Centro de Preparação de Professores

- a) Escola Primária completa de aplicação
- b) Bloco Central para aulas
- c) Jardim da Infância
- d) Bloco para administração e serviços gerais

3. Ensino Primário

- a) Escola Primária completa em Sobradinho
- b) Escola Primária completa no Conjunto Residencial da Imprensa Nacional e do Exército
- c) 4 escolas-classe no Plano Piloto
- d) Escola-Parque entre as super quadras 207 e 208

4. Centros Culturais e de Recreação para a Comunidade

Sem prejuízo de um plano de construção a longo prazo, sugere a Comissão seja iniciada, imediatamente, a construção de um Centro Cultural e de Recreação, onde se deveriam localizar:

- a) Biblioteca
- b) Salas para recreação
- c) Pavilhão para atividades de aprendizagem de trabalho
- d) Instalações para a prática de esportes e jogos

C – Mobiliário e equipamento

Outra providência, cuja urgência aqui se encarece, é a escolha e aquisição do mobiliário e do equipamento das escolas, cujo funcionamento será previsto para o corrente ano, inclusive o que se destinará às atividades culturais, esportivas e de recreação.

D – Instalações para o pessoal docente e administrativo

Como o pessoal docente do Sistema Educacional de Brasília se constituirá, na sua maioria, de elementos recrutados em outros pontos do País, impõem-se, desde logo, diligências do Grupo de Trabalho de Brasília, para que sejam reservados, nos conjuntos residenciais em construção, cerca de 100 (cem) casas ou apartamentos para os professores a serem admitidos em maio, assim como para aqueles que, embora residentes na cidade, ainda não se acham convenientemente instalados com as suas famílias. Será conveniente que as residências fiquem próximas das escolas em que respectivamente trabalharem.

E – Seleção de professores

Sendo pensamento da Direção Executiva prover as escolas de professores bem qualificados e tendo, para isso, já recebido

autorização dessa Comissão Deliberativa, foi aberta e amplamente divulgada em todo o País, a inscrição de candidatos mediante o preenchimento de um questionário. A seleção será feita através de apreciação de títulos, de habilitação profissional e cultural, uma prova objetiva, e em entrevistas com os candidatos.

No caso particular das professoras primárias já em exercício nas atuais escolas da NOVACAP (que se integrarão, enquanto existirem, no Sistema Educacional de Brasília), sugere, todavia, esta Direção Executiva que a seleção não obedeça integralmente aos referidos critérios.

Tendo essas professoras sido admitidas, conforme ficou esclarecido, mediante estágios e cursos de aperfeiçoamento, parece que a permanência de cada uma deveria depender apenas de algumas condições gerais e da comprovação de sua eficiência e idoneidade no magistério exercido.

F – Transferências e matrículas de estudantes

Outras providências inadiáveis para as quais deve ser solicitada a cooperação dos órgãos ou grupos incumbidos da transferência do funcionalismo, são as que visam a assegurar a continuidade dos estudos dos filhos e dependentes dos congressistas, dos membros do Poder Judiciário e dos servidores públicos, a serem transferidos no primeiro escalão.

Inicialmente tais providências consistiriam em:

- 1 – censo geral dos alunos em referência, especificados por curso e série;
- 2 – entrevista, neste Ministério, para orientação dos pais a respeito das oportunidades e facilidades educacionais que já poderão ser oferecidas na nova Capital;
- 3 – exame da situação dos alunos cujos pais ou responsáveis, na expectativa da próxima mudança para Brasília, preferirem não os matricular em março em estabelecimento da cidade em que estão residindo.

Antecipando-se, aliás, na execução da primeira e da última dessas medidas, esta Direção Executiva acaba de elaborar um questionário para coleta de informações e esclarecimentos sobre a situação de cada estudante.

G – Bibliotecas escolares

A elaboração de um plano de organização e funcionamento das bibliotecas dos centros de Ensino Médio, dos centros culturais e, de modo geral, das escolas de Brasília, é problema de que

até agora praticamente não se cogitou, por estar, como foi dito, a sua solução condicionada ao planejamento das bibliotecas públicas da cidade.

Sendo, por isso, oportuno colocar a questão na ordem do dia dos trabalhos desta Comissão Deliberativa, e aqui oferecido, como preciosa contribuição, um estudo, em linhas gerais, para o planejamento de um sistema de bibliotecas para a cidade de Brasília, elaborado pela Sra. Lydia de Queiroz Sambaquy, presidente do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação. (Anexo)

Isso, porém, não impede que esta Direção Executiva pleiteie, desde já, autorização para adquirir o equipamento essencial para as bibliotecas de jardim da infância, da escola-parque e do Centro de Educação Média e tanto mais quando se trata de satisfazer, por essa forma, uma das exigências regulamentares para o funcionamento das escolas de grau médio e, em particular, do curso secundário.

H – Administração do sistema educacional

Com a instituição da CASEB ficou automaticamente transferida para esse órgão a atribuição de administrar o sistema educacional de Brasília, que vinha sendo exercida pela NOVACAP.

Esta Direção Executiva é, não obstante, de parecer que a efetivação dessa transferência seja adiada para maio vindouro, na parte referente a administração das escolas já em funcionamento.

Justifica-se este parecer:

- a) pelo vulto de trabalho que a CASEB está defrontando e ainda defrontará nos próximos meses, para solução dos problemas de organização e equipamento de escolas, de seleção de professores e de matrícula dos estudantes anteriormente referidos;
- b) pela atuação eficiente que a NOVACAP tem demonstrado na administração de suas escolas, confiada ao Dr. Ernesto Silva;
- c) por haver a NOVACAP firmado, com a maioria das professoras em exercício, um contrato de trabalho, que deverá vigorar até aquele mês.

Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1960.

a) Armando Hildebrand
Diretor Executivo

5. DEPOIMENTO DO PROFESSOR ARMANDO HILDEBRAND

(transcrição de entrevista gravada)

Gildo Willadino, Diretor do Departamento de Planejamento da Secretaria de Educação, realiza, a 15 de maio de 1984, a primeira entrevista que está sendo efetuada dentro do Projeto de Arquivo da Memória da Educação em Brasília. Nós vamos entrevistar o Professor Armando Hildebrand, que foi o primeiro Diretor Executivo da CASEB.

— Professor Armando, antes de chegarmos a Brasília e aos primeiros tempos daqui, apreciaria que apresentasse alguns dados pessoais. O Senhor é de São Paulo?

— Sou de São Paulo, eu sou basicamente Professor primário formado na Escola Normal de Pirassununga.

— Professor Hildebrand, naquela época era muito comum homem fazer curso normal, na sua área?

— Era, era muito comum. Em Pirassununga por exemplo havia na minha turma 78 alunos, eram 56 mulheres e vinte e poucos homens e todos, terminado o curso, passaram a exercer o magistério primário, cujo salário devia ser comparativamente bom, porque permaneciam e faziam carreira no magistério primário de São Paulo; Professor, Diretor de Grupo Escolar, Inspetor e Delegado de Ensino. A minha grande aspiração era chegar a Inspetor.

— Só para uma observação sobre isso, é que no Rio Grande do Sul, que é meu Estado de origem, a carreira de magistério, do antigo magistério primário era praticamente, de forma exclusiva, feminino, e aqui no Distrito Federal, no 2º ano de funcionamento da Escola Normal entrou o primeiro rapaz, e inclusive era objeto de brincadeiras de colegas de outros cursos. Para mim é um pouco de surpresa o fato de que era tão freqüente em São Paulo.

— Exatamente. Bom, nós devemos ver que os grandes educadores de São Paulo, do País mais que de São Paulo foram normalistas, Lourenço Filho foi Normalista, também de Pirassununga e com mui-

to orgulho eu sentava na carteira que era a dele quando estudante — o escritor, o grande educador, foi professor primário. O Almeida Júnior, muito conhecido no País foi professor primário. Luiz Damasco Pena, que ainda está atuando em São Paulo, foi professor primário; Rafael Grise, foi professor. De modo que a quantidade de professores primários em São Paulo era na época muito grande e faziam carreira até a Universidade; quando de se criou a Universidade de São Paulo em 1934 então houve permissão para os normalistas, que era um curso paralelo ao secundário (ele não tinha saída era normalista e acabou), então houve autorização pra ingressarem na Faculdade de Filosofia. Aí grande quantidade de professores primários chegou ao nível superior. A Ministra Esther de Figueiredo Ferraz também é Professora Normalista, aí iniciou sua atividade.

— Depois o Senhor fez curso de Direito.

— Não, depois eu fiz em São Paulo, com bolsa do governo, o curso de Administração Escolar, como era chamado na ocasião, no Instituto de Educação de São Paulo, ligado à Universidade, e daí eu fui para São Carlos ser Diretor da Escola de Aplicação e Professor da Escola Normal de São Carlos. Prestei concurso para Técnico de Educação e fui aprovado, designado para trabalhar no INEP, com o Professor Lourenço Filho. Aí comecei minha atividade, no plano federal, em 1942, quer dizer que eu era . . . tinha um, poucos anos de idade. . .

— O Senhor ocupou função no Ministério, antes de entrar no Projeto da CASEB; vou adiantando pois estou lembrando que em 53 o Senhor era Diretor de Ensino Secundário.

— Eu fui Técnico de Educação do INEP, depois fui, ainda na gestão do Lourenço Filho, Chefe de uma seção de Psicologia Aplicada do INEP também, do INEP eu fui convocado para uma Comissão Brasileira de Educação Industrial — CEBAI que era uma Comissão mista Brasil-Estados Unidos. Entrei num mundo novo, que era o ensino profissional; o SENAI estava recém-criado, as Escolas Técnicas Federais em reforma, em 42 havia sido aprovada a Lei Orgânica do Ensino Industrial. Era um movimento, um momento de renovação na educação técnica, e eu passei a viver nesse meio. Na CEBAI eu me encarreguei de 3 aspectos, especialmente. Um de desenvolvimento de recursos humanos, treinamento de diretores, de técnicos, que foram estudar no estrangeiro. Fizeram cursos aqui, seminários etc. Outro na parte gráfica, de publicação de material para as escolas técnicas; foram publicados muitos manuais, relatórios, traduzidos muitos livros sobre ensino técnico industrial. Ainda há poucos dias eu vi um elaborado na CEBAI, traduzido ao português e produzido pela UNESCO sobre ensino de ciências, Cem Experiências de Ciências.

— Eu conheço o documento.

— É um livro muito bom, muito usado que podia, até hoje, mesmo ser reproduzido. O terceiro setor que me coube, foi a orientação educacional, creio que foi a primeira vez que no Brasil se instalou a orientação educacional; como tinha assistência de técnicos americanos, nós nos louvamos dos conhecimentos deles, da experiência americana, treinamos muitos orientadores; desse grupo saiu o Agnelo Correia Viana, como Orientador Educacional (ele era Professor em Minas, foi então selecionado para orientador e fez cursos nos Estados Unidos etc). Aí eu aprendi alguma coisa do ensino industrial. Da CEBAI eu fui convocado pelo Anísio Texeira para a CAPES e fui o primeiro Diretor-Executivo da CAPES, com o Anísio Teixeira Diretor da CAPES. Daí eu fui para ser Diretor do Ensino Secundário, 53 a 55, onde creio que abri algumas perspectivas novas de descentralização, de fortalecimento da direção da Escola de Aperfeiçoamento de Pessoal, de Professores, com a Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal, de Profissionais. A antiga CADES teve grande projeção no Brasil. Permaneci aí algum tempo, depois então fui o primeiro Diretor da Campanha de Material do Ensino que depois se transformou em FENAME e agora em FAE. Aí também foram feitos alguns documentos, livros e livros de base, da maior importância; um Dicionário de Língua Portuguesa Escolar, um Dicionário Escolar de Francês, Francês-Português, Português-Francês, outro de Latim, Latim-Português, Português-Latim, e outro de Inglês. Também aí se preparou, nesse começo, o Atlas Geográfico com a colaboração do IBGE, e o Atlas Histórico, que foi o primeiro no Brasil, e acho que não há outro; é esse que ainda está por aí.

— São todas publicações, essas 5 que estão sendo reeditadas constantemente.

— Estão sendo reeditadas até hoje.

— Inclusive na Faculdade meus alunos, compulsoriamente, são obrigados a comprar o Atlas Histórico, antes de outro material.

— Exato, exatamente.

— E vários não ficam conhecendo no 1º Grau e Segundo Grau.

— Não tendo experiência editorial, foi difícil conseguir realmente elaborar e dar por acabadas essas publicações, porque eram publicações do Governo, então eram muito discutidas. Por exemplo o Dicionário de Português: certos verbetes que não interpretavam bem ou que convinham a certos grupos deram muito trabalho, bem . . .

— Aí vou interromper. O Sr. estava, se estou bem lembrado, cuidando exatamente da elaboração do Atlas quando começa aparecer Brasília na sua vida.

— Exatamente, eu estava na Campanha de Material de Ensino, quando fui designado Diretor-Executivo aqui da CASEB, que era a Comissão de Administração do Sistema de Educação de Brasília.

— Mais uma pergunta, o Senhor, certo, tinha alguma idéia de vir para Brasília, ou a coisa veio meio às abruptas, assim?

— Eu tinha muito entusiasmo por Brasília, achava a idéia, uma idéia assim fantástica, me atraía muito, e embora muito adaptado ao Rio, com a família toda bem assentada no Rio, essa perspectiva de vir nascer a nova Capital, de viver esse período da nova Capital (um prejuízo, que no meu caso houve até um prejuízo material, já que eu era Professor também na Prefeitura do Distrito Federal, tive que me ausentar do cargo que exercia lá, de Comissão) eu vim para Brasília, vim com a boa vontade da família, que a minha esposa é do Rio, da praia. Então vir a Brasília naquela época do Rio de Janeiro era uma aventura, mas vim por esse motivo; naturalmente que o Professor Menegali e o Ministro Clóvis Salgado, sabendo o meu interesse, desejo de vir para Brasília eles me convidaram para coordenar a implantação das escolas aqui no Distrito Federal.

— Agora, nesse ponto, qual o grau de cobertura que o Senhor teve para desenvolver suas idéias na implantação do sistema? Eu estou adiantando que, por exemplo, estou lembrado como pessoa requisitada (que requisições do IBGE eram complicadíssimas), e a minha saiu com uma facilidade extrema, depois da movimentação inicial da CASEB.

— Certo, bom, na ocasião o Presidente Juscelino Kubitschek, ele dava prioridade a toda atividade, a toda iniciativa que convergisse para fortalecer a construção e a instalação de Brasília, de maneira que no momento de implantar a capital era prioritário tudo que dizia respeito a Brasília; as requisições, os recursos financeiros, a designação de técnicos para trabalhar em Brasília, de maneira que a partir do Presidente, do Ministro e das autoridades do Ministério e de outros, da Educação e de outros Ministérios, Brasília tinha prioridade. Por isso é que tivemos plena cobertura do Governo.

— E na montagem do grupo executivo da Diretoria Executiva, o Senhor conhecia antes as pessoas que integraram ou as pessoas surgiram?

— Eu conhecia todas porque eu tinha sido Diretor do Ensino Secundário, de maneira que era amigos, praticamente todos; o Professor Menegali Presidente da Comissão, éramos Diretor do Departamento Nacional, com quem havia convivido muitos anos; o Professor Lafayette Garcia Diretor de Ensino Comercial, também convivíamos muito tempo no Ministério; o Gildásio Amaro, então Diretor do Ensino Se-

cundário a mesma coisa e assim todos os membros da Comissão Executiva eram meus amigos ou conhecidos.

— O Hélio Medeiros, por exemplo, era conhecido anterior seu?

— Já era conhecido porque trabalhava na Divisão de Educação Física, e a gente já tinha uma convivência; o Senador Adalberto Correia Sena foi funcionário do Ensino Secundário; lá nós nos fizemos amigos, ele quis mudar-se para cá também, então participou do grupo, da equipe da CASEB.

— Roberto Leobons?

— O Roberto Leobons era do INEP, e tinha sido também companheiro meu no INEP. Também era amigo, porque o Ministério naquela ocasião era pequeno, então, praticamente, você conhecia todo o pessoal.

— E lhe apareceu também um elemento que não era dos quadros do Ministério, o Aparício Cerqueira Branco.

— O Aparício Cerqueira Branco, eu não sei como é que o Aparício surgiu no Ministério da Educação; ele veio do Ministério da Guerra, mas ele era um homem muito interessado nas questões sociais e de educação também, ele era da Intendência. Conheci o Aparício nessa primeira viagem da equipe que veio visitar Brasília, ele não veio participar, veio como representante, talvez, do Ministério da Guerra, mas se incorporou no grupo e foi então convidado para assumir funções administrativas. Como ele não era, na ocasião, ainda professor, as funções na parte administrativa passaram para o Aparício.

— Nesse janeiro de 1960, se hospedaram onde aqui em Brasília? Havia hotel, aqui, funcionando?

— Nós nos hospedamos numas casas que estavam já terminadas na setecentos e . . .

— Então, está lembrado; 706.

— Seis, 706; havia lá umas casas terminadas; naquelas então nós nos alojamos e fazíamos as refeições no Núcleo Bandeirante e também no Restaurante Roma que já existia na ocasião, e também tinha um Restaurante de uma família francesa, uma coisa assim, que também já existia. Aí, nós fazíamos refeições.

— O Senhor esteve poucos dias aqui, nesse janeiro. Nessa oportunidade o Senhor fez um balanço da situação. Qual a sua impressão sobre as aulas, com uma inauguração prevista para 21 de abril?

— Bem, verificamos nessa visita feita em janeiro que, dado a situação das obras, não seria possível inaugurar as escolas no dia 21 de abril. Então fizemos um cálculo, um estudo consultando os técnicos

e diretores da NOVACAP, e se decidiu com aprovação do Presidente, que as aulas seriam iniciadas no dia 16 de maio, e daí todas as providências foram tomadas para a inauguração naquela data.

— Àquela época havia um calendário escolar na área de ensino médio como um todo no Brasil. Não tinha a liberdade atual de flexibilidade de calendário?

— Tinha, quando eu era Diretor de Ensino Secundário eu rompi essa tradição e é até interessante lembrar, porque foi rompida essa tradição. Havia pais que moravam no Rio e iam para Petrópolis passar as férias; então, quando chegava o momento das aulas, ainda estava muito calor no Rio de Janeiro, como eram "autoridade", e havia pessoas importantes, conseguiram do Presidente da República um Decreto prorrogando o período de férias em quinze dias, até amenizar o clima no Rio de Janeiro. Quando assumi o Secundário achei que era uma solução imprópria, pois isso era o problema de um grupo, que podia ser até legítimo, mas era de um grupo muito pequeno do Rio de Janeiro, que estava em torno do Governo. Então, em lugar de haver um dia marcado para começar as aulas, havia um número de aulas por ano, de dias letivos que eram 180; o colégio para fazer os exames tinha que cumprir 180 dias, daí poder começar em maio e muitos alunos já vieram com dias letivos dos seus Estados, não é? E por isso foi possível, mas cumpriu-se o período de 180 dias letivos.

— Agora, houve a necessidade de um esforço bastante grande em relação ao prédio, que inclusive conservou e até hoje é chamado Centro Interescolar CASEB; aquele prédio em abril, quando os professores vieram pela primeira vez, ainda não estava pronto, estava bastante cru, em andamento.

— Aquele prédio da CASEB, ele foi resolvido à última hora. Até por março chegamos a conclusão de que o Elefante Branco não terminaria mesmo no dia 16 de maio, não havia forma de concluir. Num reunião com o Ministro Clóvis Salgado e com o Diretor da NOVACAP, o Israel Pinheiro, se decidiu que na área destinada a Escola Normal, onde está a CASEB, o próprio Ministério edificaria um prédio, de construção rápida, um prédio mais, tipo assim modular, mais simples, que pudesse ser feito, no período, para inauguração em 16 de maio. Decidido isto numa tarde, à noite já estava uma equipe em cima do projeto. Elaborando este, o Alcides Rocha Miranda e um outro arquiteto que trabalhava com ele. Esse projeto foi executado à medida que ia sendo elaborado; já se fez uma tomada de preço, da qual participaram 4 ou 5 firmas. E começou a construção, dia e noite; eram vinte e quatro horas por dia. Em 64 dias terminou de construir o edifício, com capacidade para receber toda população de ensino mé-

dio. Eu me lembro que os professores no último dia, acho que você também participou, foram convocados, nem convocados . . .

— Foi num sábado.

— Todos participaram para arrumar assalas, transportar cadeiras, transportar mesa, foi uma festa.

— E as professoras também deram sua colaboração lavando o prédio.

— As professoras lavando o prédio, de maneira que na segunda feira se pudesse então inaugurar com a presença do Presidente da República e foi inaugurado direitinho.

— O estabelecimento CASEB tem uma arquitetura mais agradável, mais confortável que o Elefante Branco.

— Exatamente.

— É muito mais funcional e simpático do que o Elefante.

— Que foi chamado de Elefante Branco justamente por isso.

— Não ficava pronto e era muito caro.

— Tenho a impressão, não tenho certeza, que a expressão Elefante Branco foi de uma reunião que tivemos nos parecendo que não ficaria pronto, "então aquilo é um Elefante Branco". Estava o Anísio, que também passou a usar a expressão Elefante Branco, no sentido de ser uma peça difícil de movimentar. A CASEB então foi feita. Há uns casos interessantes da construção da CASEB. Dia e noite, os candangos, trabalhando. Então um dia, lá o mestre de obras diz assim, estão aparecendo muitos candangos bêbados, eles bebem muito. Então proíbe a bebida, proíbe a bebida. Proibida a bebida, continuavam bêbados. Então, ele instalou uma vedação em toda área e um guarda na entrada e não deixava ninguém entrar com bebida, bebida nada. Continuavam os bêbados; ele disse: — "como é que pode?" Eles investigaram, investigaram e verificaram o seguinte: que eles punham cachaça no café, levavam, e serviam então o café. Era cachaça né. Há um outro caso também interessante. Na inauguração, alguns dias antes, correu uma notícia de que a Aeronáutica iria fazer um movimento contra Brasília, instigado pela antiga UDN, e que iria bombardear Brasília. Não sei de onde nasceu essa lenda, pois as obras da CASEB ficaram vazias, porque o pessoal todo fugiu, os operários saíram, se despediam, "não, eu não quero estar aqui na ocasião do bombardeio". Nunca eu ouvi mais essa história, não sei se alguém sabe disso. Você já tinha ouvido falar, Gildo, nisso?

— Tinha ouvido falar, mas já estava até esquecido.

— É um fato que eu estou relatando porque eu ouvi dos próprios candangos.

— E o recrutamento de professores, como é que foi feito, já que se criava uma Capital nova?

— E a CASEB, estava com que condições para atuar?

— A CASEB estava com formas para atuar. Podia selecionar livremente os professores aqui nas imediações, mas a Comissão da CASEB, os técnicos, acharam que se deveria selecionar professores de todo o País e não de uma região só, já que os alunos que viriam para cá eram, também, de todo o País. Então se estabeleceu-se um concurso, uma espécie de seleção, com abundante informação ao público. Recebemos, então no Rio, os pedidos de inscrição a esse concurso que constou do Currículo, estudo do Currículo de cada um, uma entrevista, para esclarecer as condições de vida, a situação de Brasília, etc., e uma prova de conhecimentos gerais e a parte pedagógica também. Nessa seleção foram recrutados 120 professores primários e uns 80 de ensino médio, eu não tenho certeza do número.

— Eu o corrijo um pouquinho; foram 60 (Anexo 2)

— Foram 60 do Secundário e num total de 180 que foram recrutados, vieram de todo o Brasil, inclusive do Rio Grande. Gildo veio nessa ocasião, a Nélida também.

— Um dos critérios adotados aí foi subjetivo. A Comissão não especificou, vim a saber depois. Mas só para confirmar: havia algum critério étário por parte da Administração Central?

— Na entrevista, no Currículo, a gente levava isso em conta, porque queríamos um quadro de magistério mais ou menos jovem. Não foi rigoroso, mas havia esta preocupação.

— Havia pessoas "velhas"; o Barleze já tinha 39 anos.

— Ah, o Barleze! Porque nós queríamos também pessoas com experiência, pessoas que já tinham vencido no seu Estado, estavam numa carreira no seu Estado, então convocamos esses Professores todos. Fizemos uma reunião aqui, que o Gildo se lembra, com explicação do espírito do Projeto Brasília, para conhecimento também por parte dos Professores, com a indicação de onde iriam residir, porque nós tínhamos na ocasião boas promessas do grupo de trabalho de habitação de Brasília e assim tivemos um corpo de Professores de muito bom nível, provindo de todo o País e muito experimentado. Muito variado também; havia professores de todas as especialidades, professores de artes industriais, professores de música, de desenho e de artes domésticas, porque o ensino era um ensino global, completo, como realmente foi.

— Vieram inclusive profissionais de uma área de ensino considerada modelo, relevante na época, que era a Escola de Nova Friburgo.

— Professores de Nova Friburgo vieram seis ou sete.

— E tinha atrativo?

— Tinha. Porque os salários na ocasião eram realmente convidativos. Mas eu tenho a impressão de que a motivação dos professores era mais ou menos a motivação que eu tive ao vir a Brasília. Quer dizer, participar desta aventura, deste evento histórico, e construir a nova Capital, a terceira mudança. Quer dizer, uma capital definitiva do País.

— Ainda sobre os Professores. O Senhor levou alguns dias para levar os Professores até o lugar em que eles iam morar, não?

— Bem, aí começou a dificuldade! Prometia-se casa de 3 quartos para quem tivesse 3 filhos, e para quem tivesse 2 filhos, 2 quartos. Para os solteiros um quarto e sala, etc. Eu comecei então a luta para obter o cumprimento dessa promessa, que havia sido feita ao Ministro e não conseguimos. No fim, se juntaram todos os Professores, casados, solteiros, com muitos filhos, com poucos filhos no conjunto JK, que era apartamentos de quarto e sala e acabou-se. Aí ficaram, no começo felizes, mas, à medida que o tempo passava, iam se inquietando, com as lideranças para movimentar. Afinal de contas casa, casa, casa, e já havia, já estava montada a administração da Fundação Educacional do Distrito Federal quando houve uma invasão de professores na 712, 708, por aí — o Senhor se lembra não é?

— Até pela lembrança em 61, final do ano, se não me engano a invasão. É uma greve de Professores em setembro.

— A greve...

— Mini-greve que foi resolvida, depois, pelo Chefe da Casa Civil do Presidente.

— É verdade.

— E foram concedidas aquelas casas que pertenciam à Caixa Econômica de São Paulo, da antiga quadra 19 ou 21.

— Que hoje em dia significa o quê? 710?

— É a 708. Então alguns professores se localizaram ali, mas não praticamente todos, os casados...

— É os casados, exatamente. Mas foi um dos pontos que era natural, as dificuldades eram estas, mas este fato conturbou um pouco o 2º semestre de 60, esse problema de casa para os professores. Mas pouco a pouco foi sendo resolvido.

— Como foram pra CASEB os dias que precederam imediatamente o início das aulas, como foram vividos aqueles dias?

— Para a CASEB...

— Para a CASEB havia várias dificuldades. Uma, que não era a maior, era dos Professores que já estavam selecionados, porque viriam normalmente a Brasília, a outra, era a conclusão dos edifícios, prédios para as escolas, essas escolas-classe. Houve muita preocupação, teve muita tensão por parte dos responsáveis. O Presidente transmitiu ao Ministro Clóvis Salgado a recomendação de que dia 16 teria que inaugurar as escolas em Brasília, e muitos deputados, senadores, autoridades em geral, condicionaram a sua vinda à existência de escolas. De maneira que julgávamos que estávamos jogando um papel decisivo na transferência da Capital. Se não tivesse escola, não haveria uma série de mudanças de autoridades. Isso nos preocupava. Então alguns lemas nós adotamos, por exemplo: começar dia 16, todos os alunos terão matrícula assegurada, não importa a série, nem de onde vieram. Agora para fazer essa matrícula era preciso fazer um planejamento, ter uma idéia da quantidade de alunos que iriam chegar. Então nós distribuimos a todos os funcionários que iriam ser transferidos, aos deputados, aos senadores . . .

— Militares, funcionários civis . . .

— Foi distribuído um questionário relativo aos filhos que estavam em escolas, constando nome, residência, nível de ensino, etc., de maneira que, no dia da inauguração as listas estivessem prontas para efetivação das matrículas, o que realmente ocorreu.

— Quer dizer que na CASEB começou a funcionar o antigo Ginásio e o Científico?

— Tudo.

— Tudo no mesmo prédio.

— Científico, o Clássico, o Normal e Técnico de Contabilidade.

— No início sim, mas logo depois houve remanejamento para o Elefante Branco.

— E pra escolinha de madeira, onde está atualmente a Escola Normal.

— Houve um fato que marcou a minha lembrança no 1º dia de aula, e que a gente dramatizou um pouco (não sei se o Gildo se lembra), foi o encontro das antigas professoras, com os novos alunos e as novas professoras, que foi realizado na Escola-Parque. Foi uma grande cerimônia. No caso do ensino primário, de um lado do palco apa-

receram as professoras com os alunos antigos e do outro lado as professoras novas. Encontraram-se então as duas gerações. Isto foi feito porque havia por parte de algumas autoridades, e também dos próprios professores, certa resistência a serem assimiladas ao ensino de Brasília pelas Professoras de Goiás.

— Algumas vieram de outro lugar?

— Algumas vieram de fora. A Diretora do Ensino, naquele tempo, era a Professora Santa Soyer e a Assistente era a Stella dos Cherubins Guimarães; as duas comandavam o ensino. Elas foram incorporadas, e serviram como elo de ligação entre os dois grupos; os alunos se encontravam, se davam as mãos, se abraçavam, etc. Foi realmente uma cerimônia tocante, e daí cada Professora saía com sua turma, se destinando àquelas 3 ou 4 escolas 106, 208, 108. Foram pra sua escola, a Diretora também, já estava tudo organizado e começou o trabalho. Foi bonito esse dia, foi bonito.

— O Senhor está lembrado do dia 19 de maio do Presidente Juscelino na inauguração da CASEB?

— Lembro-me. Choveu nesse dia 18 de maio e nós estávamos preocupados se ia ser bonita a cerimônia. Me lembro a vinda dele, do Ministro Clóvis Salgado; hasteamento da Bandeira, os alunos em torno, os Professores de todo o País ali representados, naturalmente. Não me lembro do discurso de Juscelino, deve ter feito um bom discurso. No discurso do fim do ano na formatura da primeira turma da Escola Normal, quem falou em nome das alunas foi a Cosete Ramos. Foi um discurso muito bonito e o Presidente então pediu-lhe o discurso pra guardar. Entusiasmado, reconhecido, dando conta de que havia sido cumprida essa parte da educação no período inicial.

— Antes do começo do ano, uma coisa chamou a atenção dos Professores: foi a escolha de um dos novos Professores de Brasília e não um elemento do Ministério da Educação para dirigir o então Centro de Ensino Médio, que ninguém conhecia por esse nome, e sim como CASEB.

— CASEB.

— Foi Sáber Abreu.

— Certo.

— Porque a Comissão, a Diretoria Executiva da CASEB escolheu um Professor recém-chegado a Brasília?

— Todos eram recém-chegados e teria de ser escolhido um.

— Porque o Sáber Abreu? Talvez a Direção, os companheiros. Porque aquilo foi decidido mais ou menos em mesa redonda da CASEB. Simpatizou com o Sáber, ele vinha de Friburgo, tinha vivência (notamos nos primeiros dias um convívio fácil do Sáber). Foi muito considerado, de certo modo com alguma surpresa, numa das reuniões, foram então escolhidos o Sáber e as Diretoras das diversas escolas. Eu não sei se o procedimento foi bom ou não, mas Sáber deu conta do recado.

— Aos Professores, agradou muito a idéia. Esperava-se que viria de dentro do pessoal da Diretoria Executiva, o diretor da unidade que começava ali, todo integrado. A CASEB adotou muito o sistema de colegiado. Aquele ano, o primeiro ano letivo, foi dedicado também ao planejamento escolar do ano seguinte do Elefante Branco. O Senhor adotou um critério que soou assim muito democrático, naquela época, em virtude da visão provinciana. O Senhor adotava essa técnica de trabalho de equipe mais ou menos grande, ou aqui em Brasília criou esse sistema de trabalho?

— Talvez esse sistema adotado por mim, tenha sido motivado em parte pelo meu temperamento, pelo meu jeito de me relacionar com as pessoas, porque eu sempre trabalhei e gosto do trabalho em grupo. Talvez em parte, porque aprendi esse trabalho na CEBAI, com os americanos. Nós trabalhamos sempre em equipe. Outra razão também é que os Professores, a diversificação de alunos e Professores na ocasião em Brasília era muito grande, alunos de todos os Estados, Professores de todos os Estados, com níveis diferentes, de formas diferentes de preparação. Se não fosse discutido, se não fosse trabalhado para dar certa unidade, tornaria difícil a administração. Então esses elementos é que propiciaram, de certo modo, um trabalho de grupo, um trabalho colegiado. Talvez o espírito de Brasília de inovação, o próprio plano de educação da cidade elaborado pelo Professor Anísio Teixeira, tudo indicava que deveria ser um ensino dinâmico, um ensino realista, um ensino diversificado, com a valorização da parte artística, da parte do trabalho; vê-se que nos documentos se fala em educação para o trabalho. Deve ser das primeiras vezes que se usou a expressão "para o trabalho", na educação geral e na educação primária. Creio que foram esses os motivos que levaram ao trabalho de grupo, de equipe.

— Como o Senhor citou o plano de Anísio Teixeira, várias pessoas se referem ao plano inicial do Anísio, mas eu devo dizer que pessoalmente nunca encontrei o referido plano. Eu só encontrei essa descrição sintética na publicação da CASEB. Houve algum documento do Anísio que foi difundido?

— Houve documento, ele deve estar no INEP, porque o Anísio na ocasião era Diretor do referido órgão. Houve um plano discutido na NOVACAP e no Ministério.

-- Bom, o primeiro ano de funcionamento foi diferente. Que tal um pouquinho do espírito da época! Como era esse espírito da época aqui de Brasília?

— Acho que talvez até continue a existir, que é um espírito pioneiro de aventura, de fazer uma coisa nova, de companheirismo. Parece que todas as pessoas em Brasília estavam contentes, mesmo diante das dificuldades que a gente encontrava aqui, de residência, de transporte, de poeira, de barulho, falta de alimentos . . .

— De transporte, (é uma coisa que, quando você estava falando me passou pela cabeça). Devia ser realmente um problema.

— Muito difícil.

— Quando o Senhor veio a Brasília pela primeira vez, o Sr. disse que ficava hospedado e fazia refeições na 706; até pra isso deve ter havido problema.

— Era difícil, realmente muito difícil. Os carros particulares se confundiam com os carros oficiais, e havia muita poeira, mas muita confiança, muito entusiasmo, muita alegria. Eu citava há pouco a vocês o caso da minha filha Vera, que veio mais ou menos com uns 11 anos. Recentemente ela me disse: "o ano mais feliz da minha vida foi 1960, pelos companheiros que fiz, pela vida na escola". Porque a escola também de tempo integral, era bom, seis horas na escola. De maneira que eles iam pela manhã, voltavam à tarde, havia atividades recreativas, era muito desenvolvida a parte de artes industriais, a parte de economia doméstica, a parte artística. Bastante, não tanto como eu deseja, mas foi bem desenvolvida. Pesquisas, visitas de alunos a diversas partes. A metodologia de ensino foi inovadora e não se encontrava muita resistência para inovações do corpo docente. Era um entusiasmo generalizado, amizade entre as pessoas, de maneira que predominava um espírito bom, alegre, sadio, de pioneirismo. Acho que foi isso que marcou a nova Capital. Foi uma coisa muito importante na vida de cada um participar da construção e da inauguração e da implantação da nova Capital do País. Muitos jovens naquela ocasião eram estudantes. Até hoje quando se encontram comigo dizem: "ah, aquele ano de 60! A Professora era tal, fulano era professor, fulano era diretor". É muito saudável para a gente ter tido a oportunidade de participar daquele movimento histórico.

— Só um lembrete. Para os professores irem do JK até a CASEB a Diretoria Executiva teve que comprar ônibus.

– Comprou 2 ônibus. Ônibus e kombis faziam o transporte dos Professores do JK até a escola, e de alunos também, porque não havia sistema de transporte coletivo. Geralmente as próprias instituições patrocinavam os transportes; a Câmara tinha o seu ônibus, os Ministérios tinham seus transportes para os alunos, filhos de seus funcionários. A cidade ainda não estava funcionando sozinha, ela estava ainda engatinhando.

– Professor Hildebrand, nós estamos recém-começando o trabalho. Numa nova oportunidade apreciaríamos ter outra conversa.

– Muito bem, foi um prazer. Foi uma hora agradável, recordar os bons tempos. Eu diria assim, do começo da Capital: é um marco importante na História do Brasil. Que nós, Gildo e eu, tomamos parte num dos acontecimentos mais importantes da História do Brasil. A Capital era na Bahia e foi transferida para o Rio de Janeiro. Ficou lá 200 anos, mais ou menos, e depois então tomou seu lugar definitivo. Esperamos que seja definitivo.

6. NOTÍCIAS DO CORREIO BRAZILIENSE À ÉPOCA DO INÍCIO DAS AULAS DO ANO LETIVO DE 1960

6.1 – Início das Aulas (CB, domingo, 15 de maio de 1960):

FUNDAÇÃO ADMINISTRARÁ O ENSINO EM BRASÍLIA

Uma Fundação, e não a CASEB (Comissão Administrativa do Serviço de Ensino em Brasília), é que vai superintender os ensinos primário e médio da nova capital, de vez que aquele órgão foi criado em caráter transitório pelo Ministério da Educação e Cultura, para funcionar apenas enquanto não se organizasse o governo de Brasília.

Essa informação acaba de ser difundida em círculos da Novacap e do MEC, os quais confirmam, no entanto, que as aulas em Brasília começarão na próxima quinta-feira, mas sob a égide da Prefeitura do Distrito Federal, que, para esse fim, está ultimando a organização de uma Fundação Educacional, bem como, no setor sanitário, de uma Fundação de Saúde, ambas administrativamente autônomas, embora diretamente subordinadas ao prefeito.

AS FUNDAÇÕES

Essas Fundações terão um presidente, nomeado pelo prefeito, e Conselhos de Administração, compostos, cada um, de três membros indicados pela PDF e outros três do governo federal. Deverão estar estruturadas até a próxima terça-feira, quando a primeira delas assumirá, no setor de ensino, as atividades até aqui desempenhadas pela CASEB e pela Novacap.

Além disso, a Fundação Educacional de Brasília fixará as diretrizes de sua atuação, com base nos planos já elaborados pela Novacap, via do setor administrativo pelo diretor Ernesto Silva.

OS PROFESSORES

Conforme apurados na Novacap, os professores selecionados em todo o país pela CASEB serão automaticamente contratados pela re-

ferida Fundação. Contradiz-se, ao mesmo tempo, o noticiário veiculado por alguns órgãos de imprensa, segundo os quais esses mestres seriam contratados pela CASEB, pois isso significaria ferir todas as normas da administração pública. Uma fundação, como a que se organiza nesse sentido, sem, pode fazê-lo, uma vez que se trata de entidade de direito privado.

O Sr. Ernesto Silva, segundo já se anuncia, será convidado pelo prefeito Israel Pinheiro para presidir ambas as fundações. Uma das razões dessa escolha é atribuída ao fato de que aquele diretor da Novacap foi o autor dos planos de educação e saúde de Brasília.

6.2 — Início das Aulas (CB, domingo, 15 de maio de 1960):

INÍCIO DAS AULAS EM BRASÍLIA

As aulas do curso primário e dos cursos ginásial, clássico, científico e normal terão início na segunda-feira, dia 16, de acordo com o que dispõe a Portaria nº 36, de 29 de janeiro de 1960, do Ministro da Educação e Cultura.

Para o início das aulas, a Comissão de Administração Educacional de Brasília (CASEB) completou todas as providências necessárias e dá os seguintes esclarecimentos.

ENSINO MÉDIO

Todos os alunos dos cursos ginásial, comercial, científico, clássico e normal deverão comparecer no dia 16, às 8 horas da manhã, ao Centro de Educação Média (bloco do Centro do Magistério), situado ao lado das quadras 24 e 25 das casas da Fundação da Casa Popular.

Os alunos que reservaram matrícula nesses cursos constam da seguinte relação:

CURSO GINÁSIAL — 1ª Série

Ademar Trindade Nascimento, Ana Lúcia Casado Accioly de Lima, Alseu da Costa Monteiro, Aluísio Carvalho Merechia, Aluísio Leite Bezerra, Ângela Cyme de Macedo, Ana Maria Barbosa Alves, Ana Luíza de Albuquerque Silva de Mendonça, Ana Maria Winther Neves, Ângela Maria G. Coelho da Rocha e Silva, Ângela Maria Nogueira Lopes, Ângela Maria Ferreira da Silva, Antônia Batista Pinheiro, Antônio José Pichler, Antônio Leão Ferreira, Bárbara Montes de Souza, Beni Beltrão de Faria, Carlos Alberto Monteiro, Carlos Eraldo Ribeiro Pontual, Carlos Roberto da Silva, Carmen Lúcia Galleso Coaracy, Carmen Lúcia da Silva Pereira, Cecília Maria da Silva, Célia Coelho Aires de Souza, Claudiana Ferreira Dias, Clóvis Angelim

de Araújo Lopes Jr., Cloysio Ulrich de Souza, Cristiane Dorothea Gasner, Diana Moreira Santos, Diógenes de Andrade Filho, Dione Stamato, Egberto Amado Pereira Alves, Elisabeth Ferreira Cascão, Eloy Rottoli Gracia, Elysio Bueno da Costa Neto, Esmeralda de Carvalho Monteiro Guedes, Fábio Luiz Cruz de Oliveira Carvalho, Francisco Milton Cisne Vasconcelos, Francisco da Penha Vieira, Francisco José Costa Rodrigues, Frederico José da Silveira Monteiro, Gener Alves de Oliveira, Gilson Vieira dos Santos, Guido Heleno Dutra, Glace Almeida Campos, Glória Maria de Sá Cordeiro da Silva, Gracinda de Jesus Ramos, Gracinda de Moura Capucho, Hamilton Lopes dos Santos, Haroldo Felipe Coelho Meira, Hebe Coimbra Guedes, Herbert Figueiredo Façanha Filho, Helena Fernandes da Silva, Helena Maria Costa Rodrigues, Helena Padilha Bomfim, Hélia Maria Braga, Hélio Tabosa de Moraes, Heloíza Machado Fagundes, Heloísa Salgado Brito, Heloísa Márcia Nascimento Mamede, Hercy Sant'Anna Mattos, Iara Mercedes Cruz dos Santos, Icaíro Hackbart Arêas, Igatemi Arouche Neves, Ivan Pereira de Araújo, Ilná Ferreira da Silva, Ionne Storni Hauer, Irani de Melo Brito, Ítalo Carlos Pereira Batista Rosa, Ivone Ferreira da Costa, Jäder Balzi de Campos, Jenny Elisa Kanyô, João Alberto da Silva Costa, João Guimarães Filho, José Alberto Nobre Porto, José Antônio Pinto González, José Carlos de Freitas, João Carlos Pereira das Neves, José Mauro Leal Costa, José Natal do Nascimento, José Rômulo Cordeiro, Josefina Almeida de Souza, Jorge Agostinho Cieslak, Jorge da Conceição Tavares, Jorge Moreno da Silva, Jorge dos Santos Amazonas, Júlio César de Freitas, Jurema de Castro Lima, Kátia Maria Abubakir, Kléber Paiva Felício, Leda Iracema Santos Motta, Leila Monteiro Coelho, Lourdes Amaral de Sales, Lucas Richards Gonçalves, Lúcia Elena de Souza Ferreira da Rocha, Lúcia Maria de Oliveira, Lúcia Regina Peixoto, Lúcio Ferreira da Silva, Lúcio Oliveira do Nascimento, Luís Alberto Ribeiro Pontual, Luiz Antônio Sócrates Teixeira, Luiz Fernando Salles, Luiz Ferreira de Oliveira, Luiz Roberto Ferreira da Silva, Luiz Alphonsus de Guimarães, Luíza Maria Coimbra Bueno, Lysia Ribeiro Freire, Mira Mafra Gonçalves, Márcia Barbosa Serra, Mansuêto Crisóstomo de Oliveira, Marco Antônio Coutinho Paixão, Marília Gomes dos Santos, Margaret Pereira da Silva, Maria Lúcia Marçal Ferreira, Mari Ayda Sasse, Maria do Amparo Lopes da Silva, Maria Ângela de Almeida, Maria Aparecida Capparelli, Maria Beatriz Coutinho Paixão, Maria Clara Barbosa de Freitas Melo, Maria de Fátima L. da Silva, Maria da Glória Chagas, Maria Ieda Lopes da Silva, Maria de Lourdes F. da Silva, Maria de Lourdes Teodoro, Maria Onofre de Lima, Maria da Penha Liam da Cunha, Maria Regina Lima de Albuquerque, Maria Thereza de Oliveira Pedrosa, Mariza Vianna Mendes Tavares, Marluce Maria Santos, Marluce Porto Rodrigues de Lima, Marly Gonçalves

Martins, Maurílio de Santana Filho, Mozar Lembeo Medeiros do Carmo, Myriam Castello Branco Sampaio, Moacir Oscar Vieira dos Santos, Myrian da Silva Bressan, Maria José de Alencar Dantas, Nádia dos Santos Oliveira, Nadja Mafra Gonçalves, Nancy Gonçalves Martins, Nísia de Ávila e Silva, Narciso Lyra Júnior, Neide Damasceno Lessa, Nelson Gouvêa, Nelson de Oliveira, Neusa Maria da Silva, Nilda da Costa Lucena, Nilo Sanches Lima, Nilza Maria de Oliveira, Odalis Lopes Pinheiro, Oneide Freire de Oliveira, Orlando Flores Figueira, Patrícia de Oliveira Carvalho, Paulo Borges de Freitas, Paulo José Euvaldo Peixoto, Paulo Prado Paranhos, Paulo Ramos de Figueiredo, Paula Prado Paranhos, Paulo Roberto Petterle, Paulo Xavier da Silva, Pedro Alcântara da Silva Filho, Pedro França Pessoa, Pedro Henrique de Souza, Pedrina Agrário do Carmo, Petrónio Caetano da Silva, Rachel Joffily, Railha Barros Miranda de Castro, Regina José Teobaldo, Regina Coeli Guedes Mafra, Regina Spozito Martins, Renato Estrela Bastos Júnior, Rhodion Quintia, Ricardo Lima Branco, Ricardo Massarotto, Ricardo de Oliveira Dellorge, Rita Maria Francisco Pereira dos Santos, Ribaldo da Costa Lucena, Roberto Belo de Paula, Roberto Luiz Wright da Silva, Rosa Maria Fernandes, Rosa Maria Said, Rosani Maria da Silva Janelli, Rosimar Damasceno Lessa, Sandra Maria Tavares do Canto, Sérgio Carneiro da Cunha Moscoso, Sérgio Lopes Paranhos, Sérgio Luiz Ferreira da Silva, Sidney Alves Barcelos, Sidnei Roldan de Oliveira, Siléa Faciano de Oliveira, Sílvio Luiz de Oliveira Xavier, Simonne Perle Catita Celman, Slawomir Maurício Golebiowsky, Solange Maria G. Coelho da Rocha e Silva, Sônia Alves Costa, Sônia Maria Silvestre, Sônia Maria de Ávila e Silva, Suely Sant'Anna Mattos, Sylvain Nahur Levy, Tânia Soares Pereira, Telma Ruth Cruz Pereira, Teresa Cristina dos Reis Sardinha, Valdo César Damasceno de Carvalho, Verônica Gasner, Vera Hildebrand, Victor Hugo Salim Cabús, Walter Antônio Freire de Oliveira, Zalmir da Silva Chaves.

CURSO GINASIAL – 2ª Série:

Alberto Paim Homsí, Alda Freire de Carvalho, Alfa da Costa Monteiro, Álvaro José Lindoso Veiga, Ana Heliadora de Queiroz Faria, Ana Lúcia Bastos Delpech, Ana Maria Salinas Oliveira, Amaury Gonçalves Martins, Ângela de Oliveira Gonzaga, Anita Barbosa de Souza, Antônio Carlos de Araújo Navarro, Antônio Carlos Gonçalves de Oliveira, Antônio Marmo do Nascimento, Armando Temperani Pereira Jr., Arnaldo José Stamato Filho, Áurea Maria Etelvina Nogueira Lustosa, Benedito José dos Santos, Berecine Teresinha Coutinho Paixão, Breno Ramos Bezerra, Carlinho Hugneney Júnior, Carlos Augusto Santos Assunção, Caubi de Alvarenga Freire, Ceci Machado, Célia Henriques, Célio Torres, Corina Barra, Danilo Ferreira,

Delcy Santos Caio, Dione Ana Maria de Macedo, Dóris Morais de Medeiros, Edson José Sampaio, Eli de Oliveira Pinto, Elizabeth Ferreira Cascão, Elizabeth Galeno Costa, Eneida Maria de Lima Brandão, Emílio César de Carvalho, Ernani Merlino Lancellotta, Fábio de Oliveira Pedrosa, Fioravante Salerno Filho, Flávio Coimbra Guedes, Francisco Monteiro de Almeida Neto, Geraldo de Alvarenga Freire, Gilberto da Costa Bernarde, Gilberto José Onofre de Andrade, Gilda Lopes Pinheiro, Gilvan Gomes de Oliveira, Gilza de Almeida, Gustavo Ramos Bezerra, Helena Maria Pereira Alves, Henrique Oswaldo Motta, Iara Gomes Xavier, Iracildes da Costa Lucena, Ivan Bichara Sobreira Filho, Yvana Ricardo Cabral, Ivete Ferreira da Silva, Yvone Barreto da Silva, Jacira da Costa França, Jair Ramos Reis, João Batista Henriques da Costa, João da Silva Neto, Joaquim Antônio Caiado, Jordan Miranda Lopes, José Arthur Lemos de Assunção, José Carlos de Andrade Werneck, José Carlos dos Santos, José Lúcio Matos Flexa, Josefina Maria da Silva, Juçara Lopes Pinheiro, Leila Siqueira Pentagna, Lélío Gabriel Heliodoro dos Santos, Lídice Botelho Vianna, Lilian Gomes de Queiroz, Lilian Wright da Silveira, Lincoln Luiz Fiuza Lima, Lucila Oliveira do Nascimento, Ludmila Barboza Coutinho, Luiz Antônio Cardoso Hermida, Luiz Carlos de Assis Cerqueira, Luiz Sérgio Marques Leitão, Maria da Glória da Costa França, Malaquise Picota Leão Ferreira, Mareli Pereira Cunha, Maria Alce Múrce, Maria Aparecida Costa, Maria Carmen Machado, Maria Cristina Leal Vianna, Maria Cristina Passos Muniz, Maria Helena Regadas de Moraes, Maria de Lourdes Torres, Maria José Guimarães, Maria Regina de Mattos, Marlene Borges de Freitas, Mauro Fernando de Souza, Milton Silva, Mirian Soares dos Santos, Moacir Buhner de Mello, Mozart Biquiba Dy La-Fuente Júnior, Norma Fernandes da Silva, Nora Lídice Gomes de Oliveira, Olívia Borges de Freitas, Olívia Gabriela de Souza Medeiros, Oscar Souza Rocha, Paulo Aníbal Uzeda de Oliveira, Paulo Roberto Amaral, Paulo Sérgio Carvalhais e Souza, Regina Mara Zaniolo de Carvalho, Ricardo Ferreira da Mota, Roberto Dias Asensi, Roberto Gallotti Schroeder, Rodrigo Luís de Albuquerque, Rosalina Parente Correia, Sérgio Augusto Porto, Sílvia Cristina Gerhard Barrocas, Sílvia Luiza Areal, Solange Viana Mendes Tavares, Sônia Maria G. Colho da Rocha e Silva, Sônia Maria de Oliveira Magalhães, Sônia Maria Paciano de Oliveira, Sônia Mota Mamede, Stella Maria Costa de Magalhães, Tadeu Petterle, Teresinha Coelho Meira, Valquir Cardoso Vieira, Vera Barcelos, Vera Lúcia de Assis Cerqueira, Vera Lúcia Cavalcanti, Vera Lúcia Cirfaco, Vera Lúcia Ferreira da Silva, Vera Maria Chaves, Walter Silva Villela, Elma Soares, Jardelina Dias Souto, Jardelino Arnaldo Sefrin Batista dos Santos, Jocy Costa, Jorge Paulo do Monte, Luiz Antônio Eneas Maribondo, Marimila Corrêa dos Santos, Moacyr

Lopes Casado, Orlado de Araújo Rocha, Osvaldo Pinto da Silva, Vera Lúcia Corrêa Melo, Mirlia Gonçalves Menezes, Marlene Lima Gomes, Marivir Gonçalves, Mário Honório Filho, Marilene Anália dos Reis, Maria de Lourdes Silva, Maria de Lourdes Alves Costa Rodrigues, Maria Luiza de Oliveira Lucas, Maria José Souza Silva, Maria Angelina de Oliveira Duval, Mário Antunes e Souza, Mário Viçoso Amaral, Marita Pimenta Fernande Santiago, Marlene Lima Gomes, Marli Pereira, Milton de Carvalho, Ney Fontes de Melo Távora, Neila Guimarães Alves, Nilma Monteiro de Araújo, Nelie Menezes Lima, Paulo Frossard Portilho, Paulo Maurício de Miranda Cunha, Paulo Roberto Batista Lopes, Rejane Barleze, Ricardo Jorge de Araújo, Roberto Figueira Castelo Branco, Roberto Silva Tilli, Ricardo Gusce Moreira, Ruth Joffily, Roberto Moreira Santos, Rosa Maria Nardelli Pinto, Salvador Augusto Galessio Coaracy, Sônia Maria de Andrade Sousa, Sérgio Portinho Magalhães, Tânia Ribeiro da Silveira, Uilson Tales de Macedo, Vera Lúcia Centerno Braun, Vicente Luis Nardelli Pinto, Violeta Maria Regadas de Moraes, Vera Lúcia Duarte Fernandes, Helena Dolores Heliodoro dos Santos, Victória de Mello Ramos, Vilma Molinari, Walter Flores Figueira.

CURSO GINASIAL – 4ª Série

Alcione Alves Costa, Antônio Celso Diniz, Artur Pereira Cunha, Basília da Costa, Beatriz de Oliveira Lucas, Blavates Cruz Costa, Carmem Silva Ferresin, César Lemos, Cláudio Antônio de Almeida, Dileiza Banazio Monteiro, Dilma Lopes da Silva, Diva Maria Zeniolo de Carvalho, Edna Bezerra Leite, Elcir Natália Sampaio, Elizabeth Golebiowski, Enídio José de Souza Pereira, Eni de Assis Cerqueira, Fátima Maria Ribeiro Ferreira, Franklin Eduardo Vergara, Geisa Fassini de Sant'Anna, Georjinho Avelino da Costa, Gustavo Henrique de Carvalho, Hélio Baêta de Rezende, Iris Taylor Henriques, João de Souza Magalhães, João Luiz Baêta de Rezende, José Humberto de Almeida Sobreira, José Luís Joffily, José de Magalhães Te rez, Josevaldo Cardoso de Lima, Lauro de Nadai da Silva, Luiz Bressan Filho, Maria Guerra Vieira, Maria José Rodrigues da Cunha, Maria Lúvia Fortaleza, Maria Tereza de Oliveira, Marlene Frossard Portilho, Mariza Rêgo Silva, Mariza de Medeiros, Marlene Baêta de Rezende, Nanci Sanches Lima, Pedro Alexandre Vieira dos Santos, Nilson Castro Rabelo, Roberto Jorge Dino, Ronaldo Parente Correia, Sandra de Matos, Samuel Aarão Reis, Tânia Maria Centeno Braun, Vera Regina Alves Fonseca, Vilma Deslandes.

CURSO CIENTÍFICO – 1ª Série

Aderbal Esteves, Agérico de Almeida, Alexandre Brasil de Araújo, Ana Maria Tereza Areal, Antônio Carlos Gomes de Azevedo, An-

tônio Sócrates Fernandes, Arnaldo Gomes, Cynara Coutinho de Miranda, Clodoaldo Abreu da Silveira, Daniel de Souza Rabelo, Djaldir Chaves, Édina Paiva Felício, Éson Silva Araújo, Ely Baptista de Almeida, Etani Menezes Cardoso, Evaldo Soares da Silva, Fernando José de Almeida, Francisco de Assis Medeiros, Francisco de Assis Lott, Geraldo Pereira de Castro Filho, Geraldo Torres, Hélio Henriques, Heliosa Amélia Gonçalves Caiado, Jácio Geraldo Costa, João Carlos Costa dos Anjos, José Benjamin Salles Filho, José Luiz Homem da Costa, José Pedro Carvalho de Paiva, José Roberto Francallecci, Kilda Lopes da Silva, Léa Silva Marçal Ferreira, Lionel Barra, Lúcio Sampaio Silva, Luiz Carlos Cabral Pinheiro, Luiz César Pinto de Almeida, Luiz Cláudio Souza Silva, Marilene da Silva Ferreira, Marilu Vargas, Marli Lima Gomes, Marlice Porto Rodrigues de Lima, Máximo Molina, Nilcéa Gouvea, Paulo Raimundo Carvalho Chaves, Paulo dos Santos Vieira, Paulo de Tarso Marinho, Raimundo Roberto da Silva, Tito Mondin, Virgílio do Nascimento Neto, Wagner de Santana, Eudóximo Pereira de Freitas, Erivaldo Lopes Casado, Léo Dark da Costa, Raymundo Sandoval Moreira.

CURSO GINASIAL – 3ª Série

Alberto Araújo Filho, Alceu Mendonça Nogueira da Gama, Almir Serra Martins Menezes Filho, Álvaro Fortaleza, Ana Maria Coimbra Bueno, Ana Maria Carolina de Mattos, Antônio Carlos da Silva Bressan, Alexandre Torres, Anver Bilal Filho, Augusto César Vargas Carnide, Abel Rafael Pinto, Aguinaldo Guimarães Costa, Alexandre Borges Lopes Borges, Alexandre Tavares, Alfredo José Rodrigues Fontes, Aloysio Neves Guedes, André Gustavo Stumpf Alves de Souza, Ângela Jorge Hegner, Antônio José Francisco Pereira dos Santos, Antônio Murilo de Macedo Eckhardt, Carlos Alberto Pereira, Carlos Antônio de Oliveira, César Aded Paz, Cláudio Lemos Fontes, Déa Berenice de O. Pagy, Douglas Carvalho Nerechia, Delfina da Costa, Daniel Aarão Reis Filho, Diana Sales Campos do Amaral, Eurico Vaz, Elisabeth de Oliveira Lucas, Elzy de Melo Brito, Eduardo Lessa Peixoto de Azevedo, Evaristo Nascimento Neto, Edward Bezerra Leite, Fernando Queiroz Neves, Francisco José de Oliveira Magalhães, Gastão de Miranda Neto, George de Cerqueira Leite Zarur, Georgina dos Santos Amazonas, Hamilton de Moraes Medeiros, Hamilton Prado Júnior, Heris Moraes de Medeiros, Irene Mendes, Ions Ramos de Figueiredo, Ione Ramos, Ione Viana Mendes Tavares, Juçara de Castro Lima, Jose Horário dos Santos, Joaquim Hulálio Bahia, Joaquim Luiz de Oliveira Duval, Jelfson Rocha Dantas, Jorge Francisco da Silva, Júlio César Roffé, Lúcia Oliveira do Nascimento, Lydio Celso Safe Carneiro, Luiz Hamom Panno, Lucy Natália Kanyo, Lilia Barcelos, Leonor Izabel G. dos Santos, Luiz Antônio

de Sá Cordeiro da Silva, Luiz Carlos Monteiro, Luiz Hamom Panno, Luiz Marcílio Kern Machado, Márcio Negrão Hildebrand, Maria Alice Nardeli Pinto, Maria Angélica de Oliveira Duval, Maria da Conceição Lins de Albuquerque, Maria Filomena Sócrates Teixeira, Maria Haydée Coimbra Guedes, Mário Nelson Duarte.

CURSO CIENTÍFICO – 2ª Série

Afonso Henrique de Guimarães Neto, Alberto Xavier de Mello, Aníbal Garcia de Freitas, Antônio Joaquim Costa dos Anjos, Amaury Araújo de Castro, Antônio Luiz Guimarães Moreira, Carlos Brasil de Araújo, Celso Ricken, Celso Luiz Ramos de Medeiros, Cília Barreto da Silva, Cláudio Júlio Freitas Carneiro, Délcio Rocha Miranda, Edgard Bezerra Leite Filho, Élio Francisco Braga, Iran de Oliveira Leporace, Jorge Rodrigues Fontes, José Gentil Neto, Leonardo Camilo Lobo, Luiz Carlos Homem da Costa, Maria Selma Ferreira de Freitas, Mário José de Oliveira Duval, Marly Regina Chaves, Nilo Teixeira de Oliveira, Paulo Tavares Sobral, Paulo Trindade Roberto, Renaldo Carvalho Araújo, Ronaldo Herbert Lelis, Waldir de Santana, José Jorge Hegner.

CURSO CIENTÍFICO – 3ª Série

Agnello Alves Portugal, Alice Cléa Gallotti Bezerra, Ângela Pimenta Fernandes Santiago, Cláudio Giuliani de Campos Vergal, Egas Moniz Nunes, Jairo Monteiro, Horst Guenther Roelke, Laerte Viçoso Amaral, Marcos Aarão Reis, Maria do Carmo Mendonça Nogueira da Gama, Maria Sílvia Regadas de Moraes, Mauro Guerra, Nílcio Rodrigues Dias, Ronaldo Ferreira da Motta, Vaner Flores dos Santos, Wanderley de Oliveira.

CURSO CLÁSSICO – 1ª Série

Antônio Carlos Neumann, Benjamin Gallotti Bezerra, Carlos Trindade, Celma Maria Alves, Dulcinéa de Jesus Guimarães, Edna Gondim de Freitas, Gilberto Aarão Reis, Helenita Amélia Gonçalves Caiado, Heloisa Helena Zanielo de Carvalho, João Ribeiro de Moraes, José Maria Fonseca de Carvalho Cunha, Jussara Camargo Veira, Lília Costa Fernandes, Nilce Rodrigues Dias, Taylor Oriente.

CURSO CLÁSSICO – 2ª Série

Bárbara Botelho Martins Pereira, Maria Vitória Souza Silva, Octávio Queiroz Neves, Orlando de Oliveira Figueiredo, Raul Queiroz Neves, Regina Célia Martins, Regina Maria Assumpção, Rogério Lins de Albuquerque, Sérgio Barbosa Serra.

CURSO CLÁSSICO – 3ª Série

Ângela Maria Flexa Rivers.

CURSO COMERCIAL BÁSICO – 1ª Série

Lydia Pereira de Oliveira, Márcio Cyrne de Macedo, Marlene Pinto dos Santos.

CURSO COMERCIAL BÁSICO – 2ª Série

Alexandre Alberto Gonçalves de Moraes, Marco Aurélio Tapini.

CURSO COMERCIAL BÁSICO – 3ª Série

Dirce Santos, Janete de Paula Brito, Lídia Lemos, Lúcia Lemos, Osmar de Souza Mello, Wilson da Silva Nunes Filho.

CURSO COMERCIAL BÁSICO – 4ª Série

Célia Maria de Oliveira, Maria de Nazareth dos Reis Nunes, Ricardo Moacir Gonçalves de Moraes, Therezinha de Jesus dos Reis Nunes, Yrles Ricardo Cabral.

CURSO TÉCNICO DE CONTABILIDADE – 1ª Série

Adilton Soares da Silva, Gilberto de Castro Garcia Redondo, Miriam Salles, Ubiratan Vargas Vasconcellos, Wilde Rubens Pereira.

CURSO TÉCNICO DE CONTABILIDADE – 2ª Série

Nicolau Marques Ferreira.

CURSO TÉCNICO DE CONTABILIDADE – 3ª Série

Raimundo Alves da Silva.

CURSO INDUSTRIAL BÁSICO – 2ª Série

Messias da Costa Monteiro Filho, Vandir de Lima e Silva.

CURSO NORMAL – 1ª Série

Clarissa de Alencar Moreira, Darcy Virgínia da Costa, Deusdete Dias Santos, Gilda Carneiro da Cunha Moscoso, Helen Pereira da Silva, Heloisa Helena Carvalho, Ilis do Rosário L. Guimarães, Iris de Maria Guimarães Ferreira, Lúcia Maria do Monte, Magda Pinho Franca de Almeida, Márcia Luci Ortiz da Câmara, Maria Lúcia de Oliveira Magalhães, Maria Stella Passos Muniz, Maria Tereza Lodi, Marieta Soares, Nair Pacheco de Oliveira, Neusa Maria Cidral, Rosete Martins Ramos, Vanda Fernandes Habhost, Vilma Buhner Leal.

CURSO NORMAL – 2ª Série

Lilian Regina de Carvalho, Maria Thereza Lima da Cunha, Vera Barra.

CURSO NORMAL – 3ª Série

Cosete Martins Ramos, Maria Coeli de Almeida, Maria Isabel Nardeli Pinto.

ENSINO PRIMÁRIO

Distribuição de Alunos pelas Escolas Primárias.

Para o curso primário programou-se uma reunião de todos os alunos matriculados, no auditório da Escola Parque, segunda-feira, às 10 horas.

Os alunos que reservaram matrícula para as novas escolas primárias de Brasília foram distribuídos pelas três escolas-classe já concluídas, sendo a primeira na superquadra 108—IAPB; a segunda, na superquadra 206—IPASE; e a terceira, na superquadra 308—BANCO DO BRASIL.

Procurou-se, na medida do possível, situar os alunos mais próximos de suas residências, mas nem todos os pedidos de matrícula indicavam a residência em Brasília.

Os alunos cujas residências já foram identificadas pela CASEB foram distribuídos da seguinte forma:

ESCOLA-CLASSE DA SUPERQUADRA 108 — 1ª Série

Alcione Silva Romero, Álvaro Nascimento Lima, Ângela Maria Tricânico Lauriano, Antônio Carlos de Sá Cordeiro da Silva, Antônio José de Freitas, Antônio Luiz Bronzeado, Asdrubal Sanchez Moura, Carlos Alberto da Silva Pinheiro, César Luiz Barbosa Ferreira, Cléa Lourenço, Clemência Rodrigues de Oliveira, Cleveland Sampaio Lofrano, Danuza de Moraes e Castro, Erelita Rodrigues da Silva, Francisco Fernandes Santiago, Francisco Guilherme Thess Ribeiro, Guilherme Vieira Kritz, Homero Lopes dos Santos, Ildefonso da Silva Chaves, Ivan Edson Tanezini, Jayme Martins de Souza, Jesiel Silva Romero, João Batista Abreu de Oliveira Filho, Antônio Marques da Silva, José Eduardo de Alencar Moreira, José Roberto Assumpção Cruz, Jorge Wagner Lattaro, Jorgina Dias Lisboa, Luiz Antônio Schmitt Peters, Luiz Guilherme Lopes Cardoso, Márcio Jordão da Silveira Reis, Marco Antônio Gurgel Joly, Maria Elisa Vargas, Maria Helena Schmitt Peters, Maria Lúcia Lourenço, Maria Nazareth Mendonça Lopes, Marília de Lemos Alves, Marisa de Fátima Santana Carvalho, Martha Regina Iusim, Moisés Jorge Neto, Oséas Andrade Ferreira, Paulo César Penha de Baére, Pedro Moacyr de Andrade Filho, Ricardo Eurico Ribeiro Rocha, Rita Maria Tavares da Cunha Mello, Roberto Cavalcanti de Albuquerque, Roberto José Peixoto, Ruy Pinto Braga, Sandra Helena Prado de Castro, Teresinha Mendes do Nascimento, Walnice Maria da Costa Almeida, Zaldir da Silva Chaves.

SEGUNDA SÉRIE

Afonso Climério Porto César, Ana Regina Machado, Ana Solange N. Brito, Anamélia Eunir Viana Prazeras, Andresa de Moraes e Castro, Ângela de Magalhães Guedes, Ângela Maria Santana Carvalho, Anita Francis Peçanha de Baére, Cristina Elisabeth Braga, Danusa Vivaldi Ribeiro, Dilma Pereira Cordeiro, Eliana Campos Christo Pereira da Silva, Fernando Maurício Caldeira Brant Saldanha, Fernando Paim Homsí, Francisco José Itagiba Arruda, Henrique Figueiredo, Lêda Coelho Aires de Souza, Luiz Eduardo Amorim Páscoa, Márcia Orrico Pupak, Márcia Portinho da Silva, Maria Beatriz Nardeli Pinto, Marília Leão Pedroso Marques, Mário Mendes do Nascimento, Mauro Roberto Iusim, Milverne Cruz Lima Júnior, Neusa dos Santos Oliveira Filha, Olinda Maria Diniz Silva, Paulo de Tarso Aparecida Pinto, Ronaldo Dias Ascensi, Selma Coutinho de Lima, Tânia Maria Nascimento Lima, Teresa Cristina Lopes de Siqueira.

TERCEIRA SÉRIE

Ângela Maria de Azevedo Martins, Aníbal Sanchez Moura, Carlos Alberto Vargas, Carlos Furtado Vianna, César Paim Homsí, Clarice Regine Duarte, Delano Coelho Brito, Delma Elisabeth de Paula Schlottfeldt, Delmo de Paula Schlottfeldt, Denise Vivaldi Ribeiro, Dorani Alves de Souza, Eduardo Hooper Delayti, Eliana de Oliveira Santos, Hilton Lopes dos Santos, Igor Ribeiro da Silveira, João Humberto Lattaro, Lucinalva Ricardo de Oliveira, Luiz César Ferreira da Silva, Luiz Fernando Nardelli Pinto, Mara Lúcia Gonçalves, Maria Elisa de Gusmão Neves, Maria de Fátima P. Nascimento, Maria da Graça Costa Pinto, Maria Clara Schmitt Peters, Marisa Hamom Panno, Marli Portinho da Silva, Mauro Belém Gonçalves, Nara Regina Vitória de Albernaz, Nelson Ferreira da Silva, Olímpia da Silva Chaves, Oswaldo Lancelotta, Paulo César Coelho Abrantes, Pedro Bochner, Rodrigo Odilon dos Anjos, Ruizanete Pires de Queiroz, Ruizemar Pires de Queiroz, Sérgio Roldan de Oliveira, Suely Lucena Dias, Werther José de Oliveira Cordeiro.

QUARTA SÉRIE

Ângela Ferreira de Ferreira, Beatriz Maria Prado de Castro, Carlos Afonso Lopes Cardoso, Carlos Alberto Tenezerei, Carlos de Cerqueira Leite Zarur, Carlos Eduardo Sampaio Lofrano, Celso Antônio Coutinho de Lima, Cláudio José Pinto Barreto, Cláudios dos Santos, Elizabeth Evante Feital, Fernando de Oliveira Leobons, Gleí Renan Lattaro, Hélio Lopes dos Santos, Ismênia Nascimento Lima, Letícia Reis Josetti, Luiz Carlos Tenezerei, João Lincoln de Almeida, José Carlos de Sá Cordeiro da Silva, José Ernesto da Silva Medeiros, José Luís Santana Carvalho, Marcelo Martins Duarte, Margarida Maria da

Rocha, Maria Cristina Amorim Páscoa, Mário Alves da Fonseca Neto, Maurício Vieira Kritz, Mirian Noronha da Silva, Noêmia dos Santos Oliveira, Octávio Baker, Policarpo Milvernes Lima, Rita Rosário Fusco, Rita de Cássia Vieira Serejo, Ronaldo Gallotti Schroeder, Ruisete Pires de Queiroz, Sylvia Maria da Rocha, Tânia Viana Baker, Teresa Maria de Mesquita Lopes da Fonseca, Terezinha Maria de Jesus.

QUINTA SÉRIE

Aldo de Souza Pereira, Ângela Maria Vieira Serejo, Cantídio da Silva Duarte Neto, Eduardo Richard Gonçalves, Haroldo Lessa Peixoto de Azevedo, José Armando Gardia Redondo, Júlio França Pessoa, Lígia Martins de Souza, Luiz Alverne Lodi, Luiz Fernando Soares da Silva, Marisa Belém Gonçalves, Marisa de Carvalho, Nelson Lanches Lima, Pedro Roberto Cantelli, Ronaldo de Oliveira Santos, Rubens André Duarte, Sandra Maria de Araújo Duarte, Susana Beatriz Lima Branco, Sônia Maria Lucena Dias, Sônia Roldan de Oliveira, Tânia Ninive Gomes de Oliveira.

ESCOLA-CLASSE DA SUPER-QUADRA 206 – 1ª SÉRIE

Ademir Pereira, Adolfo Marques da Costa, Ana Lúcia de Miranda Ramos, Ana Maria Fernandes da Silva, Ana Maria Mattos, Ana Lúcia Palnhano Leal, Ângela de Oliveira Francini, Ângela do Nascimento, Angélica Lélia Maria Hugueney, Antônio Álvaro de Oliveira Facundo, Antônio das Neves Santana de Melo, Antônio Ricardo David Leite, Aurea das Graças Tobias, Benvindo Fernandes da Silva Filho, Bráulio Moreira da Silva, Carlos Afonso de Miranda, Carlos Alberto Cardoso de Miranda, Damião José da Silva, Doralice Abreu Calheiros, Elizabeth Gomes dos Santos, Flávia Maria Souza Leão Lemos, Geraldina do Nascimento, Gildásio Vete da Silva, Cláucia Ribeiro, João Lino Centeno Braun, José Carlos Alves do Amaral, José Luiz Xavier, Jorge Luiz do Nascimento, Jorge Maia Neto, Jorge Monteza Bustamante, Kathe Herberg, Kátia Storni Hauer, Kátia Temporal Fénder, Luiz Carlos Fernandes da Silva, Luiz Cláudio de Moraes Pinheiro, Luis Pinto dos Santos, Mara da Costa Januário, Marcelo Roberto Meira de Castro, Maria do Carmo Gomes, Maria Edith Sobral Rolemberg, Maria da Graça Z. de Carvalho, Maria Janete Costa, Maria Helena Pinto dos Santos, Maria Teresa Machado Bastos, Miguel Vinicius da Silva, Norma Maria Gonçalves Orem, Regina Maris Pereira Cunha, Sérgio dos Santos Silva, Tânia Rita David Leite, Vilma Gonçalves.

SEGUNDA SÉRIE

Afonso Queiroz de Carvalho, Ailton Fernandes da Silva, Ana Maria Souza Leão Lemos, Antônio Luiz Spezzio, Armando Sobral

Rolemberg, Arthur Ferro da Fonseca, Carlos César Sá Rosa, César dos Santos Pelágio, Doralice Ferreira de Oliveira, Edson Pires de Assis, Francisco de Assis Costa dos Anjos, Jaciara de Oliveira Francini, Jacinaira de Oliveira Francini, Júlio Pinto dos Santos, Marajoara Costa Bouças, Marcos de Souza Menandro, Maria Luiza da C. Santos, Nilza Gonçalves Torres Pereira, Paulo César Fontenelli, Paulo César Pinto dos Santos, Paulo Edmundo Teixeira Mendes Fernandes Levi, Paulo Roberto Silvestre, Sílvia Maria Thomé Andrade, Solange Maria Gonçalves Orém, Vasco da Cunha Santos, Vera Lúcia Fernandes da Silva.

TERCEIRA SÉRIE

Ana Maria Silvestre, Carlos Alberto Ramos, Carlos Roberto Pinto, Felipe Queiroz de Carvalho, Gilberto Guilherme Costa, Helena Christina Souza Leão Lemos, João de Lima Teixeira Filho, Jorge Pereira Peixoto, José Carlos Evante Feital, José Leopoldo do Nascimento, Vera Maria Pinto dos Santos, Lair Teixeira Mendes Fernandes Levi, Léa Herdy de Orém, Maria Cristina Torres Leal, Maria de Lourdes Sobral Rolemberg, Maria do Rosário Lemos da Silva, Paulo César Cruz Pereira, Paulo de Tarso Machado Bastos, Ronaldo Pereira Cunha, Ruyter Pacheco de Oliveira Filho, Ubirajara Costa Bouças, Victor do Espírito Santo Neto, Virmar Gonçalves.

QUARTA SÉRIE

Ana Maria de Jesus Ramos, Carlos Mário Hugueney, João Oliveira, Jayme Alves Wanzeller, Léa Pires de Assis, Luiz Carlos de Souza Menandro, Luiz Felipe Meira de Castro, Maria Eterna de Mendonça, Maria Salete Keru Machado, Maria Thereza de Souza Mattos, Regina Helena Lemos Fonteles, Ruy de Oliveira Souza.

QUINTA SÉRIE

Dayse da Conceição de Oliveira, Genofa Alves Wanzeller, José Carlos Silvestre, Lídia Maria Hugueney, Luiz Antônio Leite Borges, Marisa da Costa Januário, Paulo Sérgio Duarte Fernandes, Rejane Tabosa de Moraes, Tafs Mendonça Nogueira da Gama, Vera Lúcia Ferreira da Silva.

ESCOLA-CLASSE DA SUPERQUADRA 308 – 1ª SÉRIE

Américo Silva, Antônio Luiz Galdino da Silva, Beatriz Montiel da Rocha, Célia Regina França Pessoa, Célia Regina da Silva Martins, César Augusto Peçanha, Cláudia Wright da Silveira, Dione de Souza, Edelson Galdino da Silva, Fernando Nascimento, Jelferson Pedrosa, João Marcos Del Nero Silva, Léo Ribeiro Freire, Marcos Vieira Jurgstedt, Maria Estela de Souza Fernandes, Marymar Muenzer dos Santos, Néelson Diniz de Oliveira, Tâmara Ribeiro Christo.

SEGUNDA SÉRIE

Agnes Nice Gomes de Oliveira, Eloisa de Souza Ferreira da Rocha, Mário Sérgio da Silva Martins, Norma Nelly Gallo Soares, Vera Lúcia Cunha da Silva, Wilson Peçanha Filho.

TERCEIRA SÉRIE

Elisete Alves da Silva, Francisco Sales Neto, George Ney de Sousa Fernandes, Luiz Fernando Alves, Nádia Ilíada Gomes de Oliveira, Paulo César do Nascimento, Ricardo Jarleze, Roberto Blois Montes de Souza, Sérgio de Souza Ferreira da Rocha.

QUARTA SÉRIE

Amauri Galdino da Silva, José França Pessoa, Sérgio Garcia Salles.

Os alunos cujos endereços não puderam ser obtidos pela CASEB, terão suas matrículas também nessas escolas, de acordo com a seguinte distribuição:

I – ESCOLA-CLASSE DA SUPERQUADRA 108 – IAPB

- 1 – IAPB (108 e 109)
- 2 – IAPETC (107 e 307)
- 3 – IAPC (106 e 306)
- 4 – CAPFESP (303 e 304)
- 5 – IAPI (305)

II – ESCOLA-CLASSE DA SUPERQUADRA 206 – IPASE

- 1 – IPASE (206, 207 e 208)
- 2 – Fundação da Casa Popular – apartamentos – (409 a 414)
- 3 – CAPFESP (104)
- 4 – IAPI (105)

III – ESCOLA-CLASSE DA SUPERQUADRA 308 – BANCO DO BRASIL

- 1 – Fundação da Casa Popular – casas – quadras 19, 20, 21, etc.
- 2 – Caixa Econômica – casas – quadras 16, 17, 18.

PRÉ-PRIMÁRIO E JARDIM DE INFÂNCIA

Com o fim de evitar o tumulto no dia 16, preferiu a CASEB reunir os alunos dos cursos pré-primário e do jardim de infância no dia 18, às 10 horas, no auditório da Escola-Parque, onde os responsáveis receberão a orientação necessária.

O Ministério da Educação e Cultura, através da Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília (CASEB), depois de

todos os percalços de estruturação de um sistema educacional, com a premência de tempo de que dispunha, pode, com satisfação, informar que foram matriculados todos os candidatos inscritos, desde o jardim de infância até os cursos clássico e científico.

7. DISCURSO DO PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHKEK, NA INAUGURAÇÃO DA CASEB, 19 de maio de 1960.

(transcrito do CB, sexta-feira, 20 de maio de 1960)

Dando início ao funcionamento do primeiro Centro de Educação Média desta Capital, o Presidente Juscelino Kubitschek pronunciou a seguinte aula inaugural:

“Nenhum acontecimento mais auspicioso para esta cidade, depois de sua fundação, do que o ato que aqui nos reúne para oferecer à juventude os quatro cursos completos deste primeiro Centro de Educação Média, ponto de partida do vasto programa com que o Governo da República atenderá aos problemas da cultura da Capital do País.

Duplamente me desvanço com esta cerimônia: pelo que ela em si mesma significa e pela circunstância de que a mim confiastes a honra de proferir a aula inaugural deste estabelecimento de ensino.

Escolho para tema expositivo deste nosso encontro o esboço das linhas gerais do plano piloto que nos cumprirá executar em prol do desenvolvimento da educação em Brasília.

Desde logo desejo assinalar um fato que ainda não foi devidamente apreciado.

Brasília nasce como uma expressão de cultura brasileira. É a afirmação dessa cultura na sua monumentalidade arquitetônica e urbanística. O que somos, como expressão original de civilização, aqui se acha exposto e alcançado no plano das realizações materiais.

Mas tudo quanto nos cerca, o próprio edifício em que nos encontramos, exprime e expressa uma plenitude cultural, que não é apenas uma possibilidade do gênio humano no mundo material. É mais que isso. É a nossa concepção de vida, é a nossa crença, é a nossa teoria de esperanças, a guiar-nos para o futuro como povo politicamente organizado.

As primeiras horas da construção desta Cidade, quando ainda nem sequer as máquinas tinham preparado o terreno que receberia as

fundações dos grandes edifícios, já aqui se instalavam as escolas de emergência para atender ao ensino e à educação dos filhos dos operários que ergueriam Brasília.

Desse modo, o ensino e a construção correram paralelos, como forças de cultura. Certo, o ensino se processou, nessas horas matinais, em nível elementar para ocorrer à imperiosa necessidade da difusão das primeiras letras.

Agora que a Cidade existe como vitalidade urbana, na condição de Capital da República, cabe-nos traçar o programa que ajustará o aparelhamento educacional de Brasília à sua expressão urbanística e arquitetônica como expressão da cultura brasileira.

Orgulho-me de aqui ressaltar que, ao construir-se a Cidade, de envolta com a própria poeira da terra que se revolvia, e verificadas pelo mesmo sol que crestava o rosto dos trabalhadores, lançaram-se neste solo as primeiras sementes da educação popular. Essas sementes se disseminaram com a afluência e a fixação das famílias que estabeleceram os nascentes núcleos populacionais do Plano Piloto e das áreas adjacentes.

Já em setembro de 1957 iniciava a NOVACAP a execução de um plano educacional de emergência ao instalar, com cinco professores e 150 alunos, filhos de operários e de servidores públicos, o Grupo Escolar Júlia Kubitschek, que seria a pioneira das escolas desta área do Planalto.

626 ALUNOS

Um ano depois fundava-se a chamada escola da “Companhia Construtora Nacional”, com o respectivo jardim de infância, elevando-se a matrícula geral a 626 alunos, isto é, a quatro vezes aquele contingente inicial. Novo e significativo avanço seguia-se em 1959, com a criação de duas escolas e um jardim de infância em março, duas em abril, quatro em maio e mais uma em agosto, sem falar do grupo escolar e da escola profissional do distrito operário de Taguatinga, atingindo-se, neste período, a nova quadruplicação da matrícula do ano precedente.

Mas não se cuidou unicamente dessa provisão de escolas. Cuidou-se também de dotá-las de boas condições de eficiência pedagógica e social, por criteriosa seleção das professoras, preparadas convenientemente através de programa de aperfeiçoamento em adiantados centros do País. Vale registrar que mais de vinte das educadoras pioneiras estagiaram em escolas-classe de Salvador, quatro se aperfeiçoaram na escola-parque da mesma cidade, em desenho e nos mais variados tipos de artes industriais, enquanto a muitas outras se ensejaram

visitas a jardins de infância do Rio e freqüência de cursos de administração escolar de orientação educacional e de pesquisas pedagógicas no Estado do Rio Grande do Sul.

Ao mesmo tempo que se ofereciam os cursos de educação de adultos, promovidos pelo Departamento Nacional de Educação, apareciam franqueadas ao público, em horário diurno e noturno, as primeiras instituições culturais: uma biblioteca pública no Plano Piloto, outra na Cidade Livre; cursos de línguas em duas horas semanais, escola de cerâmica para crianças e variadas atividades de teatro infantil.

É de registrar, ainda, o fato para nós tão auspicioso, do paralelo desenvolvimento do ensino particular, por iniciativa de uma fundação e de congregações religiosas, a cuja devotamento não deixou, aliás, de corresponder o Governo com a sua ajuda e com a sua assistência.

Devemos a essas iniciativas os dois primeiros ginásios da Cidade, fundados em 1958, e num outro, recentemente autorizado a funcionar, além das oito escolas ou cursos elementares que, no fim do último ano, já atendiam a cerca de dois milhares de crianças, cifra que sensivelmente se aproxima da verificada na matrícula do ensino oficial.

A previdência dos construtores de Brasília não se limitou, contudo, aquelas realizações que visavam, num período tumultuado por tantos trabalhos, a atender aos reclamos de educação na ordem da urgência e das exigências do público. Outra realização — e certamente de mais alto alcance — assinala esta fase transitória em que, mais particularmente, atuou a NOVACAP.

PLANEJAMENTO

Quero referir-me ao planejamento, que quase chegou a concluir-se, da obra educacional já iniciada com a construção definitiva de uma escola-parque, de algumas escolas-classe e jardins de infância, e que nos cumpre agora prosseguir sem vacilações ou delongas.

Ao expor as linhas-mestras desse planejamento, quero ressaltar, antes de tudo, a harmonia e a proporcionalidade com que ele se integra tanto na estrutura e no ritmo de crescimento da cidade quanto na grandeza dos ideais em que se inspira.

Os agrupamentos dos grandes quarteirões residenciais ou superquadras, distribuídos de quatro em quatro, proporcionarão elevado grau de coexistência social. A unidade urbana cinde-se, desse modo, em uma série de comunidades menores. E foi na base dessa estruturação em comunidade que se imaginou a distribuição e a localização dessas escolas e dos centros que lhes completam a atividade educa-

cional. Esta, por sua vez, conforme iremos observar, será tão rica de oportunidades quanto extensa na sua projeção vertical.

Vejamo-lo:

A — Educação Elementar, a ser oferecida em Centros de Educação Elementar, cada um dos quais constituirá um conjunto integrado por 4 jardins de infância, 4 escolas-classes e uma escola-parque, servindo a 4 quadras, e assim discriminados em suas finalidades:

1. Jardins de infância, destinados à educação de crianças das idades de 4 a 6 anos;

2. Escolas-classe, para educação intelectual sistemática de menores nas idades de 7 a 12 anos, em curso completo de seis anos ou séries escolares.

3. Escolas-parque, destinadas a completar a tarefa das escolas-classe, mediante o desenvolvimento artístico, físico e social da criança e sua iniciação no trabalho, através de uma rede de instituições ligadas entre si, dentro da mesma área e constituída de:

- biblioteca infantil e museu;
- pavilhão para atividades de artes industriais;
- conjunto para atividade de recreação;
- conjunto para atividades sociais (música, dança, teatro, clubes, exposições);
- dependências para refeitório e administração.

Como a nova capital é formada de quadras e cada quadra abrigará população variável de 2.500 a 3.000 habitantes, foi calculada a população escolarizável para o nível elementar (6 por cento relativos às idades de 4 a 6 anos, ou seja, 180 crianças destinadas a jardins de infância, e 16 por cento correspondentes às idades de 7 a 12, anos, ou seja, 480 crianças), ficando, pois, estabelecido:

Para cada quadra:

1 jardim de infância, com 4 salas, para, em 2 turnos, atender a 160 crianças ou com 8 salas, para funcionamento em regime de tempo integral;

1 escola-classe, com 8 salas, para, em 2 turnos, atender a 180 alunos (16 turmas de 30 alunos).

Para cada grupo de 4 quadras:

1 escola-parque suficiente para atender, em 2 turnos, cerca de 1.900 alunos das 4 escolas-classe, em atividades de iniciação ao trabalho (para crianças de 10 a 12 anos) em pequenas oficinas de "artes industriais" (tecelagem, tapeçaria, encadernação, cerâmica, cestaria,

cartonagem, costura, bordados e trabalhos em couro, lã, madeira, metal, etc.) e também as de 7 a 12 anos em atividades artísticas, sociais, culturais e de recreação (pintura, biblioteca, exposições, grêmios, música, jogos, natação).

Os alunos freqüentarão diariamente a escola-parque em regime de revezamento com o horário das escolas-classe, isto é, permanecerão 4 horas nas classes de educação intelectual e 4 horas nas atividades da escola-parque, com intervalo para o almoço.

B — Educação Média, organizada de modo a oferecer diversas oportunidades educacionais a jovens de 11 a 18 anos, em Centros de Educação Média na proporção de um para cada conjunto populacional de 30.000 habitantes e com capacidade para abrigar 2.200 alunos (7 por cento de um grupo populacional de 30 mil habitantes). Cada Centro de Educação Média compreenderá um conjunto de edifícios e instalações para:

- 1 — curso básico (primeiro ciclo);
- 2 — cursos clássico e científico;
- 3 — cursos técnicos comerciais;
- 4 — cursos técnicos industriais;
- 5 — centro de educação física, quadras para volibol, basquetebol, piscina, campo de futebol, etc;
- 6 — centro cultural (teatro, exposições, clubes, biblioteca, museu, etc);
- 7 — serviços gerais;
- 8 — administração.

Os diferentes edifícios e as dependências para esportes no Centro de Educação Média formam um conjunto, localizado na mesma área, possibilitando aos estudantes comunidade de vida e de trabalho em horário integral.

C — Formação e Aperfeiçoamento de Prof. Primário, a serem oferecidos em um Centro do Magistério Primário, que, como unidade escolar tipicamente profissional, compreenderá:

- 1 — cursos de formação;
- 2 — cursos de aperfeiçoamento e especialização;
- 3 — escola de aplicação, constituída de uma escola primária e de um jardim de infância.

D — Recreação da comunidade e atividades culturais.

1. Recreação

a) Infantil nos Parques Recreativos (interquadras), compreendendo duas partes: uma para crianças até 7 anos e outra para as de 8 a 12 anos.

b) Adultos e adolescentes — nas Praças de Recreio e nos clubes sociais (interquadras) com instalações para jogos, esportes e outras atividades recreativas.

c) Recreio livre (interquadras) locais destinados às atividades livres dos adolescentes.

2. Biblioteca:

a) A ser planejada, quando o for o sistema das bibliotecas públicas de Brasília, com o qual se relacionará.

EXECUÇÃO DO PLANO

Traçado o plano nas suas linhas estruturais, tornou-se imperioso iniciar-lhe a execução, antes mesmo da implantação definitiva da administração local do novo Distrito Federal.

Surgiu então o problema da organização e da administração das atividades educativas.

Para resolvê-lo, em seus aspectos mais urgentes, no Ministério da Educação e Cultura, através do decreto nº 47.472, de 22 de dezembro de 1959, a Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília, constituída pelos diretores dos vários departamentos do Ministério e por um representante da NOVACAP, e cujas decisões deveriam ser executadas por um diretor, coadjuvado por coordenadores e assessores.

Essa direção executiva já realizou quase tudo que era necessário para que, ao se transferirem para Brasília os membros dos poderes Legislativo e Judiciário e os primeiros contingentes de servidores públicos, aqui encontrassem, devidamente instaladas e com condições de imediato funcionamento, escolas numéricas e qualificativamente suficientes para todos os seus filhos, ainda crianças ou adolescentes.

Nos últimos quatro meses sucederam-se, sem desfalecimento e sem trégua, todos os trabalhos preparatórios julgados indispensáveis.

Primeiro, a seleção de quase duas centenas de professores primários e de grau médio, recrutados, em todo o País, por processo moderno, em que tudo foi considerado, desde a comprovação de atributos pessoais até a análise das reações e atitudes dos candidatos em face dos problemas da vida escolar.

Depois, as providências para conclusão das obras de novas escolas e para aquisição do material didático, organização de bibliotecas escolares e das dependências administrativas.

Finalmente, os trabalhos da matrícula e de orientação, mediante estágios e visitas, dos professores contratados, no que diz respeito às técnicas de ensino e atividades correlatas, inclusive as mais adequa-

das ao funcionamento desta escola-parque, de que nos orgulhamos e todos queremos que venha a ser um modelo em seu gênero.

São características dessa orientação:

- a) Participação ativa do aluno em sua própria educação.
- b) Adaptação dos programas e métodos às condições locais de Brasília.
- c) Atendimento às diferenças de aptidões e vocação dos alunos.
- d) Valorização do trabalho, quer seja mental, quer seja manual.
- e) Socialização pela escola.
- f) Valorização do estudo das ciências pela observação e experimentação.
- g) Combate pela escola aos preconceitos contra atividades e ocupações manuais e técnicas.
- h) Uso intensivo de recursos audiovisuais para a objetivação do ensino.
- i) Tempo integral para professores e alunos.

Quanto à administração do sistema, é pensamento do Governo organizá-lo sob a forma de fundação educacional, com a cooperação técnica e financeira da União, de modo a evitar-lhe impecilhos burocráticos e dar-lhe a maleabilidade de operação própria das empresas privadas.

Não quero terminar este esforço do problema educacional de Brasília sem uma palavra complementar alusiva à educação superior a ser dada na nova Capital.

Os estudos para a estruturação do ensino superior em bases consentâneas com os progressos científicos, técnicos e pedagógicos deste meado do século XX mereceram a máxima atenção. O objetivo era dar a Brasília uma Universidade que, refletindo nossa época, fosse também fiel ao pensamento universitário brasileiro de promover a cultura nacional na linha de uma progressiva emancipação.

Para tanto impunha-se dar ênfase a instituições dedicadas à pesquisa científica e à formação de cientistas e técnicos capazes de investigar os problemas brasileiros com o propósito de dar-lhes soluções adequadas e originais.

Os Institutos de pesquisa deviam, necessariamente, integrar-se no corpo da Universidade, expressão mais alta das atividades culturais do País, para servir também ao ensino e à formação profissional.

A partir de 1808, ano em que se inaugurou o ensino superior no

País, com a instituição de cursos médico-cirúrgicos na Bahia e no Rio de Janeiro, fomos criando escolas superiores, de cunho meramente profissional, em unidades isoladas e auto-suficientes. Cada escola recebia o aluno com o curso secundário, ministrava-lhe conhecimentos científicos básicos e, depois dessa fase preparatória, passava a dar-lhe ensinamentos profissionais.

Quando em 1931 a lei instituiu o sistema universitário brasileiro, fê-lo pela reunião pura e simples das Faculdades tradicionais, sob a égide administrativa de um reitor.

Pedagogicamente, continuavam elas a ser compartimentos estanques, órgãos isolados, ciosos de sua autonomia.

Um esforço louvável para conferir maior coesão aos elementos do conjunto universitário foi a criação em 1939, da Faculdade de Filosofia, centro de preparação de professores e cientistas.

A experiência tem mostrado que a Faculdade de Filosofia não cumpriu ainda o seu profundo objetivo de núcleo principal da Universidade. Continua a ser uma Faculdade a mais, à espera de medidas que melhor a articulem com todo o sistema escolar universitário.

E até esta altura, não obstante o desejo generalizado de se dar unidade funcional aos elementos didáticos e científicos das Universidades brasileiras, tal não se tem alcançado senão em casos isolados.

A Universidade do Brasil procura atualmente reestruturar em institutos que congreguem as especialidades comuns, de modo a fazer a sua transferência para a futura sede, a Cidade Universitária, com esta nova organização.

Este é o alto propósito do Ministério da Educação e Cultura, que, através de convênios ultimamente celebrados, vem procurando criar institutos de caráter universitário para servir a mais de uma Faculdade nos domínios das ciências básicas e da tecnologia.

A plena aceitação dessas providências inovadoras mostra que nossa elite intelectual está amadurecida para uma experiência mais avançada e corajosa.

É o que se tenta fazer agora em Brasília, aproveitando-se a rara oportunidade de encontrar-se o campo inteiramente livre para receber a idéia renovadora.

A Universidade, assim modernizada, deverá ter a gerir-lhe um sistema administrativo mais flexível e mais prontamente eficaz do que o das nossas instituições tradicionais. Por isso, optou-se pelo regime de fundação. Embora instituída pelo poder público, a Fundação Universidade de Brasília, gozará, administrativamente, das virtudes de uma empresa privada.

A luz do plano que se põe agora em execução nesta experiência educacional, o aluno que vem do curso médio não ingressará diretamente nos cursos superiores profissionais. Prosseguirá sua preparação científica e cultural nos Institutos Centrais, de pesquisas e ensino, dedicados às ciências fundamentais.

Nesses órgãos universitários, que não pertencem a nenhuma Faculdade, mas servem a todas elas, o aluno buscará, mediante opção, aqueles conhecimentos básicos indispensáveis ao curso profissional que tiver em vista prosseguir. Em consequência, reduz-se a duração dos cursos profissionais propriamente ditos.

Tal organização permitirá uma real economia, pela concentração, dos Institutos, de todos os recursos ora dispersos pelos pequenos laboratórios das Faculdades isoladas. Com isso, aumenta-se também consideravelmente, o rendimento do trabalho, que passa a ser feito em equipe, por especialistas congregados para objetivos comuns.

Agora dirijo-me particularmente a vós, senhores professores. Como vêdes, não pode ser mais propícia a atmosfera em que ides trabalhar, o que, contudo, não diminui a extensão das vossas responsabilidades. Não só as de ordem didática, mas ainda as da consciência social dos problemas cujas soluções se deseja.

É fato inconteste a influência que a mudança da Capital exercerá no desenvolvimento quantitativo da educação na região Centro-Oeste e nas que a circundam.

Conforme ponderou recentemente um dos nossos mais autorizados educadores, essa influência não tardará em refletir-se sobre o sentido e a direção das tendências do ensino e, portanto, sobre a sua qualidade.

Um paralelo, no plano regional, foi a propósito lembrado com a transferência da capital do Estado de Goiás para Goiânia. Educacionalmente, notável e crescente expansão da rede escolar vem ocorrendo ali desde a mudança. Porém mais significativa é a transformação que passou a operar-se nas idéias da população em relação ao trabalho e à vida social e política.

O povo da zona beneficiada acredita agora na adoção de medidas objetivas na luta contra o subdesenvolvimento, tem mais fé nas coisas e nos homens, nos empreendimentos de progresso e ação social construtiva é, pois, na educação ou numa educação mais objetiva e adequada ao nosso tempo.

Perspectivas como esta, em muito maior escala, são as que, com a mudança da sede da administração federal para este Planalto, estão

se descortinando, com repercussão em grande parte do território nacional.

As antigas e ainda dominantes tendências dos nossos jovens para buscar o ensino secundário geral e não as escolas que mais diretamente preparam para o trabalho, na agricultura, nas indústrias e no comércio, já começam a mudar-se no sentido dos movimentos de industrialização do País. No entanto, isto se vem verificando muito desigualmente, segundo cada região.

Nota-se, mesmo, no relance de um exame superficial, a coexistência de uma Nação progressista, ajustada ao nosso tempo, e uma Nação retrógrada, apegada às novas fórmulas de vida.

Erguendo-se agora entre este e aquele Brasil, Brasília tornou-se a zona de contato desses dois climas de cultura.

A transferência da Capital Federal, segundo o critério geográfico que a ditou, não pode, conseqüentemente, deixar de vir a falar à imaginação dos moços, reproduzindo de algum modo o que se deu na corrida do Oeste, nos Estados Unidos, a partir do meado do século passado.

Brasília, além de uma expressão original da cultura brasileira, é a transplantação dessa cultura para o Planalto Central.

Cumpra-nos desenvolvê-la, dando-lhe sentido ainda mais pujante na experiência nova que neste momento se inicia. Aos jovens brasileiros, que serão os herdeiros da obra iniciada por esta geração, entrego esta Casa, sabendo que os coloco no caminho certo que os levará ao Brasil de amanhã, admiravelmente engrandecido e perfeitamente emancipado."

ANEXO 1

Memorial descritivo do Plano Piloto de Lúcio Costa (Trecho transcrito do código de edificação de Brasília (R.A.1) e Normas Complementares, páginas 11 a 15)

PLANO PILOTO

Transcrevemos o memorial de Lúcio Costa, vencedor do concurso do Plano Piloto de Brasília. A introdução desse relatório — verdadeira obra de arte — demonstrou o elevado espírito do autor:

“Desejo inicialmente desculpar-me perante a Direção da Companhia Urbanizadora e a Comissão Julgadora do Concurso pela apresentação sumária do partido aqui sugerido para a nova Capital e também justificar-me.

“Não pretendia competir e, na verdade, não concorro; apenas me desvencilho de uma solução possível, que não foi procurada, mas surgiu, por assim dizer, já pronta.

“Compareço, não como técnico devidamente aparelhado, pois nem sequer disponho de escritório, mas como simples “maquis” no desenvolvimento da idéia apresentada, senão eventualmente, na qualidade de mero consultor. E se procedo assim candidamente, é porque me amparo num raciocínio igualmente simplório; se a sugestão é válida, estes dados, conquanto sumários na sua aparência, já serão suficientes, pois revelarão que, apesar da espontaneidade original, ela foi, depois, intensamente pensada e resolvida; se não o é, a exclusão se fará mais facilmente, e não terei perdido meu tempo nem tomado o tempo de ninguém.

“A liberação do acesso ao concurso o reduziu de certo modo à consulta àquilo que de fato importa, ou seja à concepção urbanística da cidade propriamente dita, porque esta não será, no caso, uma decorrência do planejamento regional, mas a causa dele: a sua fundação é que dará ensejo ao ulterior desenvolvimento planejado da região. Trata-se de um

ato desbravador, nos moldes da tradição colonial. E o que se indaga é como no entender de cada concorrente uma tal cidade deve ser concebida.

Neste momento Lúcio Costa descreve sumariamente o tipo de cidade que se vai criar. Esse trecho que adiante vamos transcrever é de um grande alcance, naturalmente só perceptível aos espíritos evoluídos, aos homens de idéias avançadas, aos contemporâneos do futuro. Temos repetido o quanto podemos nestes últimos anos: Brasília não é uma cidade qualquer, uma cidade igual a tantas outras, para servir de palco aos tantos erros existentes, nas velhas e desorganizadas comunidades; em Brasília não deverão se desenvolver os sistemas de vida já definitivamente banidos das nações civilizadas nem em Brasília deveriam as autoridades consentir na implantação dos mesmos métodos rotineiros em vigor por esse Brasil afora; Brasília não é uma cidade qualquer, mas a Capital do Brasil, planejada e idealizada para tal.

Mas a autoridade de LÚCIO COSTA melhor faria entender os recalitrantes:

“Ela deve ser concebida não como simples organismo capaz de preencher, satisfatoriamente, sem esforço as funções vitais próprias de UMA CIDADE MODERNA QUALQUER, não apenas como URBS, mas como CIVITAS, possuidora dos atributos inerentes a uma Capital. E para tanto, a condição primeira é achar-se o urbanista imbuído de UMA CERTA DIGNIDADE E NOBREZA DE INTENÇÃO, porquanto desta atitude fundamental decorrem a ordenação e o senso de conveniência e medida capazes de conferir ao conjunto projetado e desejável caráter monumental. Monumental não no sentido de ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente do que vale e significa. Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e a especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura das mais lúcidas do país.

O intróito do memorial de Lúcio Costa já indica, aos mais inteligentes, a grande sabedoria do mestre, do filósofo, do sociólogo.

E continua LÚCIO COSTA:

“Dito isto, vejamos como nasceu, se definiu e resolveu a presente solução:

- 1 – Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da Cruz.
- 2 – Procurou-se depois a adaptação à topografia local, ao escoamento natural das águas, à melhor orientação, arqueando-se um dos eixos a fim de contê-lo no triângulo equilátero que define a área urbanizada.
- 3 – E houve o propósito de aplicar os princípios francos da técnica rodoviária — inclusive a eliminação de cruzamentos — à técnica urbanística, conferindo-se ao eixo arqueado, correspondente às vias naturais de acesso, a função circunlocutória-tronco, com pistas centrais de velocidade e pistas laterais, para o tráfego local, e dispondo-se ao longo desse eixo o grosso dos setores residenciais.
- 4 – Como decorrência dessa concentração residencial, os centros cívicos e administrativo, o setor cultural, o centro de diversões, o centro esportivo, o setor administrativo municipal, os quartéis, as zonas destinadas à armazenagem, ao abastecimento e às pequenas indústrias locais, e, por fim, a estação ferroviária, foram-se naturalmente ordenando e dispondo ao longo do eixo transversal que passou a ser assim o eixo monumental do sistema. Lateralmente à interseção dos dois eixos, mas participando funcionalmente e em termos de composição urbanística do eixo monumental, localizaram-se o setor bancário e comercial, o setor de escritórios de empresas e profissões liberais e ainda os amplos setores do varejo comercial.
- 5 – O cruzamento desse eixo monumental, de cota inferior, com o eixo rodoviário-residencial impôs a criação de uma grande plataforma aberta do tráfego que não se destina ao estacionamento ali, remanso onde se concentrou logicamente o centro de diversões da cidade, com os cinemas, os teatros, os restaurantes, etc.
- 6 – O tráfego destinado aos demais setores prossegue, ordenado em mão única na área inferior coberta pela plataforma e entalada nos dois topos, mas aberta nas faces maiores, área utilizada em grande parte para o estacionamento de veículos e onde se localizou a estação rodoviária interurbana, acessível aos passageiros pelo nível superior da plataforma. Apenas as pistas de velocidade mergulham, já então subterrâneas, na parte central desse piso inferior que

se espraia em declive até nivelar-se com a esplanada do setor dos Ministérios.

- 7 – Desse modo e com a introdução de três trevos completos em cada ramo do eixo rodoviário e outras tantas passagens de nível inferior, o tráfego de automóveis e ônibus se processa tanto na parte central quanto nos setores residenciais sem qualquer cruzamento. Para o tráfego de caminhões estabeleceu-se um sistema secundário autônomo com cruzamentos sinalizados, mas sem cruzamento ou interferência alguma com o sistema anterior, saído acima do setor esportivo, e que acede aos edifícios do setor comercial ao nível do subsolo, contornando o centro cívico em cota inferior, com galerias de acesso previstas no terrapleno.
- 8 – Fixada a rede geral do tráfego de automóvel, estabeleceram-se tanto nos setores centrais como nos residenciais traças autônomas para o trânsito local dos pedestres a fim de garantir-lhes o uso livre do chão, sem, contudo, levar tal separação a extremos sistemáticos e antinaturais pois não se deve esquecer que o automóvel, hoje em dia, deixou de ser o inimigo inconciliável do homem, domesticou-se, já faz, por assim dizer, parte da família. Ele só se "desumaniza", readquirindo vis-a-vis do pedestre, feição ameaçadora e hostil, quando incorporado à massa autônoma do tráfego". Há, então, que separá-los, sem perder de vista que, em determinadas condições e para comodidade recíproca, a coexistência se impõe...
- 9 – Veja-se agora como, nesse arcabouço de circulação ordenada se integram e articulam os vários setores. Destacam-se, no conjunto, os edifícios destinados aos poderes fundamentais que, sendo em número de três e autônomos, encontraram no triângulo equilátero, vinculado à arquitetura da mais remota antiguidade, a forma elementar apropriada para contê-los. Criou-se, então, um terrapleno triangular, com arrimo de pedra à vista, sobrelevado na campina circunvizinha a que se tem acesso pela própria rampa da auto-estrada que conduz à residência e ao aeroporto. Em cada ângulo dessa praça — PRAÇA DOS TRÊS PODERES — localizou-se uma das casas, ficando as do governo e do Supremo Tribunal na base, a do Congresso no vértice, com frente igualmente para uma esplanada ampla, disposta num segundo terrapleno, de forma retangular e nível mais alto, de acordo com a topografia local, igualmente arrimado de pedras em todo o seu perímetro. A aplicação, em termos

atuais, dessa técnica oriental milenar dos terraplenos garante a coesão do conjunto e lhe confere uma ênfase monumental imprevista. Ao longo dessa esplanada — o Mall dos ingleses, extenso gramado destinado a pedestres, a paradas e a desfiles, foram dispostos os ministérios e autarquias. Os das Relações Exteriores e Justiça ocupando os cantos inferiores, contíguos ao edifício do Congresso e com enquadramento condigno: Os Ministérios Militares, constituindo uma praça autônoma, e os demais ordenados em seqüência — todos com áreas privativas de estacionamento — sendo o último o da Educação, a fim de ficar vizinho do setor cultural, tratado à maneira de parque para melhor ambientação dos museus, da biblioteca, do planetário, das academias, dos institutos, etc., setor esse também contíguo à ampla área destinada à Cidade Universitária como o respectivo Hospital de Clínicas e onde também se prevê a instalação do Observatório. A Catedral ficou igualmente localizada nessa esplanada, mas numa praça autônoma disposta lateralmente, não só por questão de protocolo, uma vez que a Igreja é separada do Estado, como por questão de escala, tendo-se em vista valorizar o monumento e, ainda, principalmente por outra razão de ordem arquitetônica: a perspectiva de conjunto da esplanada deve prosseguir desimpedida até além da plataforma, onde os dois eixos urbanísticos se cruzam.

- 10 — Nesta plataforma, onde, como se viu anteriormente, o tráfego é apenas local, situou-se então o centro de diversões da cidade (mistura, em termos adequados de Piccadilly Circus, Times Square e Champs Elysées). A face da plataforma debruçada sobre o setor cultural e a esplanada dos Ministérios, não foi edificada, com exceção de uma eventual casa de chá e da Ópera, cujo acesso tanto se faz pelo próprio setor de diversões, como pelo setor cultural contíguo, em plano inferior. Na face frontal foram concentrados os cinemas e teatros, cujo gabarito se fez baixo e uniforme, constituindo, assim, o conjunto deles, um corpo arquitetônico contínuo, com galeria, amplas calçadas, terraços e cafés, servindo as respectivas fachadas em toda a altura de campo livre para a instalação de painéis luminosos de reclame. As várias casas de espetáculo estarão ligadas entre si por travessas no gênero tradicional da rua do Ouvidor, das vielas venezianas ou de galerias cobertas (arcadas) e articuladas a pequenos pátios com bares e cafés, e

“loggias” na parte dos fundos, com vista para o parque, tudo no propósito de propiciar ambiente adequado ao convívio e à expansão. O pavimento térreo do setor central desse conjunto de teatros e cinemas manteve-se vazado em toda a sua extensão, salvo os núcleos de acesso aos pavimentos superiores, a fim de garantir continuidade à perspectiva, e os andares se previram envidraçados nas duas faces, para que os restaurantes, clubes, casas de chá, etc., tenham vista de um lado para a esplanada inferior, e do outro para o aclave do parque no prolongamento do eixo monumental e onde ficaram localizados os hotéis comerciais e de turismo, e, mais acima, para a torre monumental das estações radioemissoras e de televisão tratada como elemento plástico integrado na composição geral. Na parte central da plataforma, porém, disposto lateralmente, acha-se o saguão da estação rodoviária com bilheteria, bares, restaurantes, etc., construção baixa, ligada por escadas rolantes ao hall inferior de embarque, separado por envidraçamento do cais propriamente dito. O sistema de mão única obriga os ônibus, na saída, a uma volta, num ou noutro sentido, fora da área coberta pela plataforma, o que permite ao viajante uma última vista ao eixo monumental da cidade antes de entrar no eixo rodoviário-residencial — despedida psicologicamente desejável. Previram-se igualmente nesta extensa plataforma destinada principalmente, tal como no piso térreo, ao estacionamento de automóveis, duas amplas praças privativas de pedestres, uma fronteira ao teatro da Ópera e outra, simetricamente disposta, em frente a um pavilhão de pouca altura debruçado sobre os jardins do setor cultural e destinado a restaurante, bar e casa de chá. Nestas praças, o piso das pistas de rolamento, sempre de sentido único, foi ligeiramente sobrelevado em larga extensão para o livre cruzamento dos pedestres num e outro sentido, o que permitirá acesso franco e direto tanto aos setores do varejo comercial quanto ao setor dos bancos e escritórios.

- 11 — Lateralmente ao setor central de diversões, e articulados a ele, encontram-se dois grandes núcleos destinados, exclusivamente, ao comércio — lojas e magazines, e dois setores distintos, o bancário-comercial e o dos escritórios para profissões liberais, representações e empresas, onde foram localizados respectivamente o Banco do Brasil e a sede dos Correios e Telégrafos. Esses núcleos e setores são acessí-

veis aos automóveis diretamente das respectivas pistas, e aos pedestres por calçadas sem cruzamento, e dispõem de autopistas para estacionamento em dois níveis e de acesso de serviço pelo subsolo correspondente ao piso inferior da plataforma central. No setor de bancos, tal como no dos escritórios, previram-se três blocos altos e quatro de menor altura, ligados entre si por extensa área térrea com sobreloja, de modo a permitir intercomunicação coberta e amplo espaço para instalação de agências bancárias, agências de empresas, cafés, restaurantes, etc. Em cada núcleo comercial, propõe-se uma seqüência ordenada de blocos baixos e alongados e um maior, de igual altura dos anteriores, todos, todos interligados por um amplo corpo térreo com lojas, sobrelojas e galerias. Dois braços elevados da pista de contorno permitem, também aqui, acesso franco aos pedestres.

- 12 -- O setor esportivo, com extensíssima área destinada exclusivamente ao estacionamento de automóveis, instalou-se entre a Praça da Municipalidade e a torre rádio-emissora, que se prevê de planta triangular com embasamento monumental de concreto aparente até o piso dos estúdios e mais instalações e superestrutura metálica com mirante localizado a meia altura. De um lado, o estádio e mais dependências, tendo aos fundos o Jardim Botânico; do outro, hipódromo com as respectivas tribunas e vila hípica e, contíguo, o Jardim Zoológico, constituindo essas duas imensas áreas verdes, simetricamente dispostas em relação ao eixo monumental, como que pulmões da nova cidade.
- 13 -- Na Praça Municipal instalaram-se a Prefeitura, a Polícia Central, o Corpo de Bombeiros e a Assistência Pública. A penitenciária e o hospício, conquanto afastados do centro urbanizado, fazem igualmente parte deste setor.
- 14 -- Acima do setor municipal, foram dispostas as garagens da viação urbana, em seguida, de uma banda e de outra, os quartéis, e numa larga faixa transversal o setor destinado ao armazenamento e à instalação das pequenas indústrias de interesse local, com setor residencial autônomo, zona esta rematada pela estação ferroviária e articulada igualmente a um dos ramos da rodovia destinada aos caminhões.
- 15 -- Percorrido assim de ponta a ponta esse eixo monumental, vê-se que a fluência e unidade do traçado, desde a praça do

Governo até a Praça Municipal, não exclui a variedade e cada setor, por assim dizer, vale por si como organismo plasticamente autônomo na composição do conjunto. Essa autonomia cria espaços adequados à escala do homem e permite o diálogo monumental localizado sem prejuízo do desempenho arquitetônico de cada setor na harmonia da integração urbanística do todo.

- 16 -- Quanto ao problema residencial, ocorreu a solução de criar-se uma seqüência contínua de grandes quadras dispostas em ordem dupla ou singela, de ambos os lados da faixa rodoviária, e emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada, árvores de porte, prevalecendo em cada quadra determinada espécie vegetal, com chão gramado e uma cortina suplementar intermitente de arbustos e folhagem, a fim de resguardar melhor, qualquer que seja a posição do observador, o conteúdo das quadras, visto sempre num segundo plano e como que amortecido na paisagem. Disposição que apresenta a dupla vantagem de garantir a ordenação urbanística mesmo quando varie a densidade, categoria, padrão ou qualidade arquitetônica dos edifícios e de oferecer aos moradores extensas faixas sombreadas para passeio e lazer, independentemente das áreas livres previstas no interior das próprias quadras.

Dentro dessas "superquadras", os blocos residenciais podem dispor-se da maneira mais variada, obedecendo, porém, a dois princípios gerais: gabarito máximo uniforme, talvez seis pavimentos e pilotis, e separação do tráfego de veículos do trânsito de pedestres, mormente o acesso à escola primária e às comodidades existentes no interior de cada quadra.

Ao fundo das quadras, estende-se a via de serviços para o tráfego de caminhões, destinando-se ao longo dela a frente oposta às quadras a instalação de garagens, oficinas, depósitos de comércio em grosso, etc., e reservando-se uma faixa de terreno equivalente à uma terceira ordem de quadras para floricultura, horta e pomar. Entaladas entre essa via de serviço e as vias do eixo rodoviário, intercalaram-se então largas e extensas faixas com acesso alternado, ora por uma ora por outra, e onde se localizaram a igreja, as escolas secundárias, e cinema e o varejo do bairro, disposto conforme a sua classe ou natureza.

O mercadinho, o açougue, as vendas, quitandas, casas de ferragens etc. na primeira metade da faixa correspondente ao acesso de serviço; as barbearias cabeleireiros, modistas, confeitarias, etc. na primeira seção da faixa de acesso privativo dos automóveis e ônibus, onde se encontram igualmente os postos de serviço para venda de gasolina. As lojas dispõem em renque com vitrinas e passeio coberto na face fronteira às cintas arborizadas de enquadramento dos quarteirões e privativas dos pedestres, e o estacionamento na face oposta contígua às vias de acesso motorizado, prevenindo-se travessas para ligação de uma parte a outra, ficando, assim, as lojas geminadas duas a duas, embora o seu conjunto constitua um corpo só.

Na confluência das quatro quadras, localizou-se a igreja do bairro, e aos fundos dela as escolas secundárias, ao passo que na parte da faixa de serviço fronteira à rodovia se previu o cinema, a fim de torná-lo acessível a quem proceda de outros bairros, ficando a extensa área livre intermediária destinada ao clube de juventude, com campos de jogos e recreio.

- 17 – A gradação social poderá ser dosada facilmente, atribuindo-se maior valor a determinadas quadras, como, por exemplo, as quadras singelas contíguas ao setor das embaixadas, setor que se estende de ambos os lados do eixo principal paralelamente ao eixo rodoviário, com alameda, de acesso autônomo, e via de serviço para o tráfego de caminhões comum às quadras residenciais. Essa alameda, por assim dizer, privativa dos bairros das embaixadas e legações, se prevê edificada apenas num dos lados, deixando-se o outro com a vista desimpedida sobre a paisagem, excetuando-se o hotel principal localizado nesse setor e próximo do centro da cidade. No outro lado do eixo-rodoviário-residencial, as quadras contíguas à rodovia serão naturalmente mais valorizadas que as quadras internas, o que permitirá as gradações próprias do regime vigente; contudo, o agrupamento delas, de quatro em quatro, propicia, em certo grau, a coexistência social, evitando-se assim uma indevida e indesejável estratificação. E, seja como for, as diferenças de padrão de uma quadra a outra serão neutralizadas pelo próprio agenciamento urbanístico proposto, e não serão de natureza a afetar o conforto social a que todos têm direito. Elas decorrerão apenas de um maior

ou menor espaço atribuído a cada indivíduo e a cada família, da escolha dos materiais e do grau e requinte de acabamento. Nesse sentido, deve-se impedir a enquistação de favelas, tanto na periferia urbana quanto na rural. Cabe a Companhia Urbanizadora prover dentro do esquema proposto acomodações decentes e econômicas para a totalidade da população.

- 18 – Previram-se igualmente setores ilhados, cercados de arvoredo e de campo, destinados a loteamento para casas individuais, sugerindo-se uma disposição dentada em cremalheira para que as casas construídas nos lotes do topo se destaquem na paisagem, afastadas umas das outras, disposição que ainda permite acesso autônomo de serviço para todos os lotes. E admitiu-se igualmente a construção eventual de casas avulsas isoladas, de alto padrão arquitetônico — o que não implica tamanho — estabelecendo-se porém, como regra, nestes casos, o afastamento mínimo de um quilômetro de casa a casa, o que acentuará o caráter excepcional dessas concessões.
- 19 – Os cemitérios, localizados nos extremos do eixo rodoviário-residencial, evitam aos cortejos a travessia do centro urbano. Terão chão e grama e serão convenientemente arborizados com sepulturas rasas e lápides singelas, à maneira inglesa, tudo desprovido de qualquer ostentação.
- 20 – Evitou-se a localização dos bairros residenciais na orla da lagoa, a fim de preservá-la intata, tratada com bosques e campos de feição naturalista e rústica para os passeios e amenidades bucólicas de toda a população urbana. Apenas os clubes esportivos, os restaurantes, os lugares de recreio, os balneários, e os núcleos de pesca, podem chegar à beira d'água. O clube de Golfe situou-se na extremidade leste, contíguo à residência e ao Hotel a nibos em construção, e o late Clube, na enseada vizinha, em remeados por denso bosque que se estende até à margem da represa, bordejada neste trecho pela alameda de contorno que intermitentemente se desprende de sua orla para embrenhar-se pelo campo que se pretende eventualmente florido e manchado de arvoredo. Essa estrada se articula ao eixo rodoviário e também à pista autônoma de acesso direto do aeroporto ao centro cívico, por onde entrarão na cidade os visitantes ilustres, podendo a respectiva saída processar-se, com vantagem, pelo próprio eixo rodoviário-residencial. Propõe-se ainda a localização do aeroporto definitivo na área in-

terna da represa, a fim de evitar-lhe a travessia ou o contorno.

21 – Quanto à numeração urbana, a referência deve ser o eixo monumental, distribuindo-se a cidade em metades NORTE e SUL; as quadras seriam assinaladas por números, os blocos por letras, e finalmente, o número de apartamentos na forma usual, assim por exemplo: N-Q3 – L – apto. 201. A designação dos blocos em relação à entrada da quadra deve seguir da esquerda para a direita, de acordo com a norma.

22 – Resta o problema de como dispor do terreno e torná-lo acessível ao capital particular. Entendo que as quadras não devem ser loteadas, sugerindo, em vez de venda de lotes, a venda de quotas de terrenos, cujo valor dependerá do setor em causa e do gabarito, a fim de não entrar o planejamento atual e possíveis remodelações futuras no delineamento interno das quadras. Entendo, também, que esse planejamento deveria de preferência anteceder a venda das quotas, mas nada impede que compradores de um número substancial de quotas submetam à aprovação da Companhia projeto próprio de uma urbanização de uma determinada quadra, e que, além de facilitar aos incorporadores a aquisição de quotas, a própria Companhia funcione, em grande parte, como incorporadora. E entendo igualmente que o preço das quotas, oscilável conforme a procura, deveria incluir uma parcela como taxa fixa, destinada a cobrir as despesas do projeto no intuito de facilitar tanto o convite a determinados arquitetos, como a abertura de concursos para a urbanização e edificação das quadras que não fossem projetadas pela Divisão de Arquitetura da própria Companhia. E sugiro ainda que a aprovação dos projetos se processe em duas etapas, anteprojeto e projeto definitivo, no intuito de permitir seleção prévia e melhor controle da qualidade das construções.

Da mesma forma quanto ao setor do varejo comercial e aos setores bancários e dos escritórios das empresas e profissões liberais, que deveriam ser projetados previamente de modo a se poderem fracionar em subsetores e unidades autônomas, sem prejuízo da integridade arquitetônica, e assim se submeterem parceladamente à venda no mercado imobiliário podendo a construção propriamente dita, ou parte dela, correr por conta dos interessados ou da Companhia ou, ainda, conjuntamente.

23 – Resumindo, a solução apresentada é de fácil apreensão, pois se caracteriza pela simplicidade e clareza do risco original, o que não exclui, conforme se viu, a variedade no tratamento das partes, cada qual concebida segundo a natureza peculiar da respectiva função, resultando, daí, a harmonia de exigências de aparência contraditória. É assim que, sendo monumental, é também cômoda, eficiente, acolhedora e íntima. É ao mesmo tempo derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional. O tráfego de automóveis se processa sem cruzamento, e se restitui o chão, na justa medida, ao pedestre. E, por ter o arcabouço tão claramente definido, é de fácil execução: dois eixos, dois terraplenos, uma plataforma, duas pistas largas num sentido, uma rodovia no outro, rodovia que pode ser construída por partes – primeiro as faixas centrais com um trevo de cada lado, depois as pistas laterais, que avançariam com o desenvolvimento normal da cidade. As instalações teriam sempre campo livre nas faixas verdes contíguas às pistas de rolamento. As quadras seriam arenas niveladas e paisagisticamente definidas, com as respectivas cintas plantadas de grama e desde logo arborizadas, mas sem calçamento de qualquer espécie nem meios-fios. De uma parte, técnica rodoviária; de outra, técnica paisagística de parque e jardins.”

Este o maravilhoso plano urbanístico, elaborado por LÚCIO COSTA para a cidade de Brasília.

Paralelamente ao Plano Urbanístico, foram elaborados, através de equipes capazes e em coordenação com Lúcio Costa, todos os planos do funcionamento da cidade: plano administrativo; plano educacional; plano médico-hospitalar; plano de assistência social; plano de abastecimento.

Foi planejado algo digno do século XXI, mas inúmeras mutilações estão deformando a cidade.

Aliás, vai aqui, para confirmar, uma declaração de Oscar Niemeyer perante a Comissão do Distrito Federal na Câmara dos Deputados, em 12 de julho de 1963:

“Brasília, está ficando uma cidade como as outras, pois o plano-piloto de Lúcio Costa vem sendo totalmente desvirtuado.”

BRASÍLIA – Capital aérea e rodoviária: Cidade Parque. Sonho arquiseular do Patriarca.”

ANEXO 2

Professores do Ensino Médio que atuaram na CASEB – 1960

Nº de Ordem	Nome
01	ACI NIGRI
02	AGENOR MARTINS RAPOSO
03	AGLALI MARIA COSTA
04	TALDA BALTZAR
05	ALMIR COÍMBRA
06	ALTAIR DE PAIVA
07	ANTÔNIO F.P. MAC DOWELL
08	ARLINDO M. RAPOSO
09	ARNALDO BERNSTEIN
10	CLARISSE JANNE FRANCE F. F. SILVA
11	CLÉLIA DE FREITAS CAPANEMA
12	DAISY COLLET DE ARAÚJO LIMA
13	DAISY REGINA NELLI PINTO
14	DARCYMIREN ISMAELINO R. BARROS
15	DORÁLIA SIQUEIRA DUARTE
16	ECILDA RAMOS DE SOUZA
17	EDUARDO JOBIM
18	EFY DE PAULA MOREIRA
19	ELDONOR DE ALMEIDA PIMENTEL
20	ELIANE MARIO LUCY SCHMITT
21	ELRESE METZKER PENNA BRESCIANINI

22	ENILDO CUEVAS DONADIO
23	EUGÊNIA GONTIJO
24	FRIEDMANN BACH DE CASTRO
25	GERALDO COSTA ALVES
26	GILDO WILLADINO
27	HÉLIO DE MACÊDO MEDEIROS
28	HÉLIO MÁRIO XAVIER
29	HERMÓGENES C. GOUVEIA
30	IRIS MORAIS DE MEDEIROS
31	JOSÉ SANTIAGO NAUD
32	JULIMAR TORRES HUNES LEAL
33	KLEBER FARIAS PINTO
34	LEDA MARIA CARDOSO NAUD
35	LIBÂNIA CARNEIRO RABELLO
36	LINA TÂMEGA P. DEL PELOSO
37	LUCY DE LIMA COIMBRA
38	LUIZ FERNANDES
39	MARIA CECÍLIA LOPES DA COSTA
40	MARIA CONCEIÇÃO DE FREITAS
41	MARIA DO SOCORRO J. EMERENCIANO
42	MARIA GENI FERREIRA DA SILVA
43	MARIA JOSÉ BRAGA RIBEIRO
44	MARIA LUIZA DE MEDEIROS BRITTO
45	MARIA NILDA MACIEL ILHA
46	MÁRIO SEBASTIÃO COUTINHO
47	MARIANA AGOSTINI DE V. ALVIM
48	MARLENE CRUZ MASI
49	MASSUMI DE CASTILHO RIBEIRO
50	MIRIAM GESSY OTTONI F. DA CUNHA
51	NANÉIA GOMES DE LYRA
52	NEUSA PINHO FRANÇA DE ALMEIDA